

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“AS MULHERES SEM TRANÇAS”: UMA ETNOGRAFIA DO MINISTÉRIO
PASTORAL FEMININO NA IECLB**

Florianópolis, junho de 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“AS MULHERES SEM TRANÇAS”: UMA ETNOGRAFIA DO MINISTÉRIO
PASTORAL FEMININO NA IECLB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Fátima Weiss de Jesus

Orientadora: Dra. Maria Amélia Schmidt Dickie

Florianópolis, junho de 2003


PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“AS MULHERES SEM TRANÇAS” UMA ETNOGRAFIA DO
MINISTÉRIO PASTORAL FEMININO NA IECLB.**

FÁTIMA WEISS DE JESUS

Orientadora: Dr^a. Maria Amélia Schmidt Dickie

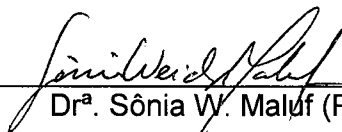
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



Dr^a. Maria Amélia Schmidt Dickie (UFSC-Orientadora)



Dr^a. Fabíola Rohden (UERJ/RJ)



Dr^a. Sônia W. Maluf (PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 16 de junho de 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradecer nem sempre é algo fácil, especialmente, quando nos damos conta de que o processo da escrita exige tanto de nós quanto das pessoas com as quais nos relacionamos. Por isso mesmo, corro o risco de deixar de mencionar algumas das tantas que contribuíram para a realização desta dissertação.

A minha família especialmente, a minha mãe Vilma que, em sua simplicidade e amor, procurou compreender meu esforço neste processo de escrita e viabilizou, juntamente, com meu pai Miguel, minha formação.

Ao Carlos, por todo o companheirismo, amor e dedicação, especialmente, nos períodos mais difíceis deste processo. E a seus pais, por me mostrarem, nas coisas mais singelas, a alegria de viver.

A minha turma de Mestrado de 2001, por ter compartilhado de muitos momentos nesta caminhada, especialmente à Rozeli, Ana Maria, Valéria, cujos telefonemas foram preciosos em horas difíceis.

Também à Suzana e Luciano Bornholdt, cuja amizade valiosa permitiu momentos de descontração e desabafo.

Às colegas e ao colega do NUR, que muitas vezes me socorreram nos momentos de pressa e ansiedade, especialmente à Deuci N. Gilioli, companheira desde a graduação em Ciências Sociais.

Aos professores e professoras do PPGAS, muitos deles responsáveis por minha opção pela Antropologia, já na graduação.

Ao Luís, Fátima e Karla da Secretária.

A Lílian Dickie, pela maneira graciosa com que me acolheu em sua casa no período de trabalho de campo em São Leopoldo.

Da mesma forma, à Márcia Paixão, Ricardo Fiegenbaum e Tobias, pela companhia e hospedagem.

Através da Pa. Dra. Wanda Deifelt, às teólogas e pastoras da IECLB, que realizaram junto comigo esta dissertação, pelas entrevistas concedidas, trocas de e-mails e correspondências.

Ao P. Prof. Dr. Martin Dreher, por sua atenção e por ceder materiais para a pesquisa.

Ao professor Alberto Groisman, pelas contribuições na defesa do projeto que foram importantes para a pesquisa e por aceitar participar de minha banca.

À Sônia W. Maluf, pelas sugestões na defesa do projeto, pelo acompanhamento aos primeiros escritos na disciplina de Redação e por aceitar o convite para compor a banca.

A Fabíola Rohden, por aceitar o convite para compor minha banca.

Especialmente a minha orientadora, Maria Amélia S. Dickie, por respeitar minhas opções, pelo carinho, amizade e pela convivência.

Ao CNPq, pelo financiamento de parte desta pesquisa.

A todos que andaram comigo e influenciaram, de uma forma ou outra, as decisões de minha caminhada: nadar contra a correnteza é preciso!

RESUMO

A presente etnografia trata sobre o ministério pastoral feminino na IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), tendo como foco as relações de poder e gênero presentes no processo de inclusão e de legitimação das mulheres no ministério pastoral. Através das falas de pastoras e teólogas sobre suas trajetórias individuais e sobre a inserção das mulheres neste campo, é possível compreender que essas mulheres constroem e percebem toda sua trajetória, baseadas na idéia de luta, e comunicam as estratégias que elaboram na persecução de uma mudança profunda na estruturação do ministério pastoral da IECLB. O argumento teológico luterano da igualdade de essência entre homens e mulheres fundamenta a luta.

ABSTRACT

This is an ethnography of the feminine pastoral ministry of IECLB. The focus is power and gender relations present in the process to legitimize the inclusion of women in the pastoral ministry. Female pastors and theologians speak about their individual trajectories and express their view of the insertion of women in this field of activity. They perceive and construct their trajectories based on the concept of struggle and open their strategies in pursue of a deep change in the structuring of the pastoral ministry in the IECLB. The Lutheran theological argument of the equal essence of all human beings is the fundament of their struggle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	PERFIL DAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA	36
QUADRO 2	OBREIR@S DA IECLB	53
QUADRO 3	CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS PELAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA ÀS LINHAS TEOLÓGICAS EXISTENTES NA EST	86
ORGANOGRAMA	ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA DA IECLB	38

SIGLAS E ABREVIATURAS

BI	BOLETIM INFORMATIVO DO CD
CADES	CENTRO ACADÊMICO Dr. ERNESTO SCHLIEPER
CD	CONSELHO DIRETOR DA IECLB
CEBs	COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE
EST	ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
FACTEOL	FACULDADE DE TEOLOGIA
IECLB	IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
IPT	INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO
JE	JUVENTUDE EVANGÉLICA
JESF	JUVENTUDE EVANGÉLICA SHALOM DE FLORIANÓPOLIS
JOREV	JORNAL EVANGÉLICO
LWF	LUTHERAN WORLD FEDERATION
ME	MOVIMENTO ENCONTRÃO
NPG	NÚCLEO DE PESQUISA DE GÊNERO
OASE	ORDEM AUXILIADORA DE SENHORAS EVANGÉLICAS
PPL	PASTORAL POPULAR LUTERANA
PPGAS	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
PPHP	PERÍODO PRÁTICO PARA HABILITAÇÃO AO PASTORADO
PT	PARTIDO DOS TRABALHADORES
TCC	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE SIGLAS

INTRODUÇÃO – DA AUSÊNCIA FEMININA ÀS MULHERES SEM TRANÇAS	11
CAPÍTULO I – PENSAR RELIGIÃO ATRAVÉS DO GÊNERO?	17
1.1 INDO DIRETO AO PONTO: ALGUMAS REFLEXÕES	17
1.1.1 RELIGIÃO: DAS MULHERES ÀS RELAÇÕES DE GÊNERO	19
1.1.2 PROTESTANTISMO?...PROTESTANTISMOS!	23
1.1.3 A ESPECIFICIDADE DO LUTERANISMO	25
1.2 CAMPO: <i>CAMINHO PERCORRIDO</i> E ALTERAÇÕES DE ROTA	26
1.2.1 REALIZAÇÕES EM CAMPO	27
1.2.2 AS ENTREVISTAS EM SÃO LEOPOLDO	28
1.2.3 OS E-MAILS	30
1.2.4 OS TEXTOS DA ACADEMIA	30
1.2.5 DOCUMENTOS, CARTAS E RECORTES	32
1.3 REFLEXÕES SOBRE O <i>CAMINHO PERCORRIDO</i>	33
1.4 AS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA	35
CAPÍTULO II – “MAIS CEDO OU MAIS TARDE”: A IECLB E AS MULHERES	37
2.1 A INSERÇÃO DAS MULHERES NA FACULDADE DE TEOLOGIA E A IECLB	37
2.1.1 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA IECLB	37
2.1.2 O INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO	41
2.1.3 A FACTEOL	42
2.1.4 A ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA (EST)	43
2.1.5 O DEBATE NA IECLB	44
2.1.6 AS DISCUSSÕES NA EST	47
2.1.7 AS PRIMEIRAS MULHERES	48
2.2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE TEOLOGIA FEMINISTA	49
2.3 A ATUALIDADE	52
CAPÍTULO III – TORNAR-SE, SER E ESTAR PASTORA: A LUTA	57
3.1 A LUTA DAS MULHERES E A “TRADIÇÃO PATRIARCAL”	57
3.1.1 OS TEXTOS BÍBLICOS E O PASTORADO FEMININO	58
3.2 AS VICISSITUDES DAS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES	62
3.2.1 A FAMÍLIA DE ORIGEM E A “VOCAÇÃO” PARA A TEOLOGIA	63
3.2.2 FALANDO DA, NA E PARA A ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA	66
3.2.2.1 Estudante de Teologia ou candidata à <i>Frau Pfarrer</i> ?	66
3.2.2.2 As exigências acadêmicas	68
3.2.3 DISCURSO SOBRE A CORAGEM E A LUTA	70
3.2.4 ORDENAÇÃO ... NÃO ORDENAÇÃO: CARREIRA, HIERARQUIA E PODER	75
CAPÍTULO IV – A CONSTRUÇÃO DE SI EM RELAÇÃO A OUTR@S	80
4.1 DIFERENÇAS ENTRE AS MULHERES	80

4.1.1 VETERANAS E NOVATAS: O GRUPO DE MULHERES	82
4.1.2 VETERANAS E NOVATAS: AS DISPUTAS AFETIVAS	83
4.2 DIFERENÇAS TEOLÓGICAS E A OPÇÃO DAS MULHERES	85
4.3 <i>EIN MAN SYSTEME</i> : O “PASTORCENTRISMO”	87
4.3.1 “NA IECLB, POR TRÁS DE CADA HOMEM HÁ SEMPRE UMA GRANDE MULHER”	90
4.4. IGUALDADE NA DIFERENÇA: REARRANJOS E ESTRATÉGIAS NO DISCURSO DE GÊNERO	92
4.4.1 A TEORIA DO GÊNERO E A “PRÁXIS” NA EST	93
4.4.1.1 O Núcleo de Pesquisa de Gênero	93
4.4.1.2 Ações afirmativas? “A proposta de política de cotas por sexo” na EST	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXOS	107

INTRODUÇÃO

DA AUSÊNCIA FEMININA ÀS MULHERES SEM TRANÇAS

Meu primeiro contato com este tema foi através daquilo que poderia chamar de *ausência*. Durante minha trajetória, como membr@¹ da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, sempre convivi num meio bastante masculino, sendo que poucas foram as mulheres presentes de uma forma marcante nessa vivência. A ausência contínua a minha volta, de mulheres líderes e pastoras, causava-me questionamentos que foram sendo alargados pelos conhecimentos adquiridos no curso de Ciências Sociais. Os textos que problematizavam as questões de gênero possibilitaram que eu desnaturalizasse as questões do cotidiano e problematizasse a participação das mulheres nas Igrejas.²

Minha inserção na Comunidade Evangélica de Florianópolis desde 1992 e minha intensa participação no grupo de jovens, a Juventude Evangélica (JE), permitiu-me pensar as relações estabelecidas nessa Igreja específica, especialmente, no que diz respeito à participação de mulheres em espaços de liderança. Em pesquisa realizada, em 1999³, percebi que as mulheres eram a maior parte d@s fiéis, participando ativamente na comunidade religiosa estudada⁴, entretanto eram poucas as que ocupavam uma posição na liderança local. Nesse sentido, pude também observar que os espaços ocupados por elas estavam muito

¹ O uso de @ serve como recurso para englobar homens e mulheres na tentativa de não definir o masculino como sinônimo de humanidade. Sobre este recurso, ver: Miguel, 2000. Procuro utilizar esse símbolo sempre que me refiro a situações onde uma linguagem inclusiva deva ser usada, na falta de um correspondente feminino de adjetivos ou substantivos, como por exemplo na palavra *membro*, que não possui como feminino a palavra *membra* (não existente em português).

² Minhas primeiras incursões de campo na graduação ocorreram já direcionadas para este tema. Agradeço ao Prof. Rafael M. Bastos pelos primeiros incentivos ao trabalho de campo em Antropologia e a Prof^a Maria Regina Lisboa que como professora de Métodos e Relações de Gênero se prontificou a orientar-me em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

³ Meu Trabalho de Conclusão de Curso para titulação de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina, orientado por Maria Regina Lisboa, enfoca a participação de mulheres no presbitério (grupo de leigos eleito para coordenar a comunidade/paróquia), consistindo basicamente na compreensão de como acontece a participação das presbíteras nas decisões da Igreja.

⁴ Comunidade Evangélica de Florianópolis, pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

ligados à tarefas consideradas “da casa”, ou seja, aquelas “tradicionalmente” femininas, como organizar cafés, recepções e garantir a manutenção do jardim, enquanto os homens ficavam encarregados das tarefas “mais administrativas” e financeiras (DA MATA, 1987).

Meu Trabalho de Conclusão de Curso deu ênfase às mulheres pertencentes ao Presbitério da Comunidade Evangélica de Florianópolis, eleito pela Assembléia Geral, que, segundo o regimento Interno da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), tem as seguintes características:

Art.6º - A Assembléia Geral é o órgão máximo da Comunidade, como foro de diálogo, discussão e decisão sobre os assuntos relacionados com a sua missão, e reúne os irmãos na fé com a finalidade de deliberarem sobre todas as perguntas referentes à Igreja de Jesus Cristo neste mundo, visando o crescimento da obra redentora de Deus entre as pessoas.

Parágrafo único - A Assembléia Geral da Comunidade requer a participação responsável e ativa de cada um dos seus membros, os quais contribuirão, assim, nas deliberações que a Comunidade deve tomar em todos os setores de sua vida espiritual, assistencial e administrativa.

Art.7º - A Assembléia Geral elege o Presbitério, que tem a responsabilidade de dirigir a Comunidade, responde pela execução das resoluções da mesma e assegura a continuidade do trabalho eclesial em todos os seus setores. (IECLB, REGIMENTO INTERNO, 1998).

As atividades desempenhadas por homens e mulheres, neste mesmo espaço de liderança - o presbitério -, eram diferenciadas. No espaço “público”, as mulheres transpunham uma vivência do espaço “privado”, isto é, o feminino era visto (por elas mesmas) como “tradicional”, diferenciando mulheres de homens e associando mulheres a tarefas domésticas.

Mesmo depois de realizada essa pesquisa, o problema da ausência ainda provocava em mim uma certa inquietude. Até, então, em toda minha vida, eu nunca conversara com uma mulher pastora, e isso havia se tornado uma espécie de anedota. Certa vez, numa das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)⁵, quando

⁵ A disciplina a que me refiro é Relações de Gênero, ministrada pela professora Dra. Miriam Pillar Grossi. Essa disciplina foi fundamental para que eu pudesse mergulhar definitivamente no campo de inter-relação entre gênero e religião.

conversava com colegas sobre pesquisas que estávamos desenvolvendo, resolvi contar o fato de eu nunca ter estado na presença de uma pastora, de qualquer religião que fosse, e nem mesmo saber "como elas eram". A professora, na tentativa de sanar (ou despertar ainda mais minha curiosidade), afirmou entusiasmada, em tom de brincadeira: "Elas são lindas, algumas têm umas tranças compridas!".⁶ Agora, depois de um pequeno caminho percorrido, posso dizer que encontrei mulheres teólogas e pastoras, não exatamente as que a professora disse que encontraria: elas não usam tranças!

Esta pequena apresentação de minha pesquisa revela exatamente o que quero desenvolver ao longo desta dissertação – uma etnografia das mulheres sem tranças. Isto é, quero partir de suas próprias trajetórias e reflexões para compreender o processo de inserção no pastorado e percepções de gênero, assim como poder ver quais são os cortes e penteados que elas desfilam, sem ter em mente a frustração por não ter encontrado suas tranças. Adianto, porém, agora, que essa trajetória me foi narrada como sendo de luta e re-elaboração (re-significação) de concepções e fazeres na Igreja e na sociedade.

O conceito de gênero, que tomei como mais significativo para pensar a inserção da mulher no ministério pastoral, é o de dimensão dupla, elaborado por Scott: "1. O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; 2. o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder".

Assim, partindo da definição de Scott de gênero como uma construção social, considero que a religião, como produto e produtora de representações simbólicas, também legitima determinadas concepções de masculinos e femininos. Essas concepções favorecem ou não a participação da mulher no "corpo de especialistas religiosos". As diferenças

⁶ A professora Mirim Grossi estava se referindo às pastoras que costuma encontrar nos encontros que abordam temáticas comuns em *Relações de Gênero* (como os promovidos pelas Católicas Pelo Direito de Decidir). Quando contei esta anedota para Maria Amélia, minha orientadora, as tranças evocaram em sua memória um estereótipo da moça alemã, que geralmente usava tranças, constante em sua infância e adolescência no Rio Grande do Sul. Nossas conversas sobre estas lembranças suscitaram algumas questões presentes nesta etnografia.

construídas/atribuídas entre os sexos servem para determinar tipos de “competências”, como a religiosa.

Defino essa esfera de atuação das mulheres teólogas e pastoras como **campo religioso**, através de Bourdieu (1992), isto é, entendendo-o como um espaço social caracterizado pelas disputas entre especialistas religiosos e leigos (aqueles estranhos ao sagrado e/ou ao corpo administrador do sagrado). E, principalmente, como um espaço social marcado pelas relações de disputas, no meio dos diversos especialistas, entre si, pela imposição do religioso e das diferentes maneiras de desempenhar as ações religiosas e, conseqüentemente, pelas disputas em torno da acumulação dos capitais religiosos.

Esse autor é importante para a compreensão da legitimação desse conhecimento específico (Capital Religioso), para que as mulheres alcancem o pastorado e estejam no mesmo patamar de autoridade de seus colegas homens. Segundo Bourdieu (1998), há um poder simbólico que se apresenta na forma de um discurso institucional.

No entanto, o discurso de autoridade só pode ser compreendido e, principalmente, reconhecido enquanto tal, se a pessoa está autorizada e legalizada a fazê-lo. As mulheres da IECLB configuram o quadro de disputas pela legitimação e autoridade religiosas na medida em que têm se dedicado a legitimar-se enquanto teólogas e pastoras, portanto, *combatendo* no campo religioso.

Dessa maneira, direciono meu olhar da perspectiva das relações de gênero, procurando compreender a percepção das mulheres sobre si, seu lugar na Igreja, as relações de poder das quais são parte e sua perspectiva teológica em relação ao sacerdócio e às práticas religiosas. Considero importante compreender como elas se vêem enquanto indivíduo@, sujeit@ produtor@ de significados, posto que, como parte da *intelligentsia* da Igreja, refletem sobre sua condição e atuação nela, enfocando os planos de construção da identidade de gênero, das relações de poder (sobretudo o simbólico) e da hierarquia.

Penso, igualmente, ser de extrema importância identificar os lugares ocupados por mulheres pastoras nos diversos espaços da organização da Igreja, bem como as suas formas de legitimação no exercício desse pastorado. Assim, partindo das suas próprias definições e conceitos realizo neste trabalho a tentativa de compreender a trajetória⁷ das teólogas na IECLB, privilegiando relações de gênero/poder.

O primeiro capítulo é dedicado a algumas questões teóricas. Nele busco localizar a pesquisa no campo da Antropologia e entre os estudos de Gênero e Religião. Também, exponho o caminho por mim percorrido para que esta etnografia pudesse ser realizada. Nesse sentido, elaboro uma pequena reflexão sobre a metodologia de pesquisa nas Ciências Humanas, especialmente, na Antropologia. Encerro o primeiro capítulo, com a tentativa de traçar um perfil geral das interlocutoras da pesquisa, visando preparar a leitura das partes seguintes.

O segundo capítulo discorre sobre uma série de aspectos históricos (contextuais) que auxiliam a compreensão do processo de inserção das mulheres na formação teológica e no ministério pastoral da IECLB. Remete especialmente ao período fundamental do processo de legitimação das mulheres no estudo teológico (com fins pastorais) na IECLB, seus desdobramentos na Escola Superior de Teologia e na própria IECLB.

O terceiro capítulo expõe as experiências das pastoras e teólogas entrevistadas a partir de aspectos relevantes levantados durante o processo da pesquisa, extraídos fundamentalmente das entrevistas realizadas. A intenção desse capítulo é trazer a perspectiva das próprias pastoras e teólogas acerca das suas experiências individuais e das relações das mulheres com a IECLB.

O quarto capítulo é a tentativa de problematizar aspectos importantes do processo de

⁷ Neste trabalho, o conceito de trajetória (das mulheres) estará sendo usado conforme o definido por Bourdieu: a série de posições sucessivas ocupadas pelo mesmo agente em estados sucessivos do campo em que se insere, sendo essa trajetória sempre definida relacionalmente.

inserção das mulheres no pastorados assim como elementos fundamentais de suas trajetórias individuais. (Caps. II e III). Nesse capítulo, a teologia feminista é destacada como elemento de re-significação e estratégia para legitimação das mulheres nas esferas de poder da Igreja e da Sociedade.

CAPÍTULO I

PENSAR RELIGIÃO ATRAVÉS DO GÊNERO?

A construção do objeto [...] é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridos pelo que se chama de ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo maiúsculas e decisivas (BOURDIEU, 1989, p. 27).

1.1 INDO DIRETO AO PONTO: ALGUMAS REFLEXÕES

Não pretendo que esta dissertação seja um tratado sob nenhum aspecto. No entanto, considero importante realizar uma pequena reflexão, em torno do campo de estudos de gênero e religião - onde localizo este trabalho -, considerando alguns de seus estudos (da inter-relação entre gênero e religião). Tal reflexão fez farte do processo de construção do objeto desta pesquisa.

Minha primeira impressão é de que mapear todas as temáticas envolvidas neste campo seria um grande passo para que novas possam surgir e para que questionamentos sobre a abordagem de certos assuntos sejam introduzidos na reflexão sobre a produção de conhecimento nesta área de estudo específico.

Minha opção é, neste momento, realizar um pequeno esforço reflexivo em torno da **categoria de gênero**, em algumas das *principais temáticas abordadas no campo de trabalho de gênero e de religião*, privilegiando estudos e reflexões mais recentes (meados da década de 1990), considerando que os mesmos têm uma história de pelo menos 30 anos.

É interessante notar que as grandes temáticas que permeiam as discussões em torno da categoria de gênero não têm focado os estudos sobre religião, tendo abordado na maior parte das vezes as questões que dizem respeito ao trabalho, violência e sexualidade (CAVALCANTI; FRANCHETTO; HEILBORN, 1981; HEILBORN, 1992; SORJ; HEILBORN, 1999). Contudo, é sabido que esse campo tem crescido muito, seja na ênfase

dada às Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), aos pentecostais e a outros grupos que têm tido menos destaque.

Nos poucos estudos que focalizam este cruzamento entre religião e gênero, é possível perceber uma trajetória, no uso do conceito de gênero, bastante semelhante ao tratamento de outros temas específicos. Pesquisadoras que privilegiam investigações sobre a violência, trabalho ou sexualidade estão inseridas no mesmo contexto acadêmico e social das pesquisadoras do campo da religião e gênero.

Autoras como Grossi e Miguel (1990) apontam uma preocupação inicial da Antropologia para a questão dos “papéis sexuais” ainda na Escola Cultura e Personalidade. No Brasil, os primeiros estudos estão ligados ao feminismo e têm como foco a “condição feminina” e os “estudos sobre as mulheres”. Essa aproximação entre “feminismo e academia” dá o tom dos trabalhos sobre as mulheres a partir da década de 70 e traz consigo uma noção de gênero que não contempla a dimensão relacional (CAVALCANTI; FRANCHETO; HEILBORN, 1981). Mas, a partir da década de 80, começa uma paulatina substituição do termo “mulher”, entendido como uma “categoria empírica/descritiva”, pela categoria de “gênero”, uma “categoria analítica”, introduzida no Brasil através das acadêmicas norte-americanas.

Tal mudança acarretou a rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual” e deu ênfase aos aspectos relacionais e culturais da construção social do feminino e do masculino (GROSSI; MIGUEL, 1990; SORJ; HEILBORN, 1999). Segundo Scott (1990), as pesquisadoras feministas concebiam que a noção de gênero viria levantar não só “novas” temáticas, mas também impor uma revisão das bases do pensamento científico.

Somente nas últimas duas décadas, com o uso do termo/categoria/conceito de “gênero”, que os trabalhos têm sido direcionados ao seu aspecto relacional, em que a

compreensão e a reflexão acerca das mulheres implicariam necessariamente na reflexão acerca dos homens (SCOTT, 1990), sendo que uma nova temática tem surgido com grande ênfase nos estudos sobre masculinidades.

No final dos anos 80 e início dos anos 90, o tema "mulher" começa a se deslocar para os estudos sobre as relações de gênero, sendo que a produção teórica e as pesquisas na área passam a ser feitas *também* por pesquisador@s sem uma influência marcante do movimento. Os estudos passam a contar com pesquisadoras que não se consideram feministas (pertencentes ao movimento) e com pesquisadores homens não ligados diretamente com a prática do feminismo.

1.1.1 RELIGIÃO: DAS MULHERES ÀS RELAÇÕES DE GÊNERO

Em se tratando especificamente dos campos de gênero e religião, Couto (1999), que tem realizado uma importante pesquisa sobre a trajetória dos estudos de gênero, especialmente no pentecostalismo e no catolicismo, defende que a pobreza tem sido um elemento fundamental para entender as mudanças no campo religioso nacional. A autora remete a uma gama de estudos na qual a preocupação central está na relação da religiosidade com a pobreza, principalmente, com as mulheres pobres.

Segundo Couto (1990), o

duplo caráter de marginalização, via classe e gênero, e as possibilidades abertas por esses grupos religiosos aos sujeitos marginalizados, parecem mover os estudiosos na busca do entendimento da afinidade eletiva entre a mulher e a religiosidade no contexto de pobreza [...]. É esta, fundamentalmente, a questão primeira dos estudos de religião com base numa perspectiva de gênero.

O foco, então, neste primeiro momento dos estudos recai sobre as mulheres e sobre as “questões das mulheres” pobres e marginalizadas, via classe e via gênero.

Ainda, de acordo com Couto, os estudos dividem-se em duas grandes linhas

interpretativas. Uma primeira, ligada ao “feminismo da igualdade” [...] considera que a magia e o emocionalismo presente no pentecostalismo vem servir para um reforço da posição subalterna da mulher na religião e na sociedade” e uma outra linha que “busca entender o significado das trajetórias religiosas das mulheres e as possíveis transformações processadas em suas vidas [...] numa possível diminuição da opressão feminina” (COUTO, 1990).

Mesmo reconhecendo o aspecto relacional do estudo de gênero nas investigações recentes, a ênfase analítica ainda repousa sobre a mulher. Em algumas exceções, os homens são o foco, como em Mariz (1994), que trata da recuperação de homens alcoólatras. Os estudos de Maria das Dores Campos Machado (1995 e 1998a) e outros buscam a análise dos desdobramentos da adesão religiosa, seja masculina ou feminina, na esfera familiar, assim como de outras temáticas como as relações conjugais, planejamento familiar, aborto e comportamento reprodutivo que também são consideradas sob a ótica do gênero, no qual o masculino não é apenas um mero coadjuvante, embora a grande referência ainda seja posta nas mulheres (MACHADO, 1995, 1998, 1998a; MACHADO; MARIZ, 1995).

Um outro campo de estudo ainda pouco explorado é o das religiosas (freiras, teólogas e pastoras). Grande parte dos artigos fala sobre freiras (FERNANDES, 1999; ROSADO NUNES, 1998; GROSSI, 1990 e 1995), destacando a percepção de gênero e representações de envolvimento com os movimentos de mulheres católicas; também há estudos sobre vocação e poder religioso.

Miriam Grossi, ao tratar da temática da "vocação religiosa feminina", entre freiras de Santa Catarina, permite pensar sobre a "vocação" como projeto e realização individual. Essa perspectiva parece ser interessante para refletir sobre a decisão das teólogas pela carreira religiosa, ou seja, pelo pastorado. Apenas faço a ressalva de que a vocação para @s protestantes não se refere apenas á esfera religiosa (WEBER, 1967).

No que tange às teólogas (majoritariamente católicas, mas também protestantes), o

trabalho de referência no Brasil é de Fabíola Rohden (1995), que desdobrou sua dissertação em alguns artigos, publicados em 1996 e 1997. A proposta de seu trabalho é a exposição do conjunto de idéias que compõem a Teologia Feminista no Brasil, tendo como foco o pensamento de teólogas reconhecidas no Rio de Janeiro, privilegiando a análise de suas produções, na tentativa de identificar um novo tipo de reflexão feminista, em contraste com outras linhas leigas da mesma natureza.

Com respeito às pastoras, localizei o trabalho de Santos (2002), que teve como objetivo compreender o discurso de mulheres que alcançaram o ministério pastoral em diversas igrejas protestantes, identificando as *contradições* que emergem, seja quando tentam *justificar* o seu direito ao cargo, seja quando descrevem a forma pela qual conciliam trabalho e família no exercício do ministério.

Até este momento, minha síntese recaiu especificamente sobre as religiões chamadas cristãs, no entanto, é importante mencionar que estudos sobre religiões afro-brasileiras apontam, pelo menos no que diz respeito aos “papéis” que homens e mulheres executam nessas religiões, para uma horizontalidade nas relações de gênero, ou seja, para um modo específico de lidar com as questões hierárquicas e de poder (BIRMAN, 1995). Qualquer homem ou mulher iniciados dentro do culto afro tem a possibilidade aberta de tornar-se chefe de uma família de santo (SEGATO, 1995).

Segato (1995, p. 421) afirma que no culto Xangô, de tradição Nagô, há “um esforço sistemático de liberar as categorias de parentesco, personalidade, gênero e sexualidade das determinações biológicas e biogenéticas a que se encontram ligadas na ideologia dominante da sociedade brasileira”. E, mais, que “o determinante natural do sexo biológico é subvertido na definição do gênero da personalidade pela atribuição de um orixá na ‘cabeça’ da pessoa” (SEGATO, 1995, p. 431).

É importante que eu mencione tais aspectos nos cultos afro-brasileiros para ser

possível dar a dimensão exata de minha pesquisa e perceber que ela é apenas o recorte de uma das possibilidades que oferece o campo religioso no Brasil, no que diz respeito ao sacerdócio feminino⁸.

Ao retornar às discussões específicas do cristianismo, volto a utilizar Rohden como referência. A autora afirma que o pano de fundo de sua dissertação é a discussão acerca da “interpolação entre ‘feminismo’ e ‘academia’“. A pretensão desse trabalho, segundo a autora, é mostrar como a chamada Teologia Feminista, que se constituiu a partir de meados da década de 80, no Brasil, significa uma “singular investida” na composição entre religião e feminismo, algo aparentemente distante, mas que se inicia a partir de um “movimento de mulheres” dentro da Igreja (ROHDEN, 1995, p.1-2).

Rohden descreve essa investida como uma “reencenação” com originalidade de antigas tensões, como aquelas advindas da oposição “igualdade x diferença”. Para a autora, a Teologia Feminista é “[...] essa reunião de pensamentos e propostas dotados de coerência e significação e intrinsecamente ligados”, que é o objeto do seu trabalho. Seu tema não é abordado da perspectiva de um grupo ou movimento político. Assim, a ênfase é dada às “representações que aparecem no discurso teológico feminista”, na busca de uma “narrativa” e não na procura de uma análise sociológica do grupo (ROHDEN, 1995, p. 2-3).

É a partir da reflexão das próprias teólogas que Rohden chega à dicotomia “hierarquia” e “igualdade”, inserindo-a, como ela mesma diz, numa tensão mais ampla, entre “universalismo” e “particularismo”, que, segundo ela (numa releitura de Dumont), está presente na sociedade, a da “experiência moderna”. Segundo a autora, nessa experiência, a

⁸ Aconteceu em Setembro de 2002, no projeto Antropologia e Cidadania, promovido pelo PPGAS, uma mesa redonda, organizada pelo NUR (Núcleo de Antropologia das Religiões) cuja temática era Sacerdócio Feminino e Cidadania. A mesa era composta por mulheres que desempenhavam a função de sacerdotisas em suas religiões. Participaram: uma pastora metodista, uma pastora luterana (IECLB), uma Mãe de Santo e uma representante da Igreja Messiânica. Minha orientadora, Maria Amélia S. Dickie, atuou como mediadora. Esta mesa foi de fundamental importância para que eu percebesse as diferentes concepções das mulheres acerca da sua figura como sacerdote e como estas religiões trabalham questões de gênero internamente.

valorização de um substrato único e universal se contrapõe à preeminência de uma “singularidade”, que define cada ser. E a consideração de homens e mulheres, dotados igualmente desse substrato, contrasta com a singularização por características particulares de sexo ou gênero.

Essa tensão expressaria uma “tensão” mais ampla, entre o “Universalismo” e o “Romantismo”, entre o “universal” e o “singular”, que para a autora pode ser traduzida nos termos “individualismo” e “holismo”, na valorização do princípio da “igualdade” ou da “hierarquia” (ROHDEN, 1995, p. 5-6).

De maneira periférica, a autora faz uma comparação entre a Teologia Feminista católica e a protestante, defendendo que o grande diferencial nas duas perspectivas está na possibilidade de ordenação das teólogas protestantes e a impossibilidade e não reivindicação por parte das católicas de exercer um ministério ordenado. Aponta, portanto, para diferenças entre especialistas religiosas em função das instituições/hierarquias nas quais se inserem. A autora caracteriza a Teologia Feminista católica como essencialmente um “feminismo da diferença” (portanto distante dos ideais do movimento feminista leigo “da igualdade”) e a protestante como estando mais próxima de um diálogo com o feminismo “leigo” e dos ideais de igualdade.

1.1.2 PROTESTANTISMO?... PROTESTANTISMOS!

Ao considerar de maneira ainda superficial a gama de investigação que envolve o campo de gênero e religião, é possível afirmar que muitas temáticas estão em desenvolvimento e outras que historicamente poderiam ter sido abordadas ainda são pouco exploradas. Isso acontece com o caso das igrejas do *protestantismo histórico*⁹ e com a ordenação de mulheres para o exercício do ministério pastoral, a qual ocorre no Brasil desde a

⁹Para esta categoria, ver Mendonça, 1990.

década de 70, mas que não tem sido objeto de tão extensa reflexão. Há trabalhos de teólogas e pastoras que tratam deste assunto, mas também não são muito numerosos.

Apesar de levar em consideração as autoras (do campo de estudos de Gênero e Religião), a questão do sacerdócio feminino parece ser ainda pouco problematizada no Brasil. A maioria das autoras pesquisadas privilegia as fiéis em detrimento das mulheres pertencentes ao corpo de especialistas religiosos (à exceção de Rohden e Santos, já mencionadas). Talvez essa perspectiva se deva ao fato de que as mulheres são a grande “massa” de fiéis das igrejas, mas não têm “visibilidade”. Esse é o ponto central das autoras, dar voz ao invisível.

Assim, na tentativa de tornar visível ou “dar a voz” às mulheres, grande parte dos estudos de gênero e de teóricas feministas privilegia as fiéis, a “massa”. A questão da “visibilidade” tem marcado a trajetória dessas análises. Por outro lado, nas igrejas protestantes históricas que instituíram o pastorado para as mulheres (a partir da década de 70), elas constituem apenas uma pequena parcela do corpo de especialistas religiosos. Nesse sentido, é possível pensar na problemática da visibilidade da mulher, tendo em mente o fato de que mesmo estando em grande maioria nos bancos das igrejas, não ocupam os púlpitos na mesma proporção.

Outra característica recorrente nos trabalhos que contemplam as temáticas do gênero e da religião é o uso genérico da categoria *protestante* que considero muito ampla. Até em estudos comparativos, há sempre a definição de um grupo específico, como por exemplo, o católico, sendo que os outros grupos religiosos ficam englobados pela categoria abrangente protestantes, não contemplando, segundo minha visão, as dimensões específicas dos diferentes grupos religiosos, ou mesmo dos diferentes protestantismos (histórico, pentecostal, neopentecostal), muitas vezes, imputando ao *católico* uma homogeneidade não existente. Além do mais, considero que a categoria *católico* pode sofrer o mesmo grau de generalização,

se atentarmos para as diferentes vertentes do catolicismo (Teologia da Libertação, Movimento Carismático).

No entanto, existem estudos que focam as especificidades. Machado e outras autoras têm realizado muitos trabalhos sobre aspectos do Movimento Carismático e das CEB's na Igreja Católica. Rohden tem sua perspectiva direcionada para um setor específico, o das teólogas feministas católicas, caracterizado por uma formação teológica e também por uma ideologia individualista.

1.1.3 A ESPECIFICIDADE DO LUTERANISMO.

Como já mencionei, um aspecto que destaco no trabalho de Rohden é a questão da diferença e da igualdade. Portanto, proponho pensar especificamente o luteranismo dentro dessa suposta oposição. Penso que a partir do conteúdo da Reforma, na Igreja Luterana (assim como em grande parte das protestantes), o discurso parece estar mais próximo de um sentido de igualdade que não diferencia homens e mulheres, como o faz a Igreja Católica. No entanto, mesmo sendo o conteúdo da Reforma de Lutero fundamentado na idéia igualdade, não gerou proposições de superação das desigualdades de gênero no interior da religião.

A formulação do conceito de igualdade no luteranismo está associada à idéia de que ambos são iguais perante Deus, como humanos, isto é, iguais em “essência”. No entanto, exercem diferentes papéis, o que na realidade explicitaria as diferenças de “função”¹⁰ (BAUBÉROT, 1990). Apesar disso, a partir do momento em que se inserem como pastoras, a perspectiva das mulheres na IECLB aponta para que essa “Igualdade de essência” deva ser estendida também para uma “Igualdade de função”.

¹⁰ O uso dos termos “essência” e “função” está ligado especialmente ao corpo doutrinário da Reforma (BAUBÉROT, 1990). “A idéia global de Lutero é a seguinte : qualquer cristão batizado ‘pode gabar-se de ser já consagrado padre, bispo e papa ainda que não convenha cada um exercer semelhante função.” (op. cit. p.239)

Aqui, finalmente, chego ao cerne de minha pesquisa que é compreender o significado que as mulheres atribuem à presença feminina no exercício do pastorado. Pretendo realizar isso através do discurso sobre a trajetória e a experiência de mulheres pastoras e teólogas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Como já citei anteriormente, muitas Igrejas Protestantes instituíram o sacerdócio feminino a partir da década de 1970, entre elas a IECLB. Sua Faculdade de Teologia (EST) abriu as portas às mulheres na década de 50, mas sua inclusão no corpo de especialistas religiosos é recente (década de 70).

Nos Estados Unidos, a ordenação de mulheres na Igreja Luterana Alemã acontece a partir da década de setenta, mas, como nas outras denominações protestantes, isso não assegurou que as mulheres tivessem acesso a todos os espaços possíveis dentro das instituições religiosas:

Equal access to the ordained ministry has not resulted in equal access to positions of leadership traditionally available to the clergy. Everywhere women ministers face longer periods of unemployment, lower salaries, less opportunity to shoulder full responsibility for parishes- especially large ones- and less likelihood of appointment or election to leadership positions within ecclesiastical structures (RUETHER; MCLAUGHLIN, 1979, p. 303)

Essa disparidade entre o acesso de homens e mulheres às posições de liderança e aos espaços de poder é localizada no interior das igrejas protestantes no Brasil (SANTOS, 2002) e também na IECLB.

1.2 CAMPO: CAMINHO PERCORRIDO E ALTERAÇÕES DE ROTA

Quando o projeto foi elaborado, eu ainda não havia sido contemplada com a bolsa/CNPq, o que acabou definindo uma estratégia de pesquisa que privilegiava o material documental (atas, cartas, estatutos, pareceres, reportagens e etc.) e os contatos via e-mail (entrevistas *on line*) com as pastoras e teólogas da IECLB.

Muitos contatos por e-mail foram estabelecidos e obtive respostas positivas a minha intenção de pesquisa de grande parte das mulheres contatadas. Porém, o intervalo de tempo, entre o envio de minhas correspondências e a resposta das mulheres, foi bastante grande. Quando enviei o roteiro¹¹ para que elas escrevessem sobre sua trajetória, recebi efetivamente apenas quatro textos, que demandavam, de minha parte, um retorno a muitas questões que ainda estavam em aberto. Algumas mulheres que não enviaram textos narrando suas trajetórias, escrevem esporadicamente, mandando notícias e arquivos com informações e documentos que julgam me interessar. Esses e-mails informam sobre discussões recentes nas temáticas de gênero e da mulher na Igreja.

No início do ano de 2002, com a defesa do projeto e depois de ter sido contemplada com a bolsa, decidi que realizar entrevistas pessoais seria fundamental para a realização da pesquisa, pois queria ter contato com o ambiente de discussão que descobrira existir na Faculdade de Teologia em S.Leopoldo. Então, fui ao Rio Grande do Sul visitar a Escola Superior de Teologia, coletar documentação e conviver durante uma semana com teólogas e pastoras, sendo que lá realizei entrevistas com algumas delas.

Em 30 de junho de 2002 fui à Blumenau, para acompanhar a *investidura* de Mariane Bayer Ehrat, no cargo de Pastora Sinodal do Sínodo Vale do Itajaí. Essa foi a primeira vez que uma mulher assumiu tal função na IECLB.

1.2.1 REALIZAÇÕES EM CAMPO

A viagem para São Leopoldo aconteceu na primeira quinzena de março de 2002 e fiquei lá pouco mais de uma semana. Já tinha uma agenda provisoriamente estruturada com algumas entrevistas marcadas e com as tarefas que deveria priorizar.

¹¹ O roteiro a que me refiro está anexado ao final do trabalho.

Nessa semana realizei oito entrevistas, baseadas no mesmo roteiro elaborado para a coleta de narrativas via e-mail, que tiveram um tempo de duração bastante variado (os encontros duraram entre 2 e 6 horas) e foram realizadas no local escolhido pelas colaboradoras da pesquisa. Grande parte das entrevistas foi realizada nas dependências da Escola Superior de Teologia (EST), apenas duas foram feitas nas casas das informantes ou colaboradoras da pesquisa¹². Realizei também uma entrevista com um ex-professor desta faculdade que durante anos organizou e ministrou seminários sobre a “história da mulher na Igreja”.

Particpei de um encontro do Núcleo de Estudos de Gênero da Escola Superior de Teologia, onde pude entrar em contato com uma dimensão não pensada anteriormente para o meu trabalho: a Teologia Feminista/feminismo como um importante componente na atuação e percepção das mulheres dentro da EST e também em seus trabalhos pastorais.

Durante esse curto período de campo, pude realizar uma pesquisa na biblioteca da EST e entrar em contato com a produção acadêmica das próprias teólogas/pastoras e estudantes de Teologia. Recolhi documentos, atas, trabalhos e outros materiais bibliográficos que encontrei a respeito do sacerdócio de mulheres na IECLB.

1.2.2 AS ENTREVISTAS EM SÃO LEOPOLDO

As entrevistas foram feitas com base no roteiro que segue em anexo, com exceção da realizada com o ex-professor da EST. O objetivo desse roteiro era servir apenas como referência. Assim, durante as entrevistas, procurei trabalhar os aspectos que interessavam à

¹² Coloco estas duas categorias em relação de equivalência pois não pretendo dar ênfase na relação sujeito x objeto, mas entendo o processo de pesquisa como uma relação entre sujeito x sujeito. Para essa discussão, ver: Geertz, 2000. Nesse sentido, a experiência de pesquisa também me insere no próprio movimento de construção das mulheres na IECLB. Minha condição de membr@ da IECLB e meu interesse pela temática acabaram por identificar-me como uma igual nos diálogos sobre as mulheres na Igreja.

pesquisa, a partir de cada relato, por isso as narrativas variaram muito em sua forma. Como minha ênfase estava sendo dada à percepção das mulheres, procurei deixá-las “livres” para falarem de suas experiências na Igreja e sobre questões que elas consideravam importantes para minha etnografia¹³: sempre antes das entrevistas conversávamos um pouco sobre o meu trabalho e eu tentava responder a todos os questionamentos. Nesse sentido, foi possível analisar as entrevistas, pensando também em seu contexto, isto é, em momentos onde as perguntas não eram respondidas, quando havia mais entusiasmo, momentos em que as entrevistadas davam pistas para ir adiante e outras situações singulares.

Percebi durante as entrevistas que muitas das mulheres ficavam emocionadas em contar sua história e em saber que alguém “de fora” tinha interesse em saber sobre sua trajetória.

As entrevistas, muitas vezes, foram realizadas em meio a um turbilhão de emoções. Num dos encontros, a pastora parecia tão feliz em estar me contando sua história e tão entusiasmada em fazê-lo que quase não precisei recorrer ao meu roteiro de questões para que as minhas “perguntas” fossem “respondidas”. Entramos num *diálogo* que acabou em lágrimas de ambas as partes.

Com outra pastora convivi um tempo maior, participando de todas as atividades previstas para aquele dia. Em sua casa, a entrevista foi sendo realizada com repetidas pausas, ora para o cumprimento de suas atividades, ora porque ela pedia para se *recuperar* um pouco das *sensações* que *relembrar* sua trajetória lhe causava.

Foi neste *clima* intenso, porém, de curta duração que realizei as entrevistas a partir das quais construí esta etnografia.

¹³ Há inúmeras restrições feitas por pesquisadores ao uso do gravador como recurso metodológico, sobre isso ver em Queiroz, 1988. Todavia - e esta é a razão de minha opção por seu uso -, esse recurso oferece a possibilidade de @ pesquisad@r atentar para o momento de entrevista como uma experiência de diálogo, sem ser necessário preocupar-se em anotar palavra por palavra do que está sendo dito.

1.2.3 OS E-MAILS

Os relatos por e-mail eram bastante mais curtos que as entrevistas e geralmente se concentravam em responder de maneira bem objetiva “as perguntas” do roteiro. Por mais que eu tenha insistido para que as pastoras/teólogas fossem as mais extensivas possíveis, justificando que o roteiro era apenas para “dar uma idéia” do que eu esperava delas, os textos nunca alcançaram mais do que cinco páginas. Avalio que tal situação se deva principalmente à natureza do texto de e-mail, geralmente, curto e monossilábico. Não posso avaliar, nesses casos, os silêncios¹⁴!

Minha primeira preocupação foi perceber as especificidades na construção dos dois discursos (as entrevistas e os relatos). Primeiro, porque o contexto era demasiado diferente: nas entrevistas, as respostas eram dadas no calor do diálogo, sem muito tempo para a elaboração, existindo intersubjetividade. Nos relatos, havia uma tentativa bastante grande de objetividade, e a preocupação com a construção de um discurso coerente ficava muito mais evidente. No decorrer do trabalho, minha ênfase foi sendo dada às entrevistas gravadas.

1.2.4 OS TEXTOS DA ACADEMIA

Os textos foram selecionados por mim, pois tratavam do processo de inclusão das mulheres no estudo de Teologia e no pastorado na IECLB, auxiliando-me a compreender como o processo de inclusão de mulheres no pastorado é percebido por elas dentro da academia e também porque esses trabalhos tratam de sua inserção no pastorado e/ou seu

¹⁴ O contato por e-mail se realiza na ausência do contato olho a olho, não permite espontaneidade e intersubjetividade. Outro fator de dificuldade que esta forma de comunicação apresenta é dada pela força da escrita, pois tem caráter de documento fixo que requer coerência, exatidão e objetividade. É importante que eu mencione também que Maria Amélia escreveu antes para as pastoras, “oficializando” minha posição de aluna de mestrado do PPGAS e pesquisadora, esse fato somado a ausência do olho a olho pode ter sido um fator de inibição das respostas.

lugar na IECLB.

Escolhi apenas quatro textos que tratam especificamente da questão do pastorado feminino na IECLB, todos eles são trabalhos realizados como parte das avaliações na EST e disponíveis na biblioteca¹⁵, sendo que apenas um está fora desse contexto, é produto de uma “pesquisa mais sociológica” e também o mais antigo deles. Trata-se de “Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)” de Jarschel e Altmann (1992)¹⁶, fomentado a partir da iniciativa das próprias pastoras da IECLB.

O segundo texto, “As mulheres em direção ao Estudo Teológico” (ZIRBEL; KLEIN, 1994), é um “trabalho semestral” e tem como objetivo “preencher um vácuo histórico” que é justificado pelo parágrafo que se segue:

Quando nos perguntamos pela presença de mulheres no Ministério pastoral feminino na IECLB, sobre sua especificidade, encontramos um vácuo histórico que nos leva para um passado que não foi devidamente explorado. Uma vez que há poucas décadas em nosso meio começamos a resgatar a memória das mulheres, há uma enorme dificuldade em arrolar documentos que apontem com precisão os fatos que desencadearam esses processos dentro da IECLB (ZIRBEL; KLEIN, 1994, p. 5).

O terceiro, também um trabalho semestral, tem como título “As mulheres e o ministério ordenado na Igreja – um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB” (KRÜGER, 1996), cujo objetivo é,

fazer um levantamento de todas as mulheres que já passaram pela faculdade de teologia e que, posteriormente, entraram no pastorado ou não. A intenção por detrás deste objetivo, é manter viva a memória das mulheres, sua ativa e concreta ocupação dos espaços na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (KRÜGER, 1996, p. 4-5).

¹⁵ Segundo uma das autoras destes trabalhos, só vão para a seção de trabalhos acadêmicos da biblioteca aqueles que tiveram a avaliação máxima por parte dos professores e que tenham sido sugeridos para publicação. Desta forma, considero a possibilidade de existirem muito mais trabalhos sobre o pastorado feminino que não estão disponíveis para consulta, por não terem sido encaminhados para a biblioteca da EST, não havendo nenhum outro acervo onde eu poderia ter pesquisado mais trabalhos sobre o tema.

¹⁶ Essas autoras são as organizadoras do trabalho.

O último trabalho escolhido é uma dissertação de mestrado na área de Teologia Prática. Intitula-se “Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil” (FREIBERG, 1997) foi realizado por uma pastora e propõe ser “uma pesquisa histórica inclusiva a partir da perspectiva feminista” com o objetivo de,

retratar a presença de mulheres na formação teológica e no ministério pastoral da Igreja evangélica de Confissão Luterana no Brasil, registrando estas experiências sob o ponto de vista histórico e sob o prisma do discurso das próprias estudantes de teologia e das pastoras. [...] A intenção de resgatar os discursos das próprias pastoras tem como propósito tornar visível as suas práticas e sua percepção, para que nossa herança histórica não se perca, mas passe a fazer parte de nossa consciência coletiva (FREIBERG, 1997, p.12).

Tais trabalhos possibilitaram que eu acessasse as concepções de gênero que as autoras adotam/assumem/revelam em suas pesquisas.

1.2.5 DOCUMENTOS, CARTAS E RECORTES...

Os trabalhos acadêmicos citados acima e outros que não serão diretamente analisados nesta dissertação ofereceram, em seus anexos, uma grande quantidade de documentos da Igreja, possibilitando que eu chegasse mais facilmente às suas discussões internas, em relação ao pastorado feminino e à formação teológica das mulheres na IECLB. Eles me pouparam uma grande pesquisa de arquivo, sendo que na primeira busca aos documentos (especialmente das décadas de 60,70 e 80) percebi que já estava de posse de boa parte deles (ou pelo menos daqueles aos quais eu realmente teria acesso). Entre os documentos estavam cartas, atas, pareceres, reportagens dos meios de comunicação da Igreja e textos do Boletim Informativo da IECLB (uma espécie de diário oficial da Igreja). Eles ajudaram a compor uma espécie de

“quadro histórico” contextual¹⁷ da entrada de mulheres na teologia e no pastorado, contextualizando os discursos e as fontes como interpretações.

1.3 REFLEXÕES SOBRE *O CAMINHO PERCORRIDO*

Como já havia mencionado na introdução deste trabalho, minhas expectativas em relação ao campo foram aos poucos sendo retiradas de cena na medida em que eu fui mergulhando na pesquisa e na relação com as entrevistadas, colaboradoras da pesquisa.

Não foi apenas o "olhar antropológico", naquele sentido atribuído por Cardoso de Oliveira (1998), que levei a campo, levei ao mesmo tempo minhas impressões de "adepta" da religião estudada. Além de toda a "teoria social" e o "senso comum" da disciplina que "estrutura" o olhar, levei também comigo minha personalidade e as questões pessoais que motivaram as primeiras investigações sobre o tema. Mas, na medida em que eu ficava mais treinada em "ouvir" o que me diziam, procurava compreender o sentido que as mulheres davam à sua trajetória, pois só dessa forma poderia acontecer o tão esperado "encontro etnográfico",

[...] um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela 'fusão de horizontes' [...] desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre 'iguais', sem receio de estar, assim, contaminando o discurso nativo com elementos de seu próprio discurso. Mesmo porque, acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta, é apenas viver uma doce ilusão (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

Antes de entrar em campo, como pesquisadora, eu empregava minhas forças para manter o distanciamento necessário para ouvir as teólogas e pastoras. Em campo, elas me viam, se não como uma igual (por ser “luterana” e mulher), como alguém que compartilhava

¹⁷ Será visto no Capítulo II.

de muitos elementos comuns a elas. Nesse sentido, muitas vezes, empreguei minhas forças para mostrar minha estranheza com respeito a alguns temas e à necessidade que eu tinha de ser informada sobre eles. Se, na academia, minha proximidade com o tema revelava desconfianças quanto ao meu distanciamento, entre minhas colaboradoras, causava espanto a minha falta de entendimento sobre o que falavam.

No entanto, apesar de eu entender que essa relação se deu também pelo meu *status* de membr@ da IECLB, algumas questões relacionadas ao modo de exposição dos dados foram significativas para a negociação de um diálogo possível. Algumas das entrevistadas, ainda na fase do primeiro contato, evidenciaram a necessidade de se manterem incógnitas (na exposição de suas falas) para que não sofressem nenhum tipo de reação por parte da Igreja, ou por acharem que certas coisas que dissessem causariam desconforto até mesmo para suas colegas pastoras e teólogas.

Tal situação aponta para uma ética que vai mais além do que simplesmente cumprir com o código de Ética da Antropologia. Há dimensões específicas de cada pesquisa que devem ser cobertas pelas reflexões sobre a prática antropológica, pois, como alerta Miller (1990, 64-65):

Muitos cientistas almejam ser objetivos, portanto não envolvidos nas realidades que se apresentam [...] [mas] a objetividade não está e nem pode estar dentro do cientista, que sendo uma pessoa, pode conhecer o mundo subjetivamente. [...] A 'objetividade' do cientista é um mito [...] no momento em que o cientista se recusa a tomar uma posição, acreditando que assim não está envolvido, já está tomando a posição de tacitamente apoiar a situação como ela está, portanto, os responsáveis pela situação.

A objetividade na ciência é muito mais uma convenção do que algo que possamos efetivamente alcançar, mesmo porque ser objetivo pode significar muitas coisas e ao mesmo tempo nada significar. O que aponto aqui através de Miller é que como pessoas lidando com outras pessoas temos muito que pensar, acima de tudo na autoridade que acabamos por imprimir nas pessoas com as quais pesquisamos.

Não vejo como possível nos desprendermos desta autoridade, nossa escrita sempre é uma construção realizada a partir da construção das pessoas, mas precisamos deixar claro de que modo dizemos o que dizemos. A idéia de que a relação entre o observador e o observado pode ser controlada pressupõe que a relação entre autor (assinatura) e texto ficará clara por si só. Contudo, não é possível construirmos textos ostensivamente científicos (objetivos) a partir de experiências biográficas e, assim, subjetivas (Geertz, 1989).

Por, muitas vezes, durante as entrevistas, era-me dito: "eu estou te dando as pistas, agora tu vê como vais escrever". Eu aceitei estas "pistas" e as interpretei como um ato de confiança, de que o que eu escreveria não trairia suas expectativas em relação a mim.

1.4. AS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

Todas as interlocutoras se conhecem entre si e algumas mantêm relações contínuas. Durante o processo de pesquisa, determinados contatos foram estabelecidos comigo pelas próprias mulheres, em certos casos eu pude realizar entrevistas, e em outros apenas aconteceram conversas rápidas informais ou troca de poucos e-mails.

Para resguardar as interlocutoras desta pesquisa, utilizarei como forma de identificação a citação de letras, que não necessariamente remetem aos seus próprios nomes, mas ao modo como eu as identifiquei nas entrevistas. Por ser professora da EST, Wanda Deifelt autorizou-me a utilizar seu nome nas citações, porém, quando a estiver mencionando na entrevista, eu a citarei pelas letras escolhidas.

Estarão relacionadas no quadro abaixo apenas as mulheres com as quais dialoguei mais longamente em forma de entrevista gravada. Tentarei traçar um perfil geral delas através do quadro que segue abaixo. Nele constam elementos importantes para a compreensão do universo pesquisado.

É necessário considerar que, no campo “atuação”, estou me referindo ao período em que as entrevistei.

Iniciais	Faixa Etária	Década de Formação	Ordenada?	Atuação
AB	30-35	1990	Não	Pastora. Vinculada à IECLB Estudante de Pós-graduação.
AC	35-40	1980	Sim	Pastora em comunidade
AD	50-55	1970	Sim	Pastora. Ligada à IECLB. Estudante de Pós-graduação.
AE	35-40	1980	Sim	Pastora. Professora universitária.
AF	30-35	1990	Não	Ligada à IECLB, sem comunidade. Estudante de Pós-graduação.
AG	30-35	1990	Não	Ligada à IECLB, sem comunidade. Estudante de Pós-graduação.
AH	35-40	1980	Sim	Pastora. Professora universitária. Estudante de Pós-graduação.
AI	45-50	1970-80	Sim	Pastora em comunidade.

QUADRO 1: PERFIL DAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

CAPITULO II

“MAIS CEDO OU MAIS TARDE”: A IECLB E AS MULHERES

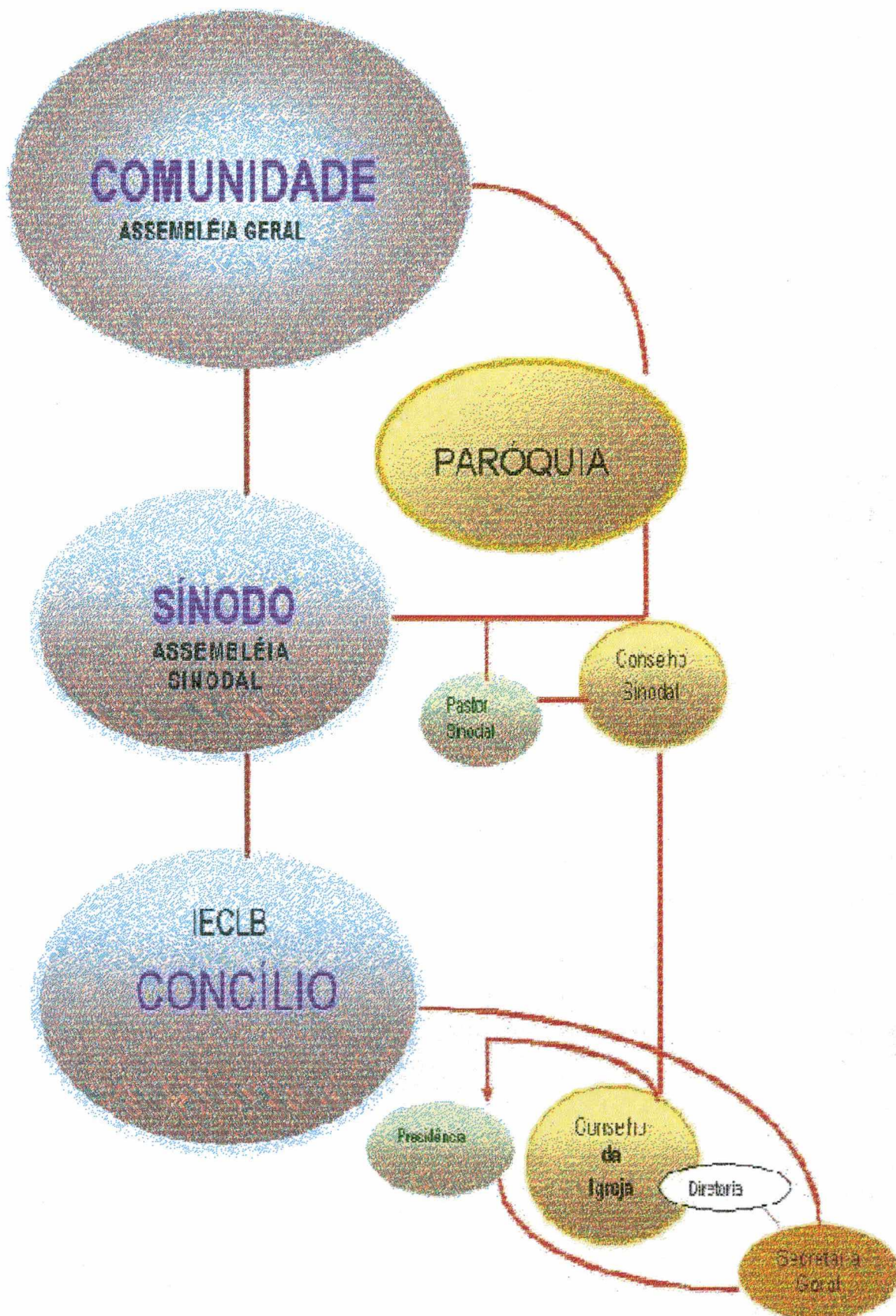
Não se trata somente de haver mulheres assumindo postos normalmente ocupados por homens. O importante é desafiar uma estrutura social e eclesial que pré-determina papéis (DEIFELT, 1996, p. 268).

2.1 A INSERÇÃO DAS MULHERES NA FACULDADE DE TEOLOGIA E A IECLB

Para compreender que sentido essas mulheres dão às suas trajetórias e que lugares elas ocupam na estrutura da Igreja, considero necessário conhecer a hierarquia da IECLB e garimpar a história compartilhada por elas, isto é, reunir suas referências a "acontecimentos históricos" que de uma forma ou outra são constitutivos de suas próprias trajetórias como pastoras e teólogas. Por isso, através de uma pesquisa bibliográfica em documentos e periódicos da própria Faculdade de Teologia (FACTEOL/EST/IECLB), fui em busca das mesmas informações que estavam presentes em seus discursos, para ver como apareciam em outras fontes de registro histórico produzidas pela IECLB.

2.1.1 A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA IECLB

A Igreja Luterana foi introduzida no Brasil com a chegada de imigrantes alemães no Século XIX. Atualmente a IECLB está organizada da seguinte forma:



De acordo com a versão oficial da Igreja, tal como apresentada em seu site e em sua Constituição, a IECLB se organiza da forma que será descrita nos próximos parágrafos. Ao contrário do que parece indicar o organograma acima, a base da Igreja Luterana é a comunidade local, que é a menor unidade orgânica da IECLB, e congrega @s membr@s em torno de um centro comum de culto, pregação e celebração dos sacramentos¹⁸.

A paróquia é a unidade que coordena o trabalho desenvolvido por uma ou mais comunidades, respondendo perante o Sínodo e os órgãos superiores da IECLB pela administração geral e regularidade do trabalho desenvolvido na área de sua jurisdição. A paróquia é regida por estatuto próprio que se orienta pelo estatuto-padrão de paróquia da IECLB.

O Conselho Paroquial é o órgão máximo de decisão da paróquia. Cabe a ele, por exemplo, eleger @s obreir@s e os representantes na Assembléia e no Conselho Sinodal. O Conselho Paroquial elege uma Diretoria, cuj@ presidente é sempre uma pessoa leiga.

O Sínodo é a unidade descentralizada da IECLB. É formado pelo conjunto de comunidades e paróquias existentes em uma determinada área geográfica. Cabe-lhe o planejamento e a coordenação do trabalho eclesialístico na sua área de abrangência, podendo estruturar-se em setores de trabalho regionalizados. Assim como a comunidade e a paróquia, o Sínodo tem orçamento próprio e pode desenvolver atividades autônomas na sua área.

A Assembléia Sinodal é o órgão soberano do Sínodo e a ela compete, por exemplo: aprovar o plano de objetivos e metas da missão da Igreja na área do Sínodo; promover a reflexão e o debate sobre os temas fundamentais da Igreja e de interesse das comunidades,

¹⁸ A Igreja Luterana no Brasil (IECLB) e na Alemanha se alicerça nas comunidades e se estruturou a partir delas. Diferente é o caso da Suécia, porém, em que a Igreja se estruturou a partir do monarca e tem uma organização e uma hierarquia diferentes, possuindo templos mais suntuosos e rituais mais elaborados. (informação pessoal de AH). Além de ter como base as comunidades, são elas que na IECLB tem autonomia para aceitar ou não um pastor ou uma pastora. O/a pastor/a é contratado/a pela comunidade, o que configura uma situação original, diferente do catolicismo e também dos pentecostalismos, nos quais, em geral, tem o pastor como “dono” da igreja. (Agradeço a Maria Amélia pelas comparações)

paróquias e do Sínodo; incentivar e promover, entre as comunidades do Sínodo, a comunhão e o compartilhamento de experiências de fé e de trabalho.

O Conselho Sinodal é responsável pelo trabalho realizado no Sínodo. Ele elege uma Diretoria entre @s membr@s constituintes, que executa a administração do Sínodo. O presidente deste Conselho é o chefe da administração sinodal. Ao/a Pastor/a Sinodal compete animar, motivar e supervisionar o trabalho eclesial, liderando e orientando os obreiros em seu trabalho.

O Concílio da Igreja é o órgão soberano da IECLB. Tem competência para decidir sobre qualquer questão do interesse da Igreja. As normas e regulamentos definidos por ele devem ser acatados por todos os Sínodos e comunidades, pelos órgãos administrativos e pelas instituições.

Somente o Concílio pode modificar a Constituição, o Regimento Interno e os regulamentos do Ministério Eclesial. O Concílio estabelece o plano de ação da Igreja em território brasileiro e sua atuação missionária no exterior. Cuida da unidade da Igreja e decide sobre as finanças e o orçamento central. Elege o **Pastor Presidente** e os **Pastores Vice-Presidentes**, bem como o **Presidente** do próprio Concílio e o seu Vice¹⁹.

É interessante notar que na Constituição da IECLB, não foi utilizada uma linguagem inclusiva para tratar dos cargos de presidência. Isso sugere que a possibilidade de uma mulher acessar a esses cargos ainda não é vislumbrada pelos líderes eclesiais desta Igreja, porém para as suas demais posições hierárquicas esse recurso já foi utilizado.

A maioria das membr@s do Concílio é eleita nas assembleias sinodais, sendo que 50% dos participantes com direito a voto é leigo. A Presidência é composta de um Pastor Presidente e dois Pastores Vice-Presidentes, eleitos pelo Concílio, com mandato de quatro

¹⁹ A ordenação é a condição *sine qua non* para a participação na hierarquia da IECLB. Apenas pastores e pastoras que recebem a ordenação podem se candidatar aos cargos eletivos da Igreja (com exceção daqueles destinados à membr@s).

anos, desde que tenham no mínimo dez anos de comprovada experiência no exercício do ministério na IECLB, sendo permitida uma reeleição para o mesmo cargo. Eles têm as seguintes atribuições: coordenar a atividade eclesial da IECLB, zelando por sua unidade e identidade confessional; estar em permanente sintonia com todas as áreas da Igreja, buscando e sentindo suas necessidades e seus anseios; ordenar obreiros da IECLB, podendo delegar essa atribuição aos pastores sinodais; supervisionar os órgãos administrativos da IECLB; convocar e presidir reuniões com os pastores sinodais e presidentes dos conselhos sinodais; indicar nomes ao Conselho da Igreja para eleição ao cargo de Secretário-Geral; exercer as relações da IECLB com outras entidades religiosas e civis e com os órgãos públicos; propor revisão de normas e documentos aprovados ou homologados pelo Conselho da Igreja, quando entender que sejam conflitantes com a doutrina, as normas da IECLB ou ainda que contrariem seus interesses; acompanhar os projetos de missão entre as Comunidades ou Paróquias com outras Igrejas ou instituições e apresentar relatório anual de suas atividades ao Conselho da Igreja ou ao Concílio (CONSTITUIÇÃO DA IECLB, 1997)²⁰.

2.1.2 O INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO

A formação teológica de cunho luterano começou a ser planejada no Brasil logo após a Primeira Guerra Mundial (FREIBERG, 1997). Até então as comunidades eram atendidas por leigos ou por pastores vindos da Alemanha (DICKIE, 1996).

O primeiro centro de formação a ser instalado no Brasil foi o Instituto Pré-Teológico (IPT), na cidade de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, em 1921. O IPT era um curso secundário preparatório para a formação teológica, a qual posteriormente deveria ser realizada na Alemanha. Em 1927, o Instituto foi transferido para São Leopoldo e, em 1931, passou a

²⁰ As descrições dos órgãos hierárquicos da IECLB foram reproduzidas do site oficial www.ieclb.org.br e da Constituição desta Igreja.

sediar-se no Morro Do Espelho²¹, nessa mesma cidade, e é onde hoje se encontra também a Escola Superior de Teologia.

Apesar de a tradição educacional alemã ser bastante forte no Rio Grande do Sul e considerada de boa qualidade, as diversas Escolas Evangélicas ofereciam às “moças” uma formação direcionada ao “lar e à maternidade”.²² Porém, tais entidades não sanavam as necessidades de uma “formação própria” para filhas de pastores, professores, funcionários da IECLB e da “pequena burguesia” da época. As “boas escolas” que preparavam para uma profissionalização eram direcionadas aos meninos.

Portanto, para as “moças”, não havia muito a perspectiva de profissionalização, isto é, uma “formação própria” que possibilitasse a continuidade dos estudos para uma carreira universitária leiga (como professoras, enfermeiras, etc.). Para suprir esta necessidade: “Durante muito tempo o IPT foi considerado o caminho natural para o estudo dentro da Igreja luterana. Apesar disso as mulheres do Pré-Teológico não tinham esta perspectiva, pois o ministério pastoral era algo comumente exercido por homens” (ZIRBEL; KLEIN, 1994, p. 15).

2.1.3 A FACTEOL

Terminada a Segunda Guerra Mundial, foi fundado em 26 de março de 1946 o primeiro curso oficial de Teologia da IECLB. Essa entidade foi transferida, em 1948, de uma

²¹ O Morro do Espelilio é onde ficam atualmente concentradas várias entidades educacionais luteranas. É um lugar que permanece, ainda, hoje, de certa forma, isolado, porque não há transporte urbano. Nesse local, também ficam as residências dos professores das entidades educacionais, aproximando-se do modelo britânico de campus.

²² A partir deste momento, passo a identificar “moça” como uma categoria nativa, atrelada ao “papel feminino”. Isto é, “moça” é um termo diferente de mulher, que remete à sexualidade. A categoria “moça” remete a um ser *docilizado*, que está de acordo com o papel idealizado da mulher, tendo sido levado ao extremo com o nazismo: essa concepção é perfeitamente compreendida através dos três “K” atribuídos às mulheres: Kirche – igreja; Kinder - crianças (maternidade, mas não sexualidade); Küchen – cozinha. Nessa concepção, “o fim da educação feminina deveria ser irrevogavelmente, a futura mãe”. (MICHAUD, 1996).

modesta casa no Morro do Espelho para a Casa Sinodal, no prédio que atualmente abriga o Sínodo Rio dos Sinos da IECLB. Anos mais tarde, em 1956, inaugurou-se a Casa dos Estudantes, favorecendo assim o sistema de internato.

Anteriormente pertencente ao Sínodo Rio-Grandense,²³ a Faculdade de Teologia passou a ser, a partir de 1958, uma instituição da Federação Sinodal, hoje, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com abrangência nacional. Nas primeiras décadas, o corpo docente dessa faculdade era constituído em sua maioria por professores provenientes da Alemanha. A partir de 1968, no entanto, começam a integrar o quadro também professores brasileiros, sendo eles todos homens.

2.1.4 A ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA (EST)

Em 1984, o que inicialmente era a Faculdade de Teologia passou a constituir a Escola Superior de Teologia (EST), que atualmente congrega vários Institutos com características específicas:

- Faculdade de Teologia (FACTEOL) - com três ênfases: Pastorado, Educação Cristã e Diaconia; reconhecido pelo Ministério da Educação desde 2002;
- Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) - reconhecido em 2002, sendo que, na última avaliação da CAPES, obteve o conceito máximo - nota 7²⁴;
- Instituto de Pastoral (IP): visa à formação contínua de obreir@s;
- Instituto de Capacitação Teológica Especial (ICTE): visa à formação dos membr@s da Igreja para serviços especiais nas comunidades;
- Escola Sinodal de Educação Profissional (ESEP) - ensino profissionalizante

²³ O Sínodo Rio-Grandense foi o primeiro Sínodo formado por imigrantes alemães no Brasil, fundado em 1886, congregando as comunidades evangélicas alemãs num corpo eclesiástico de orientação comum aos fundamentos da Reforma Luterana. Atualmente a IECLB está dividida em 18 Sínodos abrangendo todo o Brasil.

²⁴ Informação sobre avaliação da CAPES, obtida em entrevista com Wanda Deifelt, em setembro de 2002.

que oferece Cursos Técnicos de Música, Desenvolvimento de Comunidade e de Enfermagem.

2.1.5 O DEBATE NA IECLB

A entrada das mulheres no estudo teológico e a possibilidade delas alcançarem o pastorado suscitaram uma série de discussões na IECLB e na EST. A admissão e a ordenação das mulheres não foi passiva, foi um longo processo permeado por inúmeras discussões. Segundo as entrevistas que realizei, até a década de 80, as mulheres que ingressavam no estudo teológico, sofriam certos tipos de discriminação,

[...] a mulher, embora tenha vencido a batalha para conquistar o direito à formação teológica, ainda está consolidando seu espaço no ministério pastoral. O maior desafio das mulheres na Teologia tem sido romper com a visão patriarcal²⁵ sobre o papel da mulher na sociedade e no ministério, infelizmente ainda presente em segmentos de comunidades e entre colegas pastores [...] (BOLETIM DA EST, 2000, grifo nosso).

Os impedimentos para a ordenação de mulheres até a década de 70 nunca foram explícitos, os documentos, cartas e depoimentos revelaram que os argumentos nunca foram teológicos, eram de “ordem prática”.

No ano de 1968, foi publicado, na Folha Dominical, um jornal de circulação da Igreja um artigo sobre a FACTEOL, que informava a presença de “moças”, que “mais cedo ou mais tarde” se formariam. O artigo também informava às comunidades que nos países da Europa “há mulheres desempenhando função de pastora. Na nossa Igreja isso é algo novo e desde já devemos pensar no *que será delas*, quando terminarem o curso” (ANEXO 9). A

²⁵ Sobre esta noção, ver Grössmann, 1997, no Capítulo III.

presença de mulheres como estudantes de teologia vinha sendo colocada como um problema futuro para a Igreja.

Em 1969, o conselho diretor da Igreja sugere que se limite a entrada de mulheres nessa instituição, “levando em conta o ambiente de trabalho existente em nossas comunidades”. No início de 1971, o Boletim Informativo do Conselho Diretor da IECLB (CD) declara, (explicitando o que anteriormente fora apenas sugerido) que a “admissão regular de estudantes do sexo feminino, na Faculdade de Teologia da IECLB, não constitui problema teológico”. Os impedimentos seriam de *ordem prática*, relativos às *condições de trabalho* existentes nas comunidades.

Nesse boletim, a Igreja expressa a permissão *a princípio* que uma pastora exerça a administração de uma Comunidade, mas que no entanto "são limitadas, por enquanto, as possibilidades para o aproveitamento da mulher no ministério eclesiástico" (ANEXO 8).

O posicionamento da IECLB parece refletir, por um lado, os ideais de igualdade da reforma, quando declara que não há impedimentos teológicos para que as mulheres exerçam o pastorado. Por outro lado, a Igreja entende que há problemas de *ordem prática* e isso reflete uma conformidade da Igreja com a estrutura social que diferencia papéis. A questão da igualdade de essência está expressa na afirmação de ausência de impedimentos teológicos, porém, a diferença de funções é o que reforça aquilo que a Igreja chama de questões de ordem prática.

Entretanto, as estudantes de Teologia manifestaram seu descontentamento com a postura da Igreja. Em 1969, foi publicado um artigo de uma estudante de Teologia²⁶ no mesmo jornal (Folha Dominical), com um tom bastante desafiador, tanto para a Igreja quanto para a sociedade.

²⁶ A estudante de Teologia, Lorita Manske, não terminou o curso, abandonando a Faculdade tempos depois de escrever este artigo. Não se sabe, entretanto, se sua saída teve algo a ver com esse fato. (ZIRBEL; KLEIN, 1994).

Quando um pequeno número de moças (3) decidiu cursar teologia em nossa FACTEROL, isto gerou: admiração, choque, críticas, aprovação e desaprovção.

Assim a moça que decidiu cursar teologia foi lançada num mundo de controvérsias (ANEXO 10).

O artigo continua e analisa que se, por um lado, a “moça” é *admirada por sua coragem*, por outro lado, *a cúpula eclesiástica não reconhece o valor* das estudantes. Ainda segundo o artigo, “os mais velhos batem com o pé no chão e afirmam que o lugar da mulher é na cozinha” (ANEXO 10).

A inquietude da estudante frente às concepções *tradicionais* e sua decepção com a Igreja é revelada ainda mais no parágrafo que se segue, “[...] ninguém lhe disse qual a sua função após formar-se. Ninguém vê que ela necessita de apoio e estímulo. Pensa-se que ela está na faculdade para arranjar um marido-pastor” (ANEXO 10).

Juntamente com sua decepção, a estudante aponta à Igreja o desafio de lidar com a presença das mulheres em sua hierarquia,

Uma vez que não se encontram leis que vetam cargos públicos à mulher, nos códigos brasileiros, colocamos a direção da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil diante da pergunta: -Que farão vocês com a teóloga brasileira? Que tarefas lhe darão quando ela se formar? (ANEXO 10).

Ainda com respeito às condições que as futuras pastoras enfrentarão, a estudante de Teologia coloca para seus colegas pastores sua inquietação em relação à atitude que terão diante do *problema* do pastorado para as mulheres. “Perguntamos também aos pastores no Brasil: Que reação terão vocês quando nós quisermos começar a trabalhar? Apoiar-nos-ão ou serão contra nós?” (ANEXO 10).

A posição adotada pela Igreja não veta a ordenação e nem o exercício pastoral das mulheres, mas entende a questão como um problema, pois compreende que as funções que os pastores tradicionalmente desempenham não são adequadas às mulheres.

2.1.6 AS DISCUSSÕES NA EST

Entre os docentes da EST, em 1970, há uma intensa discussão acerca da inclusão das mulheres na Faculdade de Teologia e no ministério pastoral. Nesse ano, o corpo docente da Escola Superior de Teologia elabora um “Parecer Referente à Admissão de **Moças** ao Estudo de Teologia” (grifo nosso) e solicita que o “Conselho Diretor da IECLB se pronuncie com referência à questão do emprego de pastoras na IECLB”.

No parecer, o corpo docente declara:

A faculdade de Teologia não se vê em condições de apoiar de bom grado a matrícula de moças, enquanto não existirem, por parte da Igreja, concepções e diretrizes concretas sobre o futuro aproveitamento de pastoras na IECLB e nas suas comunidades (ANEXO 5).

Esse parecer também sugere que o conselho da Igreja distinga as funções de pastora casada e não casada. Dentre as possibilidades de atuação sugeridas pelos docentes, destaco: “[...] ela poderá assumir responsabilidades em uniões paroquiais ou como pastora *ao lado de um pastor* em comunidades maiores” (ANEXO 5). Ainda, segundo o mesmo texto, a presença de “moças” poderia “*corrigir, de certa forma, o clima acentuadamente ”masculino” no convívio dos estudantes*” (ANEXO 5, grifo nosso).

Os docentes da EST, em grande parte, eram alemães ou formados na Alemanha, onde o processo de inclusão das mulheres no ministério pastoral já estava acontecendo (FREIBERG, 1997). Portanto, eles não colocavam empecilhos para a formação de mulheres, porém, exigiam que a Igreja decidisse qual a função daquelas formadas em Teologia e qual o seu campo de trabalho, entendendo-o como específico (reafirmando a diferenças de papéis).

Segundo as entrevistadas, a EST deu abertura para que @s estudantes discutissem o pastorado feminino, e muitas das iniciativas para a efetivação dessa modalidade de pastorado foram desencadeadas a partir dessas discussões com o apoio do Centro Acadêmico Dr.

Ernesto Schlieper (CADES) (FREIBERG, 1997; NUETZEL, 1996). Segundo Freiberg (1997, p. 90), “o ingresso das mulheres no ministério pastoral ocorreu sem um planejamento por parte da direção da IECLB. As próprias mulheres foram conquistando, primeiramente, o acesso ao estudo na FACTEOL e, em seguida, o direito ao ministério pastoral”.

2.1.7 AS PRIMEIRAS MULHERES

Em 1952, a primeira mulher figurou na lista de matriculas da FACTEOL. Durante essa década mais de uma dezena de mulheres passou pela formação, sem terem concluído os estudos. Em 60, a crescente presença das estudantes começou a gerar discussões dentro da IECLB (como apontei nos itens anteriores), no entanto muitas abandonaram a Instituição depois de alguns anos.

A primeira a concluir o curso foi Elisabeth Dietschi, que fez seus estudos entre 1966 e 1970. “No entanto, não atuou no Brasil: foi ordenada em Berlim, na Alemanha, onde se casou e exerceu o ministério. Até então, no Brasil, o campo teológico era totalmente privativo do mundo masculino” (BOLETIM DA EST, 2000). Segundo a Pa. Dra. Wanda Deifelt, esse fato se deveu não tanto a uma opção pessoal, mas às barreiras existentes para a ordenação de Elisabeth no Brasil²⁷. “Ela teve que ir pra Alemanha pra ser ordenada. Lá isso já estava bem adiantado” (informação pessoal).

As primeiras mulheres, que se formaram na EST como pastoras, receberam como oferta da IECLB o trabalho de coordenação da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE)²⁸, todavia nenhuma delas aceitou o convite porque queriam atuar da mesma forma que seus colegas homens. (NUETZEL, 1996).

²⁷ Para informações maiores sobre a Pastora Elisabeth ver no ANEXO 12.

²⁸ OASE é um grupo tradicional da Igreja que congrega mulheres para o convívio e para assumirem na Igreja papéis considerados femininos. Sua proposta de trabalho com mulheres estava (e ainda está) bastante distante dos ideais de trabalho propostos pelas teólogas e pastoras feministas. Ver Nuetzel, 1996.

Na década de 1960, a IECLB estava em processo de expansão e o número de pastores não supria as necessidades da Igreja, a entrada de mulheres poderia preencher essa falta (FREIBERG, 1997; NUETZEL, 1996). Nesta mesma década, matriculou-se a estudante Maria Luisa Schwanke, que se formou em 1974, e que atualmente é pastora da Igreja Presbiteriana, não tendo sido ordenada, nunca chegando a atuar como pastora da IECLB.

A primeira mulher a ser ordenada pela IECLB foi Rita Panke, que entrou no curso de Teologia em 1971. Hoje, com 60 anos, é a primeira mulher (e única até agora) a receber aposentadoria como pastora na Igreja. (BOLETIM DA EST, 2000).

2.2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE TEOLOGIA FEMINISTA

Segundo as entrevistadas, as primeiras leituras em Teologia Feminista aconteceram fora das salas de aula, nos grupos extra-acadêmicos, na tentativa de compreender a situação das mulheres na Igreja. O Grupo de Mulheres, criado na década de 70, surge como uma forma das estudantes de Teologia discutirem questões relativas às mulheres e “sob a ótica da mulher”. Esse grupo tinha o propósito principal de fazer discussões direcionadas às mulheres, como resgatar a sua história na Bíblia e na Igreja, com a perspectiva de dar visibilidade àquelas que se percebiam como omitidas na história do Cristianismo.

De acordo com as colaboradoras da pesquisa, o Grupo de Mulheres era um dos instrumentos de *lutas* tanto das estudantes de Teologia quanto das pastoras que já atuavam em comunidades. Esse grupo procurava discutir questões relacionadas às mulheres tanto de forma teológica quanto no que diz respeito ao trabalho das pastoras.

Em 1986, por iniciativa do Grupo de Mulheres, um conjunto de estudantes, a partir do centro acadêmico, forma uma comissão para promover estudos teológico “*sob a ótica da mulher*”.

[...] se não me falha a memória, em 85 e 86 começou essa discussão. 'O grupo de mulheres quer uma cadeira'. Então, queríamos uma mulher dando aula aqui, uma teóloga bem uma coisa da teóloga né e... também... tinha um quadro de professores só homens [...] (AF, em entrevista)

O Grupo de Mulheres participou de ações concretas dentro e fora da Faculdade de Teologia com proposições para regulamentar o trabalho das pastoras da IECLB e para garantir direitos como salário equivalente aos pastores e direito à licença-maternidade que não estavam previstos até a década de 90. O grupo propôs que houvesse seminários sobre a história da mulher na Igreja e sobre a Teologia Feminista. Ao final da década de oitenta, formou a Comissão Pró-Teóloga, cujo objetivo era a contratação de uma professora para ministrar uma cadeira de Teologia Feminista; a qual deveria fazer parte do currículo base do curso (ANEXO 13, 14, 15 e 16).

O processo de legitimação das mulheres nas esferas de poder da Igreja passa pela criação do Grupo de Mulheres e pela introdução da disciplina de Teologia Feminista na EST, pois, ao reivindicarem que a disciplina fosse ministrada para tod@s @s alun@s, estavam encaminhando o discurso para igualdade de papéis, atuando politicamente dentro da própria estrutura de formação do pastorado. Esse processo inicia-se, na década de 80, e, em 1990, a disciplina é finalmente instalada como obrigatória na EST.

Na verdade, a gente chegou a isso porque a gente via que com a constituição do corpo docente como estava a gente não iria avançar e a gente não tinha o conhecimento suficiente até para procurar uma literatura, avançada, especializada, a gente não sabia nem como começar. Então a primeira questão era a teologia feminista ficar bem clara pra gente e o que mais pesava era ter uma mulher, tinha que ter uma mulher né, uma teóloga né. (AH, em entrevista).

De acordo com as entrevistadas, para que a cadeira de Teologia Feminista pudesse ser institucionalizada, a Igreja fez uma consulta a todas as paróquias do Brasil. Tal consulta nunca havia sido realizada para a formalização de qualquer outra disciplina na EST.

E perguntou de uma forma que quase já induzindo as respostas. Assim, você é a favor ou contra a uma teóloga feminista? Bom, as pessoas sentiram toda a carga do que significa falar de feminista [...] todo clichê, [de] que são radicais, são escandalosas, mulheres contra papéis tradicionais. Então tinha muitas respostas bastante negativas. E às vezes a discussão era inclusive internamente com os professores de teologia: ‘mas porque feminista?’ porque não Teologia na ótica da mulher, teologia feminina [...] é uma questão que marca uma questão política, então não é feminina, não é a mulher no seu papel de feminina eternamente colocada em seu modelo tradicional e nem é a teologia da ótica da mulher porque a gente não quer que só mulheres tenham o conhecimento dessa Teologia, mas é feminista. Por que? Porque feminista é um posicionamento que está dentro de um movimento de mulheres mais amplo e de pessoas que se identificam com esse movimento de mulheres que é a busca pela equiparação, de direitos e deveres de mulheres e homens²⁹ (AH, em entrevista).

Essa parte da entrevista deixa claro que havia uma intenção muito presente de *transformação de uma estrutura* que não favorecia a presença de mulheres na Faculdade de Teologia, no pastorado e nem como detentoras de um saber e poder legítimos.

A instituição da disciplina de Teologia Feminista representou, para as mulheres, uma grande vitória na luta pela possibilidade de igualdade dentro da estrutura geral da Igreja. Possibilitou a homens e mulheres fazerem reflexões sobre o que classificam como uma “*cultura patriarcal*”³⁰ reforçada e mantida também pela Igreja.

Nesse sentido, as mulheres também parecem ter o interesse de retirar a luta pela superação das desigualdades do universo estritamente feminino, para que se torne uma luta geral por parte daqueles que tiverem acesso a outros tipos de reflexões teológicas, contrários aos modos tradicionais.

A disciplina de Teologia Feminista, era uma luta dos estudantes, dos estudantes, começou no grupo de mulheres daí foi para dentro do Centro Acadêmico, o Centro Acadêmico comprou a luta e criou a Comissão Pró-

²⁹ Este fragmento da entrevista de AH revela que as ações dessas mulheres estão estreitamente ligadas com a sua “visão de mundo”, integrada num *ethos* feminista. Utilizo o conceito de *ethos* conforme Geertz: “em discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo ‘ethos’, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo ‘visão de mundo’. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas, como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade” (GEERTZ, 1978, p. 143-144).

³⁰ Sobre esta categoria ver Capítulo III.

Teóloga. [...]. Então, quando a gente diz Teologia Feminista, tem vínculo estreito, tem tudo haver com todo um movimento social relevante que foi o movimento feminista, não tem como você chamar de teologia da mulher. [...] O nome da disciplina não precisa estar ligado não ao sujeito, mas uma coisa mais ampla né [...] tem que tá ligado a um arcabouço teórico [...] há uma perspectiva teórica e de movimento também social. (AF, em entrevista).

As mulheres parecem pretender da mesma forma com a disciplina de Teologia Feminista que as reflexões possam se reverter em ações concretas dentro das comunidades. Essas ações seriam no sentido de re-significar o papel da mulher na Igreja, como leigas e pastoras, e na sociedade.

2.3. A ATUALIDADE

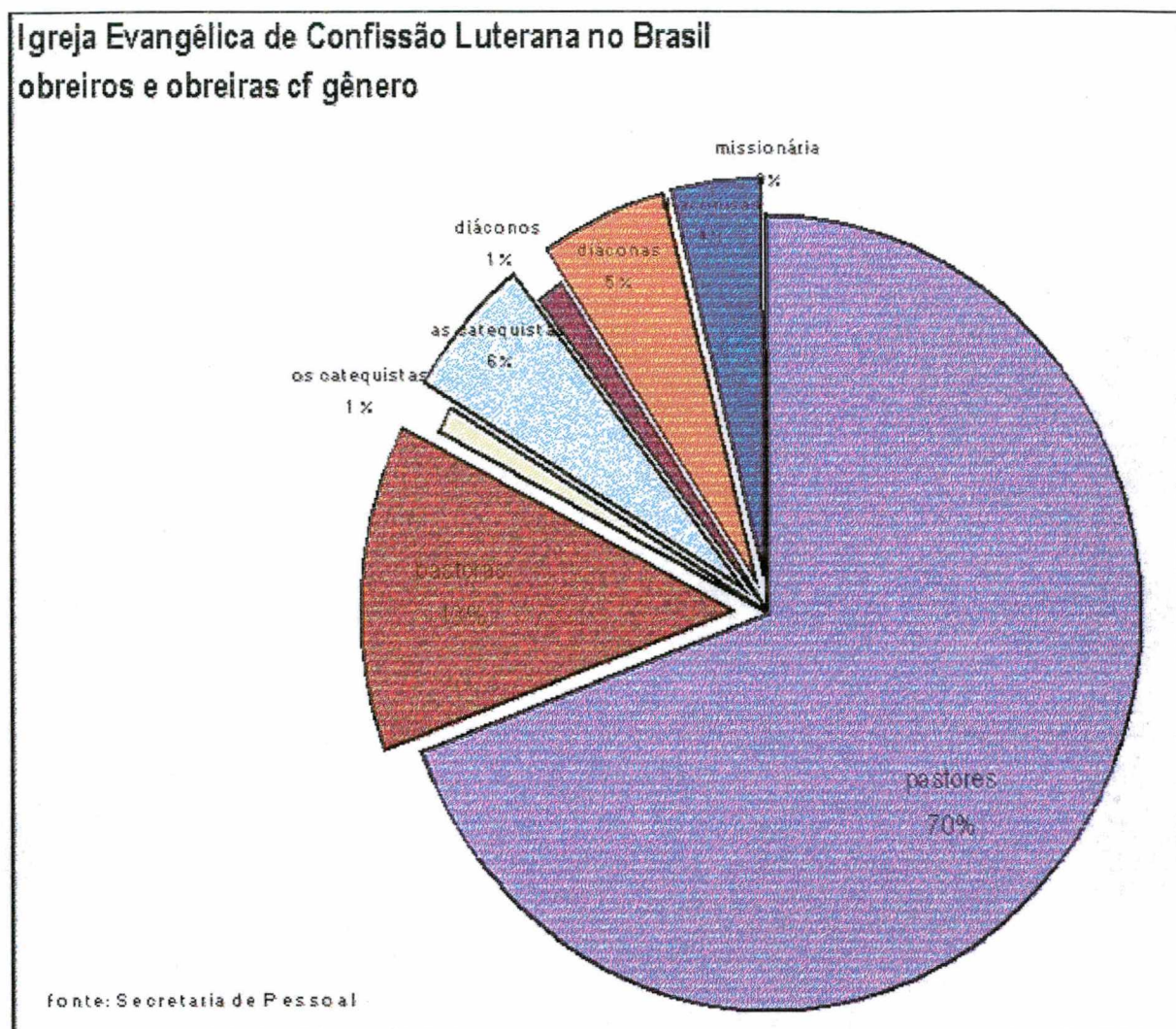
Durante a formação e ordenação das primeiras mulheres no Brasil, era dito que elas estavam passando pelo mesmo processo que as das Igrejas Alemãs, que ao serem enviadas para um campo de trabalho eram majoritariamente incumbidas de tarefas alternativas, não ficando responsáveis por uma comunidade. Esses serviços eram sempre relacionados aos cuidados com idosos, doentes e crianças, assim como a trabalhos com mulheres e assistência social.

Atualmente, as possibilidades de atuação femininas não mudaram muito, elas têm exercido o pastorado em diversas áreas nos chamados pastorados alternativos (que oferecem às mulheres as mesmas opções de trabalhos citadas acima). Algumas de minhas entrevistadas chamaram minha atenção para o fato de não haver pastoras em comunidades de grandes centros (como as capitais).

As diferenças numéricas também são bastante consideráveis, pois setenta por cento

d@s obreir@s ativ@s da Igreja são pastores (578) e apenas treze são pastoras (107)³¹.

Conforme o gráfico abaixo:



QUADRO 2: OBRER@S DA IECLB

³¹ Estes são dados da Secretaria de Pessoal da IECLB, fornecidos pelo secretário de pessoal P. Ulrico Sperb. (Dados de maio de 2003). Ainda, segundo estes dados: 25 pastores e 16 pastoras esperam pela ordenação, isto é, são candidat@s ao pastorado. Atualmente são 21 pastores licenciados e 09 pastoras. A IECLB, também possui 80 pastores eméritos (aposentados) e apenas uma pastora na mesma situação.

Assim como em outros países, a ordenação de mulheres na IECLB não possibilitou o acesso a lugares mais altos dentro da sua hierarquia eclesiástica (RUETHER; MCLAUGHLIN, 1979).

Apenas em 2002, uma pastora foi eleita pela primeira vez para o cargo de Pastora Sinodal. Esse acontecimento, entretanto, não gerou muito entusiasmo entre as pastoras entrevistadas. Segundo elas, é preciso que as mulheres que acessem a lugares da hierarquia da Igreja tenham uma *postura feminista* ou *de gênero*, e a pastora eleita não é reconhecida pelas entrevistadas como detentora desta postura. Segundo as entrevistadas, essa Pastora Sinodal assume uma forma “tradicional” de pastorado e não incorpora as lutas das mulheres como suas. Sua chegada num posto de destaque na hierarquia, por um lado, tem pouco significado para a lutas das mulheres e, por outro, reforça a idéia de que as mulheres que se encaixam no padrão esperado pela Igreja teriam maiores condições de alcançarem postos na hierarquia.

Não foi possível entrevistar a Pastora Sinodal para que ela apontasse a sua perspectiva em relação à presença de mulheres na Igreja como teólogas e pastoras. Sua *investidura*³² aconteceu, em 30 junho de 2002, tendo sido a cerimônia assistida por mim. Na ocasião, fiquei bastante intrigada, pois em nenhum momento foi mencionado - por quaisquer dos presentes e nem pela própria pastora - que pela primeira vez uma mulher estava assumindo aquele lugar. A cerimônia ocorreu como se nada de *incomum* estivesse acontecendo. Apesar disso, a mídia local registrou o acontecimento como um marco para a IECLB (ANEXO 17).

Alguns autores tendem a afirmar que as atividades desenvolvidas por homens e mulheres são *generificadas*, isto é, que homens e mulheres têm *estilos* diferenciados na sua prática pastoral (PERL, 2002, p. 170). E que as mulheres se sentem mais satisfeitas profissionalmente em lugares de *menor prestígio*, ou seja, ficam mais satisfeitas mesmo

³² Investidura é o termo usado pela IECLB para a cerimônia religiosa de *empossamento* em cargos da Igreja. A Pastora Mariane Bayer Ehrat foi eleita para o cargo de pastora sinodal do Sínodo Vale do Itajaí, no dia 7 de abril de 2002, na 5ª Assembléia do Sínodo Vale do Itajaí, realizada em Rodeio 12, Rodeio (SC).

trabalhando em lugares com condições de trabalho inferiores, como em comunidades rurais, até recebendo salários inferiores aos homens (MCDUFF, 2001). Este discurso parece colaborar para que as mulheres não alcancem os lugares mais altos da hierarquia da Igreja. Entendo que, ao mesmo tempo, em que as mulheres adotam um *estilo* diferente de pastorado, elas têm lutado para que este *estilo* seja valorizado e também compartilhado por homens. Afirmar que a diferença entre os estilos justifica a resignação das mulheres em relação às suas condições de trabalho, parece-me apenas colaborar para que se continue atribuindo diferentes papéis para homens e mulheres.

Entre as interlocutoras de pesquisa, mesmo entre aquelas que não adotam uma postura feminista, esse grau de satisfação elevado não está presente. Elas reconhecem que seus trabalhos, mesmo em comunidade de menor porte e em trabalhos alternativos (não paroquiais), merecem ser reconhecidos da mesma forma que os trabalhos pastorais mais tradicionais da Igreja.

A igualdade está expressa aqui na possibilidade de valorização dos diferentes tipos de atuação pastoral. As mulheres não reivindicam que esses tipos de trabalhos recebam o rótulo de “feminino”. O que fazem é defender que os modos sejam igualmente valorizados e reconhecidos como importante para a Igreja e empregados tanto por homens quanto por mulheres. Ou seja, essa igualdade pretendida pelas mulheres permite a valorização da diferença.

Durante a pesquisa, percebi que muitos teólogos e teólogas da IECLB, entre elas, as feministas, afirmam que o espaço das mulheres no ministério pastoral ainda não está consolidado. Os entraves à sua legitimação no ministério pastoral e na Igreja seriam derivados de uma persistente “*visão patriarcal*” sobre o “papel da mulher” na sociedade e no ministério.

Por outro lado, as mulheres reconhecem que a IECLB, em comparação com outras Igrejas no Brasil, permitiu avanços em relação ao pastorado feminino:

Como Pastora em atividade na IECLB, vejo que esta Igreja está andando, faz muito tempo, à frente de outras instituições religiosas, quando o assunto é pastorado feminino. Mas isso não significa que vivemos num mar de rosas e tudo foi lindamente encaminhado para as mulheres. Hoje podemos dizer que já temos mais espaço e reconhecimento, mas este se deve ao fato de que muitas de nós galgaram duras pedras nessa caminhada (S.B, por e-mail,).

No entanto, o reconhecimento das mulheres de que a Igreja “avançou” em relação ao pastorado feminino não impede que elas percebam que a Igreja ainda faz distinções de função e, por isso mesmo, adotem uma postura de luta como demonstrará o próximo capítulo.

CAPÍTULO III

TORNAR-SE, SER E ESTAR PASTORA: A LUTA

Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus (GÁLATAS 3. 28).

3.1 A LUTA DAS MULHERES E A “TRADIÇÃO PATRIARCAL”

Apesar da Igreja não ter usado justificativas teológicas, as estratégias das mulheres para alcançar a sua meta de legitimação ao pastorado passam pela busca de justificativas bíblicas - através do recurso à reinterpretação -, para alicerçar sua luta contra a distinção de papéis. Assim, recorrer à Teologia é um elemento da estratégia de legitimação das reivindicações igualitárias dessas mulheres. A perspectiva das interlocutoras da pesquisa aponta para a importância da re-significação da tradição bíblica percebida por elas e também por muitas outras teólogas como uma “*tradição patriarcal*”³³.

O uso de termos como *patriarcalismo*, *cultura patriarcal*, *estrutura patriarcal* é a forma das interlocutoras fazerem referências, através dessas noções, aos conceitos feministas de luta, especialmente no que diz respeito à Teologia Feminista (GÖSSMANN, 1996).

Dessa forma, o patriarcalismo é entendido por elas como um conceito denunciativo das relações de dominação homem → mulher, que seria a primeira forma de dominação que “preenche quase sem brechas toda a história da humanidade” (GÖSSMANN, 1996). Segundo a mesma autora, *patriarcado* e *estruturas patriarcais* são conceitos que expressam o poder masculino e seu domínio em todas as esferas da sociedade. Esse domínio é perpetuado pela

³³ Este tipo de dominação já fora descrita por Weber, 1991. Mais sobre patriarcalismo ver Godelier, 1980 e Connel, 1990.

manutenção de uma hierarquia social e sexual masculina, em que o feminino é definido como "sexo" e considerado sempre em *status* inferior.

3.1.1 OS TEXTOS BÍBLICOS E O PASTORADO FEMININO

Nesse sentido, posso apontar as interpretações acerca dos escritos do apóstolo Paulo como um elemento de busca de poder bastante importante no processo de re-significação contra isto que pode ser caracterizado como um *habitus*³⁴ “patriarcal” na IECLB.

É na primeira carta de Paulo aos Coríntios que se encontram os principais textos,³⁵ alvos das críticas das teólogas e pastoras luteranas:

Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça de Cristo é Deus.
Pois o homem não se originou da mulher, mas a mulher do homem;
da mesma forma, o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem (CAPÍTULO 11, VERSÍCULOS 3, 8 e 9).

E ainda,

Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei.
Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja (CAPÍTULO 14, VERSÍCULOS 34-35).

As mulheres argumentam que qualquer interpretação que sustentasse a não ordenação de mulheres para o ministério pastoral, estaria sendo retirada de seu contexto, pois, segundo

³⁴ A noção de *habitus* é utilizada, conforme Bourdieu, isto é, como: “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes”. É um sistema de esquemas que orienta de maneira constante as ações “que, embora não sejam deliberadas, não deixam de ser sistemáticas” (Bourdieu, 1992).

³⁵ Há também outros textos, como I Timóteo 2.12-14: “Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora”. Textos bíblicos assim foram utilizados para questionar o pastorado feminino, também em outras denominações, com mais ou menos força, entre pastores e leigos no Brasil, e em outros países. Ver Ruether e McLauhlin, 1979.

elas, esses textos só se justificam dentro da época em que foram produzidos, posto que refletem aspectos sócio-culturais (*de uma “cultura patriarcal”*), não podendo ser utilizados nos dias de hoje, quando é esperado o rompimento com tais *estruturas* e não a sua perpetuação. Segundo Krüger (1967, p. 7): “A Bíblia não pode ser vista como um todo, além de ter sido escrita e compilada em um longo período histórico, há dentro deste livro diversas tendências e correntes de idéias”.

Na Faculdade de Teologia, as referências a esses textos bíblicos estão ausentes no contexto da relação professor-aluna, e também das discussões do corpo docente sobre a presença de mulheres (KRUGER, 1996; ZIRBEL; KLEIN, 1994).

No campo teológico, o ingresso de mulheres não encontrou base sólida de contestação devido à herança histórico-crítica da exegese que prevalecia na Faculdade de Teologia, razão pela qual I Cor. 14, por exemplo, não podia valer como argumento contrário à ordenação de mulheres (ZIRBEL; KLEIN, 1994, p. 22).

Isto confirma, portanto, a ausência de uma sustentação teológica aberta em relação ao pastorado feminino. Porém, as entrevistadas relataram que, apesar disso, os versículos citados acima eram utilizados com frequência pelos “rapazes” em bilhetes, endereçados às estudantes de Teologia. É interessante que esses argumentos teológicos, apesar do movimento estudantil ser favorável à participação igualitária das mulheres e da EST não lançar mão deles, são trazidos pelos alunos numa tentativa de intimidar as mulheres. A circulação, ainda que informalmente, de que seria a justificativa teológica o que apareceria como uma ameaça constante para a presença das mulheres e de que haveria sustentação teológica para tal impedimento, era um reforço disciplinar (FOUCAULT, 1980) e estruturador do *habitus* “patriarcal”.

Uma das interlocutoras, identificada como AC, esteve em formação na EST durante a década de setenta e afirmou que muitos de seus colegas falavam *abertamente* que mulheres

não deveriam ser pastoras, deveriam ser *diáconas* ou *diaconisas*³⁶. Isso, segundo AC, fez com que as mulheres se organizassem e pedissem *ajuda* para os professores, com pesquisas sobre *essa questão teológica*, isto é, se poderiam ser pastoras ou não. Conforme minha interlocutora, isso gerava muitas discussões *bem acaloradas*. Essas informações mostram que há pontos de vista, tanto contra, como a favor do pastorado feminino, justificados a partir dos textos bíblicos. O texto bíblico, então, ao ser passível de dupla interpretação sobre o papel das mulheres, vai permitir que elas o utilizem como instrumento de legitimação de suas reivindicações.

Nas entrevistas, muitas relataram a reprodução ou utilização desses textos também por pessoas pertencentes a sua “comunidade de origem”, aquela na qual a pastora participou até a entrada na Faculdade de Teologia, e até mesmo ao *seu pastor*, na tentativa de *desencorajar* as mulheres da opção por uma possível carreira religiosa, dentro do pastorado.

Como contrapartida aos escritos de Paulo, as mulheres utilizaram a passagem bíblica de Mateus 28.19: “ide, portanto e fazei discípulos de todas as nações [...]”. Num dos e-mails que recebi durante a pesquisa, uma pastora tornou mais clara essa concepção do pastorado feminino, como uma “resposta ao chamado” de Jesus Cristo. Segundo ela: “Quando Ele falou: ‘ide fazei discípulos’, ele não estabeleceu critérios de gênero, mas nos convocou para a tarefa de levar adiante sua mensagem de vida, esperança e amor” (SB, por e-mail).

Não apenas os textos bíblicos específicos utilizados *contra* o sacerdócio das mulheres foram problematizados pelas teólogas e pastoras, mas também a *história bíblica*, como sendo uma história que não inclui as mulheres. Nesse sentido, algumas entrevistadas afirmaram que

³⁶ Em meu TCC, o ministério diaconal foi definido por uma diácona entrevistada da seguinte forma: Diaconia é derivada de duas raízes, *diakonei* (servir) e *enknoein* (esforçar-se). O ministério diaconal caracteriza-se pelo trabalho Social e “Espiritual”. É o “Serviço Social” da Igreja, “que se faz ao próximo por amor a Deus, que a Igreja faz. É mais que solidariedade, mais que boa ação, é um serviço que transforma vidas” (WEISS DE JESUS, 1999). As diáconas se diferenciam, entre outras coisas, das diaconisas pelo fato de estas viverem como *irmãs*, e as primeiras poderem casar e ter filhos. Ambas dedicam-se a tarefas de cunho social, *amparando os carentes e doentes*. Raramente são autorizadas a desempenhar funções pastorais, como pregação, officiar casamentos, batismos, etc. Geralmente isso ocorre em comunidades pobres e com deficiência de pastores.

se sentiam excluídas e quando em sala de aula se tratava da *História Bíblica*, era “um mundo maravilhoso [...] para os homens. Porque tem tanto homem protagonista, porque tem tanto homem liderando, tem tanto homem nascendo pra salvar o mundo!” (AB, em entrevista).

Assim, apesar de não serem *teologicamente* contra o acesso de mulheres ao ministério pastoral, segundo as interlocutoras da pesquisa, os professores reproduziam uma “*tradição androcêntrica*”, presente na história do cristianismo, não favorecendo assim a identificação das mulheres com este **campo** repleto de referências masculinas.

As mulheres procuram resgatar sua presença na Bíblia e na história do cristianismo, para justificarem sua atuação na Igreja, como forma de *valorizar o seu papel* na Igreja e na sociedade. Para justificar a sua atuação na Igreja, declaram: “também nos dias de Jesus, as mulheres assumiram tarefas para que a sociedade da época pudesse perceber o valor da sua presença no seu meio. Cabe-nos, portanto, fazer em nossos dias este mesmo trabalho” (SB, por e-mail).

A doutrina luterana é percebida por elas com uma doutrina não dogmática e, portanto, segundo elas, os escritos de Lutero foram raramente utilizados para defender ou criticar o exercício pastoral das mulheres. No entanto, em várias ocasiões, pude presenciar as mulheres justificando sua atuação pastoral não apenas como um chamado de Deus em resposta ao “ide”, mas também como um cumprimento ao Sacerdócio Geral de Todos os Crentes, um dos aspectos mais relevantes da doutrina de Martin Lutero.

As mulheres da igreja católica não podem ser ordenadas e nisso eu tenho que dar um crédito para a nossa igreja, e tenho que reconhecer isso que pelo menos nós temos esse direito que vem da teologia luterana, do sacerdócio geral de todos os crentes, do fato de que todas as pessoas batizadas são iguais perante a fé. Isso nos dá uma fundamentação teológica muito boa para exercer o ministério feminino (AD, em entrevista).

A tradição racionalista, localizada no luteranismo desde a Reforma³⁷, aliada à idéia de igualdade de essência recuperada de Lutero, é uma das componentes para que nas instâncias diretivas eclesiásticas da IECLB, e mesmo na EST, entre os docentes, não sejam aceitas justificativas teológicas para a discriminação do pastorado feminino ou para seu impedimento. No entanto o *habitus* “patriarcal”, presente na sociedade e na Igreja, revelaria uma aparente contradição entre a posição teológica do corpo docente e as discussões sobre a *prática* pastoral das mulheres.

As pastoras e teólogas entrevistadas revelam a existência de um *habitus* “patriarcal” na IECLB que se explicita nos meandros do cotidiano (como os bilhetinhos dos colegas da Faculdade), nas discussões sobre o papel das mulheres – que é uma discussão aberta desde os anos 60 – e nas dificuldades efetivamente encontradas por elas para alcançarem a hierarquia.

3.2 AS VICISSITUDES DAS TRAJETÓRIAS DAS MULHERES

A visão das mulheres sobre suas trajetórias individuais sempre é remetida à história das demais pastoras e teólogas. Em suas falas, as dificuldades, decepções, e alegrias das entrevistadas foram narradas como se todas as mulheres tivessem passado pelas mesmas experiências. Isso se reflete quando narravam situações particulares de suas vidas, incluindo exemplos similares aos de sua própria experiência. Suas *conquistas* foram sempre atribuídas a um esforço conjunto das mulheres, revelando uma concepção única da trajetória das teólogas e pastoras na IECLB. Assim, na narrativa das mulheres sobre as suas trajetórias individuais, há um senso de pertencimento à condição feminina que é marcada pelo estar em luta³⁸.

³⁷ Sobre o racionalismo entre os protestantes, ver Weber, 1967.

³⁸ É este *habitus* que permite que as entrevistadas vejam a Pastora Sinodal “como homem”, quer dizer, ser mulher é lutar, como mulher e pelas mulheres.

3.2.1 A FAMÍLIA DE ORIGEM E A “VOCAÇÃO” PARA A TEOLOGIA

Como apontei no Capítulo I (conforme, WEBER, 1967), para @s protestantes a vocação perpassa todos os aspectos da vida, não se referindo apenas à esfera religiosa, como para freiras e padres na Igreja Católica. Entendo que os universos da estudante de Teologia e da aspirante à freira são bastante distintos. Interessa-me aqui apenas compreender a forma como acontece o chamado, a decisão por uma carreira religiosa, no caso de minha pesquisa, a opção pelo ministério pastoral.

As “moças” que optam por estudar Teologia estão se colocando no mesmo nível hierárquico que seus colegas homens, participando de igual tipo de formação e convívio social. No caso das freiras, as relações, implicações e deveres da vida religiosa são institucionalmente distintos daqueles dos Padres, o que, em princípio, não acontece na Igreja Luterana.

No entanto, assim como para as freiras (GROSSI, 1990), a decisão de sair da casa familiar para cursar Teologia implica, além da vontade expressa pelas estudantes, no consentimento por parte da família de origem. Apesar de grande parte das interlocutoras afirmarem que a religiosidade da família pouco ou nada teve a ver com a decisão, é recorrente entre elas uma participação ativa ainda durante a pré-adolescência nos diversos grupos de suas comunidades (Escola Dominical, Juventude Evangélica, Estudos Bíblicos). Muitas delas tiveram papéis de liderança nas comunidades em sua juventude e seus pais eram assíduos nas reuniões dos grupos das igrejas que freqüentavam. No entanto, as mulheres apresentaram nas entrevistas os argumentos utilizados pelos pais e, às vezes, pelo pastor da comunidade de origem, para que não ingressassem na "carreira" religiosa.

Algumas das pastoras entrevistadas, que estudaram no início da década de setenta, relataram que durante muito tempo a imagem que tinham de *pastor* era de *um pastor homem*,

e a possibilidade de cursar Teologia só foi vislumbrada a partir do momento em que tomaram conhecimento de que havia estudantes mulheres na faculdade de Teologia. Nas *comunidades*, o pastorado era visto como *profissão de homem*, o que muitas vezes era considerado pelas mulheres como uma desaprovação de sua possível escolha. Uma *boa escolha*, segundo elas, seriam os ministérios *catequéticos e diaconais*, ligados ao ensino e ao *cuidado*³⁹. Por isso, algumas mulheres decidiam adiar sua entrada na Faculdade de Teologia e chegavam a cursar outras faculdades antes da EST:

[...] quando eu terminei o segundo grau eu não tive aquela coragem suficiente de tomar a decisão contra a vontade da família e da comunidade e adiei a decisão, mas aquilo estava muito dentro de mim, aquela idéia, e fui me informando, pegando, fazendo contatos (AD, em entrevista).

Percebi, em grande parte das entrevistas, fragmentos que apontavam para um rompimento dos laços com a família de origem, particularmente, no que diz respeito à dependência financeira e emocional, quando as mulheres decidiam cursar Teologia. Algumas tendiam primeiro a sair da casa dos pais (muitas vezes para realizarem outro tipo de formação ou trabalhar), como uma espécie de estratégia para ir preparando a família aos poucos, para depois, então, entrarem na Facteol. Quando a saída de casa não acontecia, viam-se sem nenhuma forma de apoio por parte da família. Uma das informantes declarou que sua mãe diante de sua decisão, por cursar teologia, disse-lhe: “Você pode ir, mas não conte conosco pra nada [...] você vai se virar sozinha” (AD, em entrevista) Um outro aspecto levantado pelas entrevistadas era que em alguns casos os pais se opunham a sua decisão porque consideravam que uma opção pela *carreira* no pastorado não traria benefícios financeiros: “Meu pai, por exemplo, acha que nem vale muito isso [estudar Teologia], porque [...] ele acha que eu devia

³⁹ *Cuidado* aqui expressa a dedicação das mulheres a trabalhos com crianças, jovens, idosos, doentes e carentes. Ou seja, o *habitus* que elas identificam na Igreja e entre os colegas de Faculdade, é o mesmo que está presente na sua comunidade de origem (entre homens e mulheres), novamente diferenciando papéis.

fazer numa área que desse dinheiro. Então, sabe ele falava 'mas, tu [AF] tão inteligente' né, foi fazer Teologia" (AF, em entrevista).

Outras, no entanto, indicaram a religiosidade da família como uma primeira forma de vivenciar sua experiência na Igreja. Relataram que suas mães participavam *ativamente* da OASE e que os pais eram envolvidos na administração das comunidades, alguns deles teriam sido presidentes das comunidades por várias vezes.

Também é necessário que eu mencione que muitas das entrevistadas apontaram para o fato de que algumas de suas colegas eram filhas de pastores, portanto, para elas o pastorado não era algo estranho e nem mesmo incomum. Apenas uma de minhas entrevistadas relatou que seu pai, um pastor, a *aconselhou* a cursar Teologia ao vê-la *insatisfeita* com sua formação anterior que, segundo ela, era *robotizada e mecanizada*.

Apesar das dificuldades apontadas pelas colaboradoras da pesquisa, muitos foram os fatores apontados pelas mulheres como motivadores de sua decisão pela Teologia (e pelo pastorado). Entre as "influências", está a convivência com professores (*no segundo grau*), que despertou nelas uma *consciência crítica*. Isto é, "a vontade de me dedicar a alguma atividade ou profissão em que pudesse contribuir para *modificar a realidade existente*" (AI, em entrevista, grifo nosso).

A ligação anterior com movimentos *comunitários* (sociais), ligados ou não à Igreja, também foi um fator de motivação para o estudo da Teologia e o interesse pelo pastorado. Muitas relataram que seu envolvimento com a Juventude Evangélica (JE) e como auxiliares de professoras na *escola dominical* foram fundamentais para que a "vontade" de ser pastora despertasse.

A opção por cursar Teologia nem sempre é caracterizada como uma escolha por uma carreira eclesial, mas como uma aproximação com as Ciências Humanas. Neste sentido, a

Teologia seria uma alternativa mais *pragmática*, pois ofereceria a possibilidade de atuação pastoral.

3.2.2 FALANDO DA, NA E PARA A ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

As mulheres contaram sobre sua entrada na Faculdade de Teologia, como um momento muito difícil, onde as relações que se estabeleceram são descritas como problemáticas, especialmente, entre as que fizeram o curso nas décadas de 70 e 80.

Entre aquelas que estudaram na década de 90, os relatos apontaram para a tendência de equiparação entre o número de estudantes mulheres e o dos homens na Facteol. Na Pós-Graduação da EST, onde muitas pastoras e teólogas da IECLB realizam seus estudos, já acontece, segundo as entrevistadas, uma inversão, isto é, as mulheres são maioria entre @s estudantes, possivelmente porque muitas não encontram campo de trabalho em comunidades.

Contudo, mesmo entre as pastoras entrevistadas que se formaram mais recentemente⁴⁰, é comum um discurso que aponta para as desigualdades entre homens e mulheres na IECLB.

3.2.2.1 Estudante de Teologia ou candidata à *Frau Pfarrer*?

De acordo com uma das interlocutoras, que estudou na EST, na década 70, havia “*muita pressão, muito preconceito*” em relação à mulher, principalmente, em relação ao “*comentário malicioso*” de que as mulheres iam cursar Teologia para “*arranjar marido*”. Outra interlocutora, na mesma situação, da década de 70, conta que

[...] os veteranos caçoavam de nossas unhas e lábios pintados e apostavam que em menos tempo deixaríamos o curso para casar com um estudante de

⁴⁰ Entre as que eu entrevistei, as mais recentemente formadas concluíram seus estudos de graduação em Teologia na década de 1990.

Teologia ou um pastor. Era freqüente sermos assediadas com propostas de namoro, o que em geral pareciam apostas dos rapazes para ver com quem tal e tal moça iria ficar (AI, em entrevista).

O *habitus* opera, neste sentido, tentando “produzir” as mulheres que os homens queriam que elas fossem. Isto é, os “rapazes” impunham o estereótipo, através de brincadeiras e assédio sexual, para tentar disciplinar as mulheres para que permanecessem dentro de seus papéis tradicionais (de mães e esposas) e por isso não poderiam, de forma alguma, estar neste meio acadêmico.

Ainda, segundo essa pastora, as mulheres se identificavam mais umas com as outras e que apenas “com alguns homens havia confiança e amizade. [...] com a maioria deles sempre sentia a necessidade de me proteger contra propostas indesejadas ou fofocas” (AL, em entrevista). Segundo ela, esta situação de *preconceito* causava bastante *incômodo* para as mulheres que procuravam dialogar para encontrar alternativas que possibilitassem o convívio na EST: “Estes diálogos nos *fortaleciam* mutuamente” (AI, em entrevista, grifo nosso).

Dentro dessa perspectiva, as mulheres relataram que seus colegas estudantes entendiam as iniciativas de socialização delas no meio acadêmico como uma intenção de aproximação afetivo-sexual: “Eu sempre fui assim bem faceira de conversar, e tomar chimarrão, de ter um círculo de gurias [...]. Eu ia lá, conversava. E daí no início teve uma interpretação – puxa vida! essa moça assim, é ... um *pouco fácil*, né (AC, em entrevista, grifo nosso).

É interessante notar como nas relações gerais com os homens colegas, há inúmeros mecanismos de disciplina. Por um lado, dizer que a “moça” é um pouco fácil, é considerado demérito e, por isso, não serve nem para mulher de pastor. Por outro, a intenção de aproximação afetiva-sexual poderia ser uma tentativa de reduzi-las a *Frau Pfarrer*, ou seja, discipliná-las novamente.

Entendo que esse temor, em ser identificada como uma possível mulher de pastor, ou *Frau Pfarrer*, como aparece em muitas das entrevistas, está ligada também a uma “concorrência” entre as pastoras e as mulheres de pastor, assunto ao qual voltarei no capítulo IV.

Também parece uma tentativa das estudantes de se distanciarem das expectativas negativas, tidas por parte dos professores, de que elas não eram um bom investimento (porque estudavam com bolsas), e muitas vezes nem chegavam a concluir o curso por acontecer de casarem com pastores, seguindo-os em seus trabalhos nas comunidades.

As interlocutoras da pesquisa justificavam que muitas mulheres desistiram do curso por causa do casamento e por outros motivos também. Assim como elas, muitos de seus colegas nunca chegaram a concluir os estudos. Alguns mesmo estudando com bolsas e chegando a concluí-los, não optaram por um trabalho pastoral na Igreja. O que, segundo elas, demonstra a “realidade” do preconceito e da intimidação.

3.2.2.2 As exigências acadêmicas

As entrevistadas declararam que para *provar o interesse verdadeiro* pela Teologia, “a gente tinha que produzir muito mais do que os rapazes pra conseguir ser aceita [...] era muito maior [...], uma exigência de resultado acadêmico pra nós do que para os homens” (AD, em entrevista).

De acordo com as entrevistas, até mesmo o interesse por temas diferentes daqueles tradicionalmente abordados na EST (principalmente os temas ligados à Teologia Feminista), eram tratados como algo a ser corrigido, reprimido. Essa posição dos docentes, evidenciada pelas entrevistadas, era considerada como o indício de “uma formação que eu acredito que ela [a formação] vinha do mundo masculino – androcêntrico -, que não se preocupava em

nenhum momento em perguntar se naquele texto bíblico as mulheres teriam alguma participação, alguma presença diferente” (AB, em entrevista).

As entrevistadas afirmaram que, em geral, o corpo docente da EST *valorizava a reprodução (habitus como estruturador)* dos conteúdos e práticas que “os professores/homens, que eram pastores/homens também, [...] ensinavam e faziam” (AB, em entrevista). As atividades *extra-acadêmicas*, que geralmente se ocupavam de reflexões teológicas a respeito das mulheres na Bíblia e na tradição cristã, eram consideradas por professores e colegas homens como *não-acadêmicas*.

A falta de identificação com os conteúdos ministrados na Faculdade de Teologia e o sentimento de exclusão dentro desse ambiente fizeram com que as mulheres procurassem *fora do mundo acadêmico* um engajamento social que permitisse sua atuação mais concreta, “porque é lá [fora do mundo acadêmico] que a gente fazia e acontecia, fazia as coisas entre nós e lutava para tornar visíveis as mulheres ou da Bíblia, ou nós mesmas, ou aquelas que a gente encontrava lá, as prostitutas ou as sem-terra” (AB, em entrevista).

Na década de 90, quando o número de mulheres cresceu rumo a uma equiparação ao número de homens estudando na EST, e a disciplina de Teologia Feminista já havia sido instituída, as mulheres localizavam ainda diferenças de tratamento entre @s estudantes. Essas diferenças estavam vinculadas principalmente à imagem de homem provedor e de mulher dependente.

Conforme uma das entrevistadas, essa perspectiva se revelou principalmente quando se tratava da destinação de bolsas para estudo na EST, que ela ilustrou através de sua própria experiência, quando pleiteou uma bolsa para pós-graduação: “Quando eu tava concorrendo a uma bolsa de estudo, eu já com família, marido e filho, eu não recebi a bolsa, quem recebeu foi o outro homem casado com filhos e a justificativa foi porque ele era o chefe da casa e

tinha que ter o dinheiro [...]” (AG, em entrevista). A interpretação da pastora sobre o ocorrido era de que ela não foi contemplada com a bolsa por que na Igreja,

[...] pesou a questão dele ser homem, eu ser mulher e não ser considerada como alguém que precisa realmente manter uma família, mas basta-me ajudar em casa [...], a mulher [é] vista como alguém que ajuda na economia doméstica, mas não que efetivamente carrega ou precisa carregar a metade, até mais da metade do que é necessário para ela, para a família se sustentar. (AG, em entrevista).

3.2.3 DISCURSO SOBRE A CORAGEM E A LUTA

As entrevistadas apresentaram, portanto, em suas falas uma característica bastante marcante, o discurso da luta, como pertencente à história das mulheres na IECLB. Em suas memórias sobre a entrada das primeiras mulheres, isso sempre apareceu caracterizado como o início de um processo que ainda não estava totalmente consolidado. Suas próprias experiências, de diferentes épocas, foram relatadas com esta carga do passado, como se elas mesmas tivessem vivido igual experiência à das pioneiras.

Muitas relataram sua decisão para entrar na Faculdade de Teologia como um ato de coragem:

Então a questão é que eu tinha dificuldade na comunidade, o pastor que tava na época na minha comunidade de origem, ele também disse que não era profissão para mulheres, [...] eu lembro que uma vez numa Páscoa eu ajudei na minha comunidade na distribuição da ceia no culto [...] mas a contragosto. Eu ajudei porque eu insisti. Porque eu disse que eu queria fazer né, a contra gosto do pastor (AC, em entrevista).

Para AI, que estudou na EST, nas décadas de 70 e 80, a luta era contra o preconceito dos colegas de faculdade. Como já mencionei, era muito recorrente nas entrevistas

aparecerem referências à acusação de que as mulheres entravam na faculdade para *arranjar marido*. Sua atitude então era de desconfiança e de tentar afastar-se dos colegas de faculdade.

AC conta que, quando percebeu que com sua atitude *expansiva* era interpretada como uma *moça fácil*, agiu da seguinte forma,

Aí, eu conversei com eles, e ... e ... botei cartazes na porta do quarto, horários de visitas. Aí estipulei – só nestes horários é que podiam vir. Daí, eles acharam muito estranho. Daí, eu disse: 'Bom, pra quem não sabe lidar com o evangelho, então tem uma lei' [risos]. Aí, depois, a gente se conheceu e Foi assim, convivendo e daí começou a ser mais natural, mais tranquilo (AC, em entrevista).

Essa atitude tomada por AC evidencia uma estratégia de enfrentamento da situação. Diante do assédio, das *brincadeiras e das gozações*, por parte dos colegas de faculdades (que mencionamos acima), outras estratégias de enfrentamento foram utilizadas. De sua parte, AD contou que sempre se vestia de *mini-saia, salto alto*, maquiada e, assim,

[...] atravessava todo caminho até entrar na sala de aula e na sacada estava cheia de rapazes, estudantes que moravam no prédio e a gente tinha que enfrentar os assobios, as piadinhas desde todo esse trecho até chegar lá. E eu não tinha muita estrutura então eu sofri bastante. Daí eu comecei a adotar um estilo bem masculino de me vestir, calça jeans, camiseta, tentava esconder o máximo o corpo, os seios, porque me incomodava muito [...] tentei adotar um estilo discreto mais para masculino do que outra coisa. Um pouco para poder sobreviver dentro desse clima [...] (AD, em entrevista).

As pastoras e teólogas entrevistadas narraram inúmeras situações como a descrita acima, muitas delas chegando a declarar que algumas de suas colegas de faculdade acabaram desistindo de terminar o curso porque não suportavam esse tipo de *pressão* por parte dos estudantes, assim como as cobranças acadêmicas por parte do corpo docente. No entanto, as mulheres pareciam enfrentar muito mais os desafios acadêmicos que a ostensiva disciplinarização, configurada pelo deboche e agressividade verbal e gestual por parte dos estudantes.

As que permaneceram no curso (principalmente nas décadas de 70 e 80) são lembradas como mulheres que “*quebraram barreiras*” para que hoje as mulheres pudessem estar mais facilmente integradas ao estudo de Teologia na EST. Segundo algumas das entrevistadas, as estudantes que ingressam agora, a “*terceira geração*”⁴¹ não percebe a discriminação, porque são muito sutis, ou mesmo porque as barreiras mais significativas já foram “*derrubadas*”.

Apesar de a Igreja ter avaliado a experiência das primeiras mulheres em comunidade de maneira bastante positiva (ANEXOS 11 e 12), as entrevistadas, que exerceram ou exercem o pastorado desde a década de 70, disseram que mesmo em suas comunidades havia conflitos com membros. AH, que é casada com um pastor, contou que durante muito tempo *sofreu* por não ser reconhecida em algumas das comunidades pertencentes à paróquia pela qual ela e o marido eram igualmente responsáveis. Segundo ela, apesar de ambos dividirem os trabalhos de uma forma igualitária, inclusive as tarefas domésticas e os cuidados com o filho, em algumas comunidades sua presença como pastora não era reconhecida.

[...] tinha também um presidente de comunidade do centro que era assim muito autoritário [...] ele sempre chegava lá em casa e dizia assim “o chefe tá em casa?” Eu dizia: “olha aqui não tem chefe”. Ai ele sempre continuou [...] “o chefe tá em casa?”. Daí chegou um dia que eu disse: ‘olha aqui não tem chefe, mas se você precisa de um eu posso ser!’ [risos]. E daí nunca mais pediu pelo chefe. Então, às vezes, você tem que conhecer as pessoas para também dar as respostas certas e, às vezes, também ser dura e confrontar a pessoa, [...] a mentalidade dela também se modifica com o confronto e às vezes até com o conflito (AH, em entrevista).

⁴¹ Segundo AE, as estudantes de Teologia podem ser classificadas em três gerações: a primeira, que precisou lutar contra preconceitos e por isso assumiu uma postura *feminista radical*, compreendendo as décadas de 70 e início dos 80; a segunda, que pode ser enquadrada do final dos anos 80 e anos 90, começando a compreender os mecanismos de exclusão de mulheres e homens dentro de uma “cultura patriarcal”, pensando em termos de *relações de gênero* e a terceira, que compreende o início deste século, incorpora todas essas lutas anteriores e não se dá conta do processo histórico de *luta*, que foi a entrada de mulheres no ministério pastoral. Para essas últimas, a presença da mulher é bastante natural (entrevista realizada em setembro de 2002).

Algumas situações similares foram narradas por quase todas as pastoras, uma delas, por e-mail, contou que um “*senhor*” de uma paróquia vizinha dizia que “não queria ser enterrado por uma mulher”. Aconteceu que esse “*senhor*” veio a falecer e “na ausência do pastor da respectiva paróquia chamaram a pastora da paróquia vizinha”, ou seja, ela. Essa situação “*pitoresca*”, segundo ela, revela seu modo de trabalhar com tais questões, mostrando que sua presença ali é inevitável e em alguns casos essencial: “Que destino, brigar tanto para não ser sepultado por uma pastora e o que acontece?” (TW, por e-mail).

Outra questão de *luta* para as mulheres era sua legitimação como pastoras, em contraste com o papel de *mulher de pastor*, que como foi visto neste capítulo, muito freqüentemente lhes tem sido atribuído de forma explícita ou implícita. O Grupo de Mulheres procurava então problematizar a questão, negando essa identidade, que era tida como presente, de forma implícita, na perspectiva dos docentes da EST.

A gente queria trazer outra perspectiva, dar um outro perfil para as mulheres. A gente não queria ser mulher do pastor, nós queríamos ser pastoras. Então, qual era o ofício de nós pastoras? É reproduzir esse mesmo modelo que já está dado e que se deu, ou a gente tem um outro perfil de trabalho. E a gente acreditava que com uma mulher teóloga que tivesse conhecimento da teoria feminista, se identificasse com isso, ela ia dar para gente uma base, uma formação mais consistente sabe? (AH, em entrevista).

A primeira iniciativa nesse sentido foi a solicitação, por parte desse grupo, de seminários para que fosse abordada a *história da mulher na Igreja*. Tais seminários aconteceram na década de 80, coordenados por um professor⁴² da EST. Em meados dos anos 80, o Grupo Pró-Teóloga possibilitou que acontecessem vários encontros com teólogas

⁴² Agradeço ao Pastor Dr. Martin Dreher, historiador, atualmente professor da Unisinos/RS, que cedeu as atas desses seminários, coordenados por ele, na ocasião da entrevista, realizada em março de 2002. A partir das atas percebi que eles aconteciam a partir de março, estendiam-se por todo o ano letivo, e tod@s @s alun@s da EST podiam participar, não apenas @s estudantes de Teologia. Eram abordados diversos temas como: Família, Clã, Matriarcado, Patriarcado; Dominação; A mulher no Antigo Testamento; Mulheres gregas e romanas; Jesus e as mulheres; Como Paulo trata o tema da mulher em Coríntios, entre outros tratados, em 1982. De acordo com essas atas, os seminários aconteceram também em 83 e 85 e, em 94, ocorreu um outro sobre o aprofundamento teológico da mesma temática. @s próprias estudantes trabalhavam os temas, orienta@s por uma bibliografia base.

feministas do Brasil (Ivone Gebara) e do exterior (Alemanha, Estados Unidos e da América Latina)⁴³, o que mais tarde (como já mencionado no capítulo anterior) culminou na solicitação de uma *cadeira obrigatória* - Teologia Feminista -, o que aconteceu a partir de 1991 com a contratação de Wanda Deifelt, que permanece como professora até hoje.

Um outro ponto de *luta* para as pastoras da IECLB foi relativo ao direito à licença-maternidade, que segundo elas foi amplamente discutido no Grupo de Mulheres, no sentido de propor alternativas mais satisfatórias do que as medidas adotadas pela IECLB. Também a regulamentação do trabalho das pastoras não era prevista pela Igreja assim como todos os direitos trabalhistas.

[...] eu me inseri nele por causa da situação das pastoras nas paróquias em relação à igreja, tinha uma série de questões que não estavam asseguradas em termos de previdência, em termos de direitos trabalhistas. As pastoras não tinham a licença a maternidade, para elas tirarem a licença maternidade elas tinham que se enquadrar em uma licença doença, isso ficava muito ridículo, porque não era uma questão de doença. (AH, em entrevista)

Em 1983, a Igreja definiu – a partir das reivindicações das pastoras e estudantes de teologia – quatro modalidades de pastorado: trabalho em campo missionário (em lugares onde não existem famílias luteranas), casal de pastores num pastorado, equipe de pastores num pastorado e teóloga casada com não pastor (NUETZEL, 1996). Essa classificação foi feita para tentar regulamentar o trabalho da mulher pastora, especialmente quando esta é casada com um também pastor.

Segundo as colaboradoras da pesquisa, o grupo de mulheres era “bastante *reconhecido*” entre @s estudantes e pastor@s da IECLB. No entanto, era considerado “*bastante polêmico*” e, segundo aquelas que participavam do grupo, sofria “*muito preconceito*”, pois era considerado: “um bando de feministas, um bando de mulheres

⁴³ Alguns destes seminários foram descritos pelo reitor da EST, em 1990, como “êxitos” na área de estudos teológicos sob a ótica da mulher (ANEXO 13).

‘recalcadas, mal resolvidas e frustradas’”. Esse “tipo de acusação”, segundo elas, vinha por parte de quem fazia oposição ao grupo: “estudantes, [...] e mais ‘na surdina’ também os docentes”.

Porque, enfim a grande maioria dos estudantes eram homens, o grupo de mulheres criticava uma cultura que era em grande parte protagonizada por homens, pelo estilo, pelo jeito e o patriarcalismo, o androcentrismo [que] conduziram ou foi conduzindo até nós. [...] Então, tinha muitas acusações mais isso a gente nunca, na verdade nunca levou isso a nível pessoal, isso nunca impediu que o grupo deixasse de atuar no morro (AB, em entrevista).

Para AC, que atua como pastora em comunidade, toda a dificuldade experienciada pelas mulheres é advinda da *crise* que a presença delas provoca nos homens. Segundo o depoimento de AC, em entrevista, “[...] a crise maior com a presença do pastorado feminino na igreja, não é das mulheres. Eu acho que é uma crise dos homens com relação às mulheres. Quer dizer, porque questiona toda uma estrutura de pensamento”.

Considero que em tal afirmação está implícita a idéia de que mulheres *corajosas* têm travado inúmeras *lutas*, vislumbrando a possibilidade de mudanças, e os homens, ao verem as possibilidades de seus tradicionais “papéis” serem deslocados ou re-arranjados, temem que isso possa produzir uma nova forma de relação.

3.2.4 ORDENAÇÃO... NÃO ORDENAÇÃO: CARREIRA, HIERARQUIA E PODER

As dificuldades de acesso efetivo ao pastorado (como ministério ordenado) também foram fundamentais para a não ordenação de mulheres na IECLB. As desigualdades presentes em todo o processo que leva à ordenação foram relatadas por todas as que colaboraram com esta pesquisa.

Muitas delas logo após terminarem o Curso de Teologia esperaram longos períodos até que a Igreja fizesse o *envio*, que é a inserção d@s pastor@s no campo de trabalho pela primeira vez, o qual deve ser sempre feito pela IECLB, logo após o cumprimento de todos os

exames (testes) e estágios (em comunidades ou outros trabalhos pastorais), necessários para a aprovação. Isto é, depois de preenchidos todos os requisitos, para a conclusão do Curso de Teologia, é necessário passar por uma Banca constituída por pastores da IECLB, na qual são avaliadas a capacidade teológica e a prática pastoral da candidata, necessárias para que aconteça a ordenação.

Em função da longa espera pela ordenação, muitas mulheres se dedicaram à continuação dos estudos em Teologia e mesmo em outras áreas, algumas não almejando novamente a ordenação e o envio⁴⁴.

Têm muitas pastoras que não estão conseguindo os lugares, a paróquia não aceita, a igreja envia o PPHP, mas a paróquia não aceita, mesmo depois que termina o PPHP, a igreja não aceita, nunca tiveram experiências e nem querem ter. Então têm pastoras que ficam um ano, dois anos tentando [...]. Outra coisa que incomoda é que a igreja não interfere, não interage com essa paróquia. *E agora que você aceitou o bolo você vê o que vai fazer [...].* deixa na mão literalmente (AH, em entrevista, grifo nosso).

As críticas à falta de apoio da IECLB, quando uma pastora é rejeitada em uma comunidade - “pelo simples fato de ser mulher” - são recorrentes entre as entrevistadas. Isso, segundo elas, aponta para uma ambigüidade da Igreja, pois, se por um lado, a ordenação de mulheres “serve para a igreja se dizer progressista”, por outro, elas não percebem “a Igreja, em termos bem concretos, defendendo o pastorado das mulheres”. Segundo elas, a Igreja deveria preparar as comunidades para receber mulheres pastoras, apontando para o fato de que elas receberam a mesma formação que um colega homem e que rejeitá-las “vai contra os princípios até da Igreja que ordena mulheres”. Ou seja, elas apontam para as incoerências (advindas do *habitus* “patriarcal”) existentes na Igreja que ordena mulheres sem preparar as

⁴⁴ A entrada das mulheres na Pós-Graduação é uma alternativa acadêmica para as dificuldades na estrutura da IECLB. É interessante notar que elas percebem essa opção como uma alternativa dentro da estratégia de inserção. E que, apesar de parecer que essa escolha seja uma abdicação das suas lutas e ativismo, não é, pois, mulheres melhor preparadas teriam mais legitimidade para reivindicações.

comunidades para elas. Isto mostra o quanto - apesar do discurso oficial da IECLB -, há limites impostos às mulheres de forma relativamente sutil.

Muitas mulheres passam inúmeros anos exercendo o pastorado sem ter sido ordenadas, com a concordância da Igreja, sem a legitimidade para acessar aos lugares mais altos na hierarquia. Elas tampouco podem gozar dos mesmos direitos trabalhistas que suas colegas ordenadas. Muitas recebem remuneração, pois atuam em comunidades ou paróquias específicas, outras exercem um trabalho voluntário, visitam comunidades que não têm condições financeiras de manter pastores permanentes e oficiam cultos ecumênicos.

Também para as pastoras ordenadas, as dificuldades de aceitação das comunidades passam pela sua concepção sobre o papel da mulher na sociedade, ou seja, pelo que as comunidades julgam ser feminino ou masculino e respectivamente pelos papéis que esperam que as mulheres desempenhem.

Como mencionado no capítulo anterior, os trabalhos alternativos acontecem geralmente sem vinculação a uma paróquia, direcionados a missões entre os não luteranos, pessoas carentes, índios, grupos de mulheres, crianças, e ligados a projetos sociais amplos. Enquanto os homens se encarregam das funções eclesiais mais tradicionais e das funções administrativas em comunidade, as mulheres têm se dedicado a trabalhos alternativos, tendo sido, porém, esse tipo de pastorado questionado como uma forma de perpetuar os tradicionais papéis das mulheres, como aquelas que fazem trabalhos sociais, que se dedicam ao ensino.

Então houve também por um lado um efeito bastante positivo, mas por outro uma auto-avaliação, uma autocrítica que as mulheres estavam de novo assumido os tradicionais papéis de cuidadoras: cuidadoras da comunidade, elas que cuidam dos filhos, das filhas, do marido e levam para as comunidades os mesmos papéis [...] (AH, em entrevista).

Entre as pastoras que trabalham em comunidades e que não são casadas com pastores, os questionamentos acontecem em relação a sua autoridade e autonomia,

No início, o pastorado ser assumido por uma Pastora, era algo curioso para os membros. Perguntavam se eu teria voz suficientemente alta para falar no culto; se teria autoridade para dirigir uma reunião. Também perguntavam se estava certo eu usar brincos e *batom* durante a celebração. Questionavam o fato de morar sozinha (AI, em entrevista).

As pastoras solteiras são questionadas pelas comunidades não só a respeito de autoridade e autonomia, mas também sobre suas vidas pessoais, por morarem sozinhas, pela segurança e pelo fato de não terem um homem para protegê-las⁴⁵. Nesse sentido, mesmo quando não acontece uma rejeição por parte das comunidades, a imagem de mulher como uma pessoa frágil, que inspira cuidados, permanece, não facilitando a sua legitimação como uma figura detentora de autoridade e poder.

Entre aquelas casadas com pastores, as dificuldades vêm da não aceitação de suas figuras como pastoras, advindas principalmente da sobreposição, por parte das comunidades, da figura de um pastor homem.

[...] eu senti muitos momentos de discriminação mesmo, as pessoas iam na sede da paróquia falavam comigo e pediam pelo pastor, se o pastor estava em casa. Às vezes por coisas mínimas, tipo anotar nome das crianças que iam ser batizadas [...] Às vezes eu perguntava se lembrava e sabia que eu também era pastora, claro que eles sabiam, porque eu atendia a comunidade, mas tipo assim fazendo a pergunta como se a pessoa não me conhecesse e eu dizia, *mas você sabe que eu também sou pastora aqui* [...] (AH, em entrevista, grifo nosso).

No entanto, as experiências das mulheres revelam que, quando aceitas nas comunidades, o convívio com uma figura feminina pode permitir que @s membr@s reflitam sobre essa figura feminina na Igreja e também na sociedade. Quase todas as entrevistadas afirmaram que assuntos que durante muito tempo não eram abordados nas comunidades (como a violência doméstica e sexual), foram sendo introduzidos com a presença da mulher no pastorado. Segundo elas, a “*simples presença*” de mulheres no púlpito, como uma figura

⁴⁵ Entendo proteção como uma forma de remeter a mulher a uma figura dócil e frágil, incapaz de agir e decidir autonomamente sobre sua vida. A proteção configura então mais uma forma de controle de gênero e sexualidade.

de autoridade religiosa, propicia reflexões sobre o seu papel na sociedade, abrindo espaço para que se problematize não apenas essa questão, mas toda a estrutura social que perpetua e legitima preconceitos. “O corpo ali [no púlpito], o corpo feminino mexia realmente com as pessoas [...] e ai conciliar isso com a palavra, com a Teologia é muito importante” (AF, em entrevista).

Algumas experiências de pastoras que atravessaram a gravidez trabalhando apontam que a transformação do corpo da mulher oferece muitas possibilidades de reflexão nas comunidades, como por exemplo, trabalhar a sexualidade, a maternidade e a paternidade. A gravidez, segundo elas, permite que @s membr@s percebam que ali diante del@s, no púlpito, há uma “pessoa humana”, que não pode ser escondida pelo talar. A figura de “*santidade*”, evidenciada por essa veste litúrgica - que segundo as mulheres afasta as pessoas -, é despida pelas transformações do corpo da pastora grávida, que pode, então, ser vista como alguém mais próxima, possibilitando relações mais pessoais e o acesso à intimidade dos indivíduos. O que facilita também, segundo elas, o diálogo religioso.⁴⁶

No decorrer da pesquisa, pude perceber que, se por um lado, as mulheres têm procurado acessar de forma igualitária os lugares da hierarquia da Igreja, por outro, tendem a se distanciar dessa possibilidade, na medida em que implementam um modo de trabalho pastoral que privilegia o relacionamento com as pessoas das comunidades. No entanto, o que percebo é que as mulheres têm a perspectiva de “elevar” o *status* desse modo de trabalho, divulgando-o e discutindo-o na Igreja, para que ele seja reconhecido como autêntico e lhes dê visibilidade, legitimando-as a “concorrer” pelos mesmos postos eclesiásticos na hierarquia da IECLB. Desta forma, estariam agindo estrategicamente para mudar a “estrutura social e eclesiástica que pré-determina papéis”.

⁴⁶ Tratarei destas especificidades no próximo capítulo.

CAPITULO IV

A CONSTRUÇÃO DE SI EM RELAÇÃO A OUTR@S

O termo gênero, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. (SCOTT, 1990, p 75).

4.1 DIFERENÇAS ENTRE AS MULHERES

Em diferentes denominações protestantes, as mulheres se consideram submissas aos maridos em cumprimento da “Palavra Bíblica”. Para as pastoras protestantes, no caso em que o homem/marido é também pastor, as mulheres se colocam como suas auxiliares. Pastoras casadas com não pastores se consideram autoridades religiosas, porém fora da Igreja elas permanecem sujeitas à autoridade de seus maridos (SANTOS, 2002).

A Bíblia, em grande parte das Igrejas Protestantes, opera como única fonte de verdade e define quem pode pertencer ou não ao grupo. Portanto, é necessário seguir as “verdades bíblicas”, não as questionando, caso contrário, pode-se não ter a legitimidade necessária para ser aceito e desempenhar atividades no interior do grupo religioso. (MACHADO; MARIZ, 1997). É o que ocorre entre as denominações descritas por Santos (2002).

Assim como as pastoras luteranas, as demais pastoras protestantes consideram que alcançar o pastorado feminino é legítimo, porque diz respeito à pregação do evangelho. Entretanto, as pastoras evangélicas participantes da pesquisa de Santos (2002) chamam a atenção para a questão da submissão no âmbito do casamento. Segundo a autora, a submissão ao marido é acatada por todas elas.

Além disso, a autora afirma que a falta de homens para exercer o pastorado é apontada

pelas pastoras como um dos motivos para as mulheres assumirem tal cargo. Entre as pastoras e teólogas luteranas, as referências ao exercício pastoral nunca foram justificadas pela ausência de homens para exercê-lo. Ou seja, elas não se colocam como substitutas, mas pretendem alcançar legitimidade como pastoras.

Lembro, porém, que nas discussões na IECLB acerca da ordenação de mulheres para o ministério pastoral, um dos fatores favoráveis à ordenação de mulheres, apontados pela Igreja, era justamente a falta de pastores para suprir as necessidades da IECLB que, nas décadas de 60 e 70, estava em expansão (Capítulo II).

Entre as pastoras que participaram de minha pesquisa, não localizei nenhum aspecto que apontasse para sua submissão aos maridos. Ao contrário, suas falas apontam para a busca de relações cada vez mais igualitárias, nas quais as decisões da família sejam tomadas em conjunto e as tarefas da vida doméstica/familiar sejam divididas igualmente. Algumas entrevistadas descreveram casos em que a pastora é a responsável maior pelo sustento da família; também foram narradas situações onde a esposa é a pastora “efetiva” da comunidade e o pastor exerce um pastorado voluntário.

As teólogas e pastoras luteranas não formam um bloco homogêneo. Entre as entrevistadas pude perceber, mesmo entre aquelas que se consideram feministas, distintas formas de conceber essa prática. Geralmente essas diferenças foram apontadas em relação às gerações de mulheres.

Contudo, não desconsidero que na IECLB existam perfis de pastoras semelhantes aos descritos por Santos, posto que minhas colaboradoras de pesquisa apontam para colegas pastoras que mantêm a mesma estrutura “tradicional” familiar, na qual o marido é o provedor e o “chefe da família”, e a esposa se coloca na situação de submissão. Segundo elas, tais diferenças advêm, entre outras coisas, da postura teológica das pastoras.

4.1.1 VETERANAS E NOVATAS: O GRUPO DE MULHERES

Um primeiro momento em que as diferenças geracionais aparecem é quando as colaboradoras da pesquisa falam de suas memórias sobre o Grupo de Mulheres (criado na década de 70). Entre as mulheres que estiveram no Curso de Teologia nas décadas de 70 e início dos 80, as falas apontam para uma mudança profunda na direção do rompimento com qualquer “estereótipo” feminino: “Eu lembro até que eu até mudei até o estilo de me vestir, de ser e tudo [...] Eu gostava de me vestir bem e me arrumar e tudo [mas] cortava o cabelo Joãozinho [...] cabelo bem curtinho” (AD, em entrevista).

As mais jovens percebem esse período como um momento em que as mulheres “levantavam bandeiras” e “vinham com o roxo feminista mesmo”, para “construir o ministério feminino”.

[...] então teve uma fase que as mulheres eram realmente radicais, digo radicais porque até mesmo [dentro]do estereótipo: mulheres que usavam sempre cabelos curtos, não usam brincos, nunca mais se depilaram, coisas assim, foi uma fase de masculinização das mulheres, no ingresso das mulheres no pastorado (AF, em entrevista).

Segundo as entrevistadas, as mulheres dessa época procuravam se desvencilhar das características consideradas tradicionalmente femininas, para que pudessem “acessar o poder tradicional”, isto é, terem seu espaço no pastorado e que ele fosse reconhecido. De acordo com as mais jovens, as pioneiras tinham uma postura mais resistente, de luta, de enfrentamento e de afastamento, em relação aos homens, pois esses nunca eram incluídos nas discussões do Grupo de Mulheres.

Parece-me que as mulheres não queriam reproduzir num espaço diferenciado e com um “rótulo feminino”, as características “valorizadas” pelos homens. Para demonstrar tal postura, assumiam (ou construíam) um visual, um gestual e um comportamento considerado “masculino”. Qualquer indicativo de sexualidade ficava, então, suprimido de sua aparência e

comportamento, para que pudessem ser vistas como iguais (intelectuais e teólogos)⁴⁷.

Grande parte das interlocutoras considerava o Grupo de Mulheres como um instrumento de reflexão e de luta, todavia o grupo gerava polêmicas não apenas entre os homens mas também entre as mulheres. Recebi através de e-mails, opiniões de pastoras que, apesar de concordarem que o contexto não era favorável às mulheres, consideravam o Grupo de Mulheres, bastante “*radical, extremista*” (grifo nosso). TW, que realizou seus estudos na EST, entre 80 e 90, declara: “Não participei ativamente do Grupo de Mulheres, pois considerava o movimento muito extremista” (TW, por e-mail).

As mais jovens relatam o seu ingresso no Grupo de Mulheres, como um momento difícil, onde, para entrar, tiveram que “marcar presença”, uma vez que consideravam o grupo “fechado”. Segundo elas, a entrada das mulheres que ingressaram no Grupo de Mulheres, a partir do início da década de 90, permitiu às mais velhas que revisassem suas atitudes feministas, pois começaram a questionar, então, se realmente era necessário “abrir mão” de sua “identidade” para serem pastoras⁴⁸.

[...] era uma coisa que eu também percebia, percebi em 90 quando eu entrei e aos poucos acho que o grupo também foi se dissolvendo, porque deixou de cumprir o seu papel político também então, existia como eu te disse como eu te disse antes, sabe a relação de mulheres foi conquistada, congresso de mulheres cada vez acontecendo mais naturalmente não era mais uma bandeira, uma luta e a cátedra de Teologia Feminista instituída com uma professora aqui dentro uma teóloga admitida, então a gente chegou num ponto bom (AF, em entrevista).

4.1.2 VETERANAS E NOVATAS: AS DISPUTAS AFETIVAS

As disputas entre as mulheres também ocorriam no campo afetivo-sexual, pois,

⁴⁷ Aqui há algum paralelo com o Movimento Feminista, em geral, algo como a “queima de sutiãs” num primeiro momento, exemplificando a idéia de que o biológico não podia ser critério de diferença de direitos.

⁴⁸ Estas discussões apontam para uma nova perspectiva, na qual a proposta é que se discutam as relações entre homens e mulheres dentro da estrutura “patriarcal”. Dessa perspectiva, tanto mulheres quanto homens tendem a corresponder aos “papéis” adequados, acarretando a exclusão tanto de mulheres quanto de homens que não se encaixem nesse perfil dominante.

segundo as entrevistadas, os estudantes veteranos investiam sistematicamente na “conquista” das estudantes “novatas”. As “veteranas” eram vistas como colegas e não eram mais assediadas, por causa de suas posturas em repelir qualquer aproximação sexual, pela própria postura “assexuada” que assumiam ao tentar se igualar aos homens no primeiro momento de luta.

Essas disputas contribuíam para um afastamento entre as próprias estudantes, pois, conforme as mais velhas (preocupadas com a imagem da “Frau Pfarrer”), era “preciso” evitar a aproximação afetiva com os homens, e as “novatas” não viam isso como problema.

Como sugere o diálogo abaixo:

AF - Então, a gente entrava e era uma eterna luta aqui dentro, na verdade tinha o grupo das veteranas e das novatas [...]. Essa coisa com os rapazes né, então as novatas sempre provocam o interesse, despertam os interesses dos veteranos, sabe uma coisa de querer buscá-las para a relação. Realmente na nossa turma a gente se relacionava, tinha amigas bem próximas, colegas bem próximas se relacionam muito né, não propriamente com os guris da nossa turma, mas com os veteranos e eles ‘aí, as novatas, as novatas’, aí tinha um pouquinho, uma guerrinha com as veteranas, uma guerra de sexo, uma coisa meio de interesse de pares, até no âmbito sexual né, sexual que eu digo isso então: ‘Ah! Tentar o namoro com as novatas’. As novatas são aquelas ameaças para as veteranas.

Fátima - E isso implicava em ...?

AF - É muito engraçado, mas vale refletir estas questões concretas mesmo, elas se enciumavam, menina! Elas ficavam com ciúmes dos amigos, então, tudo era, assim, né, tinha que furar o cerco para fazer amizade, porque lá nunca se explicitou, mais tinha sim essa competição sexual mesmo.

Se, por um lado, as veteranas evitavam relacionar-se com seus colegas para não corroborarem com as expectativas negativas dos docentes, de que elas estariam na Faculdade de Teologia para casar com um pastor (Capítulos II e III), por outro lado, a aproximação das novatas dos estudantes causava insatisfação às veteranas que se viam impedidas de estabelecer as mesmas relações para não serem consideradas “caçadoras” de maridos e incapazes de exercer o pastorado. As entrevistadas (tanto as novatas quanto as veteranas)

sempre se referem aos seus colegas estudantes como “caçadores”, para elas as novatas sempre eram vistas como “caça”, mas, na medida em que se tornavam veteranas, “provando sua capacidade para os estudos”, eram paulatinamente sendo consideradas parceiras/colegas.

4.2 DIFERENÇAS TEOLÓGICAS E A OPÇÃO DAS MULHERES

Desde o período de formação, as teólogas e pastoras apontam para as diferenças teológicas no interior da Igreja, também, refletidas na Faculdade de Teologia. Segundo elas, através da Faculdade de Teologia, foi possível identificar duas *linhas teológicas* distintas, que durante a formação possibilitaram o *amadurecimento* teológico, incentivado pelas grandes discussões entre @s estudantes que demandavam leitura e aprofundamento.

Entendo que as diferenças teológicas apontadas pelas interlocutoras revelem que determinadas posições dentro de suas trajetórias estavam estreitamente ligadas à sua opção pessoal, por uma das linhas que descrevem, assim como pelo modo como elas percebem essas linhas. Não entrarei em nenhuma discussão mais ampla sobre as diferentes concepções teológicas na EST, ou mesmo na IECLB, pois isso demandaria uma outra etnografia. Abordo a questão apenas na medida em que aparece como um fator importante na trajetória das pastoras e teólogas entrevistadas.

As colaboradoras da pesquisa descreveram as linhas teológicas conforme o quadro que segue:

A - Descrita Como (Características, objetivos e ações das pessoas ligadas à linha):	B - Descrita Como (Características, objetivos e ações das pessoas ligadas à linha):
<ul style="list-style-type: none"> - Pietismo/ pietista - Carismatismo/ Carismática - Tradicional - Movimento Encontrão Estudar a Bíblia - Fazer orações - Converter “mais e mais pessoas” - Distribuição de folhetos/panfletos “evangelísticos” (evangelizadores) 	<ul style="list-style-type: none"> - Teologia Crítica - Teologia da Libertação - Progressista - Pastoral Popular Luterana - Estudar assuntos “de ordem social” - Questionar a realidade social - Interesse por grupos indígenas e movimentos sociais - Envolveram-se na criação do PT em São Leopoldo - Fizeram campanha para a anistia na Ditadura Militar

QUADRO 3: CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS PELAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA ÀS LINHAS TEOLÓGICAS EXISTENTES NA EST

FONTE: ENTREVISTAS

Essas diferentes linhas teológicas foram narradas pelas pastoras e teólogas como um elemento constitutivo dos diferentes posicionamentos em relação à presença de mulheres no ministério pastoral e também em relação às práticas pastorais adotadas por pastores e pastoras.

As mulheres que, segundo as teólogas e pastoras entrevistadas, não “têm um posicionamento de gênero”, são geralmente identificadas na linha teológica A. Isto é, não questionam a estrutura dominante e se adequam às formas tradicionais de pastorado (que, segundo as entrevistadas, são ligadas à linha A).

As que por sua vez, adotam “um posicionamento de gênero”, mesmo que não se reconheçam como feministas, reconhecem a Teologia da Libertação como sua opção

teológica. Coincidentemente, todas as mulheres que se prontificaram a participar de minha pesquisa se reconhecem como mais próximas das idéias da Teologia da Libertação, que surge como um elemento de liberação também para as mulheres e pastoras exercerem o pastorado. Muitos relatos revelam que a Teologia da Libertação é a grande base e a motivadora para reflexão sobre “as minorias”, as mulheres, então, ao se incluírem nessas minorias, estão lutando pela superação das desigualdades de gênero mas também pela luta para a superação de toda e qualquer opressão. Segundo elas, esta é a proposta de “uma teologia comprometida com o evangelho”.

4.3 *EIN MAN SYSTEME*: O “PASTORCENTRISMO”

Um outro aspecto que percebi durante a pesquisa é que as atividades desempenhadas por homens e mulheres no mesmo espaço pastoral ou em equivalência de postos de trabalho aparecem como diferenciadas. Aqui não há muita novidade, autores de Sociologia da Religião, especialmente, nos Estados Unidos e Europa, têm demonstrado esse “fato” através de gráficos e tabelas. Perl (2002), por exemplo, de um levantamento estatístico, demonstra o tempo gasto por homens e mulheres em 10 diferentes atividades pastorais. Uma pesquisa de McDuff (2001) “mede”, também, através de dados estatísticos, a satisfação profissional entre clérigos das Igrejas protestantes, alegando que a diferença de gênero produz modos diferentes de satisfação e fazeres pastorais. Ambos concluem que as mulheres tendem a trabalhar em comunidades menores, recebendo menores salários e com poucas condições de trabalho e, no entanto, tem um grau maior de satisfação em seu trabalho pastoral.

Minha incursão ao campo levou-me a pensar aspectos diferenciais e relevantes, apontados pelas próprias mulheres pastoras sobre o “fazer” pastoral feminino. Alguns elementos foram destacados nas entrevistas, entre eles, “o corpo”, “o toque”, “o

deslocamento”, a política, “o poder”, todos ligados a uma forma de trabalho mais pessoal de relacionamento com @s fiéis.

Portanto, pretendo ir além da mera constatação da diferença ou da sua naturalização, para chegar à compreensão dessas mulheres sobre o espaço que ocupam e sobre as diferenças percebidas e apontadas em seus próprios discursos. O uso de adjetivos diferenciadores é bastante recorrente nas falas das pastoras, bem como das situações que refletem o seu modo de pastorado e o realizado por homens, em comparação com suas vivências pessoais, como é possível de perceber abaixo:

Nós defendemos que nós temos uma maneira diferenciada de trabalhar. Que eu não vou dizer que é da maioria dos homens, mas que é um padrão masculino de um trabalho centralizado, onde nós até falamos em alemão “Ein Man Systeme”, o sistema de um só homem, onde um só pastor faz tudo. E a gente já, uma boa parte das pastoras, acho que têm essa visão crítica, procuram fazer um trabalho comunitário diferenciado onde exista mais a participação da comunidade como um todo, onde se partilha o poder e não se centraliza o poder (AD, em entrevista).

As mulheres justificam que essa sua postura “mais democrática” pode dever-se ao “fato de não poderem de modo geral exercer autoridade [...] elas não exercitaram tanto o autoritarismo, [porque] têm muitos pastores autoritários, têm muitos pastores que não sabem trabalharem em equipes”. (AB, em entrevista).

Além da centralização da figura do pastor, as entrevistadas apontam que o modo tradicional (e, portanto, masculino) de pastorear é caracterizado por um distanciamento pessoal entre o pastor e @s membr@s.

Para AC, as pastoras tendem a se envolver no cotidiano das pessoas de sua comunidade, enquanto os pastores tendem a estabelecer tais relações pessoais apenas nos momentos em que estes estão na comunidade (nos cultos e nos horários de atendimento pastoral). Para tornar clara esta idéia, AC diz que:

Por exemplo, vamos comparar: um pastor, ele está numa cidade, uma cidade... E ele vai no mercado, ele encontra os membros, e ele diz – Bom dia! – e vai comprando suas coisas e vai adiante, vai embora. A gente diz – Bom dia! – Pede como que está a filha, a vó, a neta, se vai casar, quando... E tu sempre tem pessoas perto de ti assim, aonde que tu encontras... (AC, em entrevista)

A atuação das mulheres sempre aparece valorizando a relação e a participação d@s membr@s das comunidades em oposição aquilo que é apontado por elas como *pastorcentrismo*:

E os leigos e as leigas se sentiam felizes quando descobriam que sabiam fazer orações, visitas e até pregar nos cultos. Enfim, durante este trabalho, eu tentava envolver a comunidade, sem querer assumir uma atitude de 'pastorcentrismo', tentava conviver com a comunidade, realizar junto com elas e eles a tarefa de ser comunidade e celebrar, e acima de tudo, respeitá-las e respeitá-los em sua cultura e sua forma de ser igreja (AI, em entrevista).

Essa postura, “mais próxima”, faz com que – segundo as pastoras-, as pessoas possam se envolver nas propostas e trabalhos das comunidades, o que muitas vezes fica centralizado na figura do pastor e d@s membr@s da diretoria das paróquias. Os adjetivos utilizados por elas, na composição do que consideram um bom pastorado, acontece em contraste com o *pastorcentrismo*. Elas classificam seu modo de atuar como:

- a) “acompanhamento do rebanho”;
- b) “interativo”;
- c) “não é dona da palavra”;
- d) “que trabalha mais teologicamente”;
- e) “não é uma administradora”;
- f) “trabalha com gente”;
- g) “compartilha os conteúdos”.

Em relação ao *pastorcentrismo*, as pastoras relatam que esse modo de atuação não pode ser generalizado, pois outros fatores, como o posicionamento teológico, contribuem para a forma de atuação de pastores e pastoras.

Conforme algumas das entrevistadas, muitas pastoras, especialmente no início da abertura do pastorado para as mulheres, encaixaram-se neste modelo tradicional de pastorado, sem questioná-lo. Para as entrevistadas isso facilitava o fato de que as comunidades aceitassem a presença de pastoras.

A [uma das primeiras pastoras] foi uma que, ela sempre nos depoimentos que ela deu ela diz que nunca enfrentou muitas dificuldades [...] na medida em que ela reproduzia exatamente o modelo que se esperava de pastorado até muitas vezes negando um pouco a sua identidade feminina, como mulher, isso facilitava muito a relação com a comunidade a comunidade aceitava tranqüilamente. (AD, em entrevista)

Essa aceitação das mulheres nas comunidades, ao meu ver, passa principalmente pela aceitação da diretoria, do presbitério da comunidade, que, como já mencionado, são compostos em grande maioria por homens. Ainda que as mulheres sejam em maior número, não alcançam postos de liderança com facilidade, e quando os alcançam é quase sempre pela ausência de homens para fazê-lo. (MACHADO; MARIZ, 1997; WEISS DE JESUS, 1999; SANTOS, 2002). Na Igreja Luterana, as lideranças têm o poder de selecionar, contratar e demitir pastores e pastoras. Penso que, na década de 70, quando as mulheres iniciaram no pastorado, o número de mulheres em cargos de liderança (se é que existiam) era bastante menor que o encontrado hoje. Assim, quando uma pastora chegava em uma comunidade, seus projetos e suas atividades pastorais deveriam ser as mais próximas possíveis das esperadas pelos seus líderes.

4.3.1 “NA IECLB, POR TRÁS DE CADA HOMEM HÁ SEMPRE UMA GRANDE MULHER...”

Dentro desse modelo “*pastorcentrista*”, um problema recorrente para as pastoras é a figura da *mulher de pastor*, que é considerada uma figura muito importante, na estrutura tradicional da Igreja, porque ela é, na maioria das vezes, quem participa ativamente das

atividades da comunidade como coordenadora. É ela também que atua de maneira mais próxima aos membr@s, assumindo o trabalho com as mulheres (geralmente a OASE); organiza o coral; coordena a “escola dominical” e a “catequese”, estando de modo geral presente no cotidiano da comunidade. Desta forma, o pastor pode se dedicar às tarefas de “administrador” e “líder espiritual” da comunidade.

Contudo, a figura de mulher de pastor é muito incômoda para as pastoras e teólogas entrevistadas, porque é comum que elas sejam tratadas, pela Igreja e pelas comunidades, como *Frau Pfarrer*. Esse conflito, em parte, tem origem na própria história da formação de pastoras, que eram vistas como candidatas à *Frau Pfarrer*. Segundo elas, cria-se até “uma certa hostilidade entre as esposas de pastores e as pastoras”, porque as atividades desempenhadas pelas esposas, conforme mencionei, correspondiam a “uma função de pastoras não remuneradas e muitas vezes, teoricamente eram reconhecidas como tal e assumiam esse papel [...] sem ter formação para isso, sem remuneração, sem ter os direitos garantidos” (AD, em entrevista).

As pastoras entrevistadas explicam tal situação como reflexo da própria relação da IECLB com pastoras em geral, relação ambígua que fica mais evidente quando se focaliza aquelas que exercem o pastorado juntamente com seus maridos pastores. Muitas relataram casos, nos quais sua figura era negligenciada pela própria IECLB, Apesar de serem pastoras em exercício, nas mesmas comunidades que seus maridos, muitas vezes, todas as decisões da Igreja, os comunicados e as correspondências oficiais, vinham endereçadas apenas aos maridos, mesmo que o assunto dissesse respeito aos dois (JARSCHEL & ALTMANN, 1992).

Em outros casos, as mulheres relatam que, por várias vezes, as pastoras reclamaram que a IECLB fazia as contribuições ao INSS, apenas para o pastor, a pastora tinha, se quisesse ter algum benefício, de fazer ela mesma a sua contribuição. E quando as mulheres casadas se dedicavam a trabalhos alternativos, “elas eram vistas pela Igreja, na sua condição de esposa,

cujo marido com o seu salário garantiria a sobrevivência da família, de tal forma que o pagamento da esposa era uma questão secundária” (NUETZEL, 1996).

Assim, embora a Igreja garanta a formação para as mulheres, ela parece assumir, no caso das pastoras casadas, que o papel que prevalece é o de esposa de pastor, que mesmo trabalhando não são legitimadas para tal.

As entrevistadas refletem, no entanto, que tal modelo está “entrando em crise”, pela própria presença de mulheres nos pastorado. Para elas “as mulheres na igreja questionaram também o pastorado masculino, acho que os homens também se sentiam desafiados para mudar a forma da proposta de pastorado [...] desde da formação em conjunto e na divisão do próprio trabalho”(AH, em entrevista). A presença e a experiência das mulheres nas comunidades foram narradas como um grande fator de mudança, não só na forma de verem o pastorado, mas também em relação à participação d@s fiéis.

4.4 IGUALDADE NA DIFERENÇA: REARRANJOS E ESTRATÉGIAS NO DISCURSO DE GÊNERO

A perspectiva apontada pelas teólogas e pastoras na IECLB parece estar estreitamente ligada ao que chamo de *Igualdade na Diferença*, isto é, para a Igualdade no sentido de oposição ao termo Desigualdade, que por sua vez remete a uma Igualdade pensada em termos jurídicos, contemplando direitos e deveres iguais para homens e mulheres. Essa perspectiva também é revelada pela própria opção teológica das mulheres na Teologia da Libertação, favorecendo o engajamento como grupo e movimento que, como elas, procura eliminar a “exclusão” social.

4.4.1 A TEORIA DE GÊNERO E A “PRÁXIS” NA EST

Estão presentes em toda esta etnografia referências aos trabalhos acadêmicos (ver itens 1.2.4 e 1.2.5), realizados pelas pastoras e teólogas, quando estudantes de Teologia. A ênfase, em quase todos eles, parece ser a de dar “lugar” e visibilidade não apenas histórica (no sentido de um passado), mas também imputar uma importância para a presença das mulheres na Igreja da atualidade. A busca de uma visibilidade histórica das mulheres surge como parte da sua estratégia de legitimação como teólogas e pastoras e também como uma estratégia de legitimação da ocupação de posições mais centrais na hierarquia da Igreja.

Todos os trabalhos foram realizados sob a ótica da Teologia Feminista, e as referências diretas ou indiretas ao discurso presente nesses trabalhos foram feitas com bastante frequência pelas interlocutoras da pesquisa.

A aproximação entre a prática feminista e a academia é bastante recorrente, como tratarei a seguir, remetendo à trajetória das mulheres na IECLB. O Núcleo de Pesquisa de Gênero surge como o integrador entre a proposta de uma Teologia Feminista, as reflexões sobre as relações de gênero e a ação política (pelas mulheres) na EST-IECLB.

4.4.1.1 O Núcleo de Pesquisa de Gênero

O Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG) foi constituído em março de 1999, como Núcleo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tendo como objetivo e atividade principal “a reflexão teológica na perspectiva da Teoria de Gênero”. É integrado por cerca de dez pessoas, mulheres e homens – a maioria mestrandos e doutorandos -, sendo que o grupo se reúne ordinariamente uma vez por mês.

Minha ida a campo possibilitou-me entrar em contato com esse núcleo e, como já relatei no capítulo I, muitos contatos foram estabelecidos a partir daí. A viagem foi realizada

justamente após a semana do Dia Internacional da Mulher que, segundo @s própri@s integrantes do grupo, sempre era marcado por manifestações. Essas manifestações eram organizadas até o início da década de 90 pelo “Grupo de Mulheres⁴⁹” da EST, formado, como já mencionei, por estudantes do sexo feminino.

Durante a década de 80 e início dos noventa, havia nessa Instituição o chamado Grupo do PT (Partido dos Trabalhadores), que era formado em grande parte pelas mesmas estudantes pertencentes ao Grupo de Mulheres (que participaram de sua fundação), juntamente, com os estudantes de Teologia. Esses dois grupos tinham a Teologia da Libertação como uma “*linha teológica comum*” e os estudantes a eles pertencentes apoiaram a Comissão Pró-teóloga.

As entrevistas permitem pensar que o grupo do PT era um encontro de homens e mulheres e ainda que as estudantes tivessem uma ênfase na “perspectiva da mulher”, iniciavam-se aí tentativas de pensar relação homem/mulher. As relações com os movimentos sociais e o engajamento político propiciaram a interação entre os dois grupos que, aparentemente, discutiam sua própria relação. A interação dos dois grupos me fez pensar que esse foi o período de transição “da mulher ao gênero”.

Esses dois grupos deixaram de existir no início da década de noventa e, segundo seus participantes, “cumpriram seu papel”. Em 1999, surge o Núcleo de Pesquisa de Gênero, o NPG, que é entendido pelos seus integrantes como um grupo de produção e reflexão de gênero e, ao mesmo tempo, como um grupo de ação.

Eu vejo esse grupo como possuidor de continuidade e descontinuidade, isto é, continuidade porque seus integrantes fizeram parte do grupo de mulheres e/ou do grupo do PT. Descontinuidade, porque surgiu com uma proposta acadêmica que tenta romper com a tradição de se pensar “na questão da mulher”, para se pensar em termos de gênero, abordando assuntos relevantes para a área, numa perspectiva teológica, como a homossexualidade, a

⁴⁹ Conforme o Capítulo II.

corporeidade e a masculinidade. Nesse grupo, o foco de ação deslocou-se da busca pelo lugar da mulher para a “busca da equidade entre homens e mulheres”. Ao assumirem gênero como relação, política, inclusive, as mulheres puderam incorporar os homens numa luta que não apenas deseja promover a inserção igualitária das mulheres na hierarquia da Igreja mas também mostrar aos homens que os benefícios e adaptações necessários para isto não constituem ameaça de destruição para a hierarquia e nem para a Igreja. Esse foi um movimento que se realizou como produto de uma convicção, mas que tem um valor estratégico inegável.

4.4.1.2 Ações afirmativas? “A proposta de política de cotas por sexo” na EST

Em 2001, o Núcleo de Pesquisa de Gênero ou Núcleo de Gênero apresentou ao reitor da Instituição uma “Proposta de adoção de política de cotas por sexo na EST”, que teve, segundo as colaboradoras da pesquisa, o peso de um documento, cujo objetivo era “[...] adoção de uma política de cotas por sexo na Escola Superior de Teologia, visando um maior número de mulheres no corpo docente e nas instâncias de decisão da Instituição”. Tal proposta remete à trajetória das mulheres dentro dessa instituição e à continuidade e descontinuidades de grupos e contextos dentro da IECLB.

Segundo as entrevistas realizadas com pastoras estudantes de Pós-Graduação da EST e com a única professora de área de Teologia, não há espaço para as mulheres, como docentes, nas áreas consideradas teológicas da Escola Superior de Teologia.

Na ocasião da minha viagem à EST, que aconteceu na semana seguinte ao Dia Internacional da Mulher de 2002 (como já detalhei no Capítulo I), pude observar os resíduos deixados pelas manifestações ocorridas em comemoração àquele dia. Eram cartazes que enfatizavam, através de dados estatísticos, a situação das mulheres na educação superior,

como docentes e discentes, e também a situação de outros grupos, como os negros. Nos cartazes, havia “palavras de ordem” como: “Política de cotas já” e “Meninas boazinhas vão para o céu. As más vão à luta”.

Nesse período, entrevistei oito teólogas e pastoras da IECLB (Quadro 1), entre elas, estavam seis organizadoras desse evento, mas, como isso não era o foco de minha pesquisa, não me preocupei em entrar em detalhes. Fotografei os cartazes, porém, minha experiência como fotógrafa não me permitiu expor as fotografias. Percebi que, durante a fala dessas mulheres pertencentes ao Grupo de Pesquisa de Gênero, havia grande ênfase no evento recentemente ocorrido e principalmente na questão das cotas por sexo para docentes na EST.

Um dos aspectos que chamou minha atenção é que a política cotas não era o tema elegido para ser trabalhado durante esse ano, o tema principal era violência contra as mulheres, que foi trabalhado em um culto na capela da EST e em um teatro apresentado no pátio da Instituição. Entretanto, os resíduos deixados por essa semana levavam a crer que a política de cotas teria sido a grande “bandeira” levantada. Esse “desvio” do tema, na verdade, era a continuação do que havia sido proposto para o ano de 2001, que estava centrado na política de cotas por sexo para docentes na EST – IECLB e evidenciava que os anseios naquela data expressos não tinham sido respondidos satisfatoriamente pela estrutura eclesiástica e universitária.

As colaboradoras da pesquisa reconhecem que falar de cotas gera polêmica, mas, para elas, no caso da EST, a proposta é “que uma política de cotas na EST colocaria mais sujeitas mulheres e, em longo prazo, a gente pode apostar que a própria estrutura vai se modificando [...] que abra espaços para que corpos de mulheres transitem aqui e interacionem com os estudantes e isso provoca mudanças na estrutura” (AF, em entrevista). As teólogas e pastoras afirmam que a presença de mulheres no corpo docente da EST pode permitir que as experiências anteriores que tiveram não se repitam. “A presença de mulheres muda

profundamente o ensino, o aprendizado, o conteúdo” (AB, em entrevista).

A justificativa para a política de cotas na EST pode ser clarificada através do parágrafo da “Proposta de adoção de política de cotas por sexo na EST” que segue:

A adoção da política de cotas seria uma atitude para sair do discurso e engajar-se num processo que, com certeza, faria história. Fica para trás um reconhecimento apenas formal da desigualdade e se passa para um processo de ação concreta em relação à equidade. Instaurar uma política de cotas, com no mínimo 40% do corpo docente ser composto por mulheres, teria grandes repercussões dentro e fora da Escola Superior de Teologia (EST). Também teria repercussões na vida das mulheres que vão assumir estes postos e na vida de homens e mulheres que vão experimentar os efeitos de tal política, do corpo discente, bem como das suas práticas comunitárias futuras⁵⁰.

Na ocasião da entrega do documento, uma das integrantes do NPG disse: “Este é um momento histórico... de conspiração e de sonhos” (REDE PLURAL/NOTÍCIAS IECLB).⁵¹ Conspiração parece ser o termo certo para definir a perspectiva das mulheres que entrevistei a respeito das suas participações como docentes na EST.

A professora titular da cadeira de Teologia Feminista tem se dedicado a formar mulheres para que, dentro de um curto período, possam estar preparadas para assumir a docência nas diferentes áreas teológicas dessa instituição. As estudantes de pós-graduação adotaram a mesma perspectiva e têm o firme propósito de se prepararem para assumir as futuras vagas para docentes na EST.

Ou seja, essa estratégia das estudantes permitiu, na verdade, apesar do fato da IECLB não ter preparado as comunidades para o pastorado feminino e isso ter causado muitas vezes o adiamento da inserção de algumas mulheres ao pastorado, que elas continuem seus estudos e

⁵⁰ Esta proposta é o cerne do documento entregue, em 10 de setembro de 2001, ao reitor Dr. Lothar Hoch, pelos integrantes do Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG), do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), um dos institutos da Escola Superior de Teologia (EST) da IECLB, em São Leopoldo (RS). (Rede Plural/Notícias IECLB – 12/09/01). www.ieclb.org.br.

⁵¹ Essa informação foi veiculada no dia 12/09/01. Segue o que se lê a respeito da reação do reitor da EST: “O reitor agradeceu a iniciativa e disse que considera o teor do documento um ‘pedido justo’, por várias razões: ‘Porque a perspectiva da mulher enriquece a visão da Igreja, da sociedade e também da Teologia; porque o documento está afinado com uma recomendação da Federação Luterana Mundial; por haver, de fato, uma defasagem de mulheres no corpo docente da EST; e, não por último, porque a justiça é uma questão bíblica’”.

formem-se doutoras aptas a exercerem a docência e a formarem as futuras gerações de pastor@s. O que permitirá, certamente, que elas “inculquem” uma outra noção de pastorado, baseada na experiência das mulheres na IECLB e na Teologia Feminista.

Penso que, em longo prazo, a inserção das mulheres no corpo docente da EST causará mudanças significativas na sua estrutura, especialmente, na forma de atuação pastoral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do feminismo não é [...] a história de opções possíveis ou da escolha tranqüila de um projeto vitorioso; é antes disso, a história de mulheres (e de alguns homens) constantemente às voltas com a absoluta dificuldade de resolver os dilemas que enfrentaram... (SCOTT, 2002, p. 47-48).

Nesta etnografia, “as dificuldades de resolver os dilemas que enfrentam”, na proposição de Scott, são acompanhadas da importância de se compreender os movimentos estratégicos dessas sujeitos históricos que são as mulheres. Minha etnografia recortou a luta das mulheres pela inserção institucional igualitária na IECLB.

Procurei compreender como as pastoras e teólogas agem estrategicamente para legitimar-se como “especialistas religiosos” no campo de forças que configura a IECLB. Tais mulheres, além de lutarem, são intelectuais que discutem sua luta, seu lugar, e suas possibilidades, acompanhando o movimento que produzem, dentro da estrutura da Igreja, com reivindicações específicas.

Elas estão lutando contra um *habitus* que ainda persiste - apesar da argumentação racional e letrada evidenciada na Igreja Luterana -, e imputa às mulheres um papel secundário na estrutura da Igreja, que é denunciado por elas como uma “cultura patriarcal”.

As falas das mulheres entrevistadas sobre suas experiências na IECLB estão estreitamente ligadas com sua “visão de mundo”, integrada num *ethos* feminista. Suas experiências são descritas de forma a tornar visíveis não apenas as mulheres, mas as formas como elas se movimentam, atuam, arquitetam estratégias e lidam com diferentes aspectos da “cultura patriarcal”.

“Mulheres”, neste contexto, são mulheres em luta. As mulheres sem tranças são mulheres em luta, e essa luta não é apenas para entrar na estrutura hierárquica da IECLB, é também para modificá-la. A estratégia dessas mulheres é produto de uma reflexão sistemática

que resgata a história de suas antecessoras, constrói uma sólida argumentação teológica que busca ser instrumento eficiente para a não reprodução do que venho chamando de *habitus* “patriarcal”. Ao mesmo tempo, elas desenvolvem ações afirmativas que garantem a legitimidade de um espaço para a temática da inserção feminina no regime de formação dos especialistas religiosos da Igreja.

A opção pela Teologia da Libertação e pela Teologia Feminista garante às mulheres o alicerce para agirem estrategicamente no combate, para legitimarem-se como pastoras e também para “imporem” sua perspectiva. Assim, suas frentes de batalha estão localizadas tanto no fazer pastoral (a atuação direta como pastoras, tendo uma especificidade valorizada) quanto, também, nos meio de reflexão e de especialização que a Igreja oferece, sendo eficientes pela inclusão de disciplinas formativas de pastores e pastoras e estando presentes e atuantes na reflexão dentro dos cursos de Pós-graduação da FACTEOL.

Essas estratégias estão atentas para as mudanças concretizadas e para a oportunidade de novas reivindicações. Assim, pensando em longo prazo (não final, pois não é possível saber quando é o fim), as mulheres incluíram em sua pauta de reivindicações uma “política de cotas” para os docentes. A idéia é penetrar na formação das futuras gerações de pastoras e, especialmente, de pastores, acreditando serem capazes de promover uma mudança significativa na IECLB.

A valorização das mulheres na Igreja, em todos os âmbitos, é desejada, sendo sua perspectiva mais geral a de que as atuações – principalmente a pastoral, vista como porta de entrada para as demais – não sejam classificadas como femininas ou masculinas. Essa perspectiva igualitária remete à idéia de “igualdade em essência” do “ser humano”, própria do luteranismo, e que aqui é trazida para “des-sexualizar” a concepção de gênero presente no *habitus* “patriarcal”. É uma perspectiva de igualdade (na essência) que permite a valorização da diferença, não dada pelo sexo, mas pelas escolhas individuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBEE, Robin. A clergywoman of the new generation: involving interpretations of gender and faith. In: **Sociology of Religion**. Winter, 2000.

AZZI, R. *et al.* **A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas/CEHILA, 1983.

BAUBÉROT, J.. Da Mulher Protestante. In: PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. v. IV (O séc. XIX). Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova versão internacional**. São Paulo: Vida, 2000.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gêneros**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/EDUERJ, 1995.

BOLETIM DA EST. São Leopoldo, RS: EST, ano 1, n. 1, abr. 2000.

_____. São Leopoldo, RS: EST, ano 1, n. 2, ago. 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP/Paralelo 15, 1998. p. 17-35.

CONNEL, R. W. Como teorizar o patriarcado? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; LOURO, Guaciara Lopes. **Educação e realidade**. Número especial: Mulher e educação. Porto Alegre. V. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

COUTO, Maria Thereza. Da Mulher ao gênero? Refletindo a trajetória dos estudos sobre o pentecostalismo. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA SOCIEDADES E RELIGIÕES, 9, 1999, [S.l.]. **Anais...** [S.l.s.n.], set. 1999.

DA MATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DEIFELT, Wanda. Mulheres na educação teológica no Brasil. **Simpósio**, v. 8, ano XXIX, n. 39, maio de 1996.

_____. Mulheres pregadoras: uma tradição da igreja. **Theophilos**. Canoas, v. 1, n. 2, p. 353-372., 2001.

DICKIE, M^a. Amélia S. **Afetos e circunstâncias: um estudo sobre os Mucker e seu tempo**. 1996. v. 1 e 2. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. **A irmã da bruxa.** Horizontes antropológicos. Porto Alegre: [s.n.], v. 4, n. 8, 72 - 86, 1998.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS. Sacerdócio de Mulheres? .Petrópolis: Vozes, n. 268, 1996.

DREHER, Martin N. O Novo Testamento escrito por Homens, e a Mulher na História da Igreja. **Estudos Teológicos.** São Leopoldo, RS: EST/IECLB/Sinodal, ano 30, n. 3, p. 273-287, 1990.

DUMONT, Louis. **O individualismo:** uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____. **Homo Hierarquicus:** O sistema de castas e suas implicações. São Paulo: USP, 1992.

EHRHARDT, Ute. **Meninas boazinhas vão para o céu.** As más vão à luta. 26. ed. Rio de Janeiro: Objetiva Mulher, [1999?].

FERNANDES, Sílvia R. Alves. Vinho novo em odres velhos? Uma análise da Vida Religiosa feminina na modernidade contemporânea. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA SOCIEDADES E RELIGIÕES, 9, 1999. **Anais...** [S.l.s.n.], set. 1999.

FOUCALT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

FRANCHETO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura C. V.; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo In: **Perspectivas Antropológicas da mulher.** n. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREIBERG, Maristela L. **Retratos do Processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.** São Leopoldo, RS: EST, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

_____. **El antropólogo como autor.** Espanha: Paidós, 1989.

_____. **Observando el Islam:** el desarrollo religioso en Marruecos e Indonesia. 1. ed., Espanha: Paidós, 1994.

_____. **Nova Luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GODELIER, Maurice. As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina. **Revista da civilização brasileira.** Rio de Janeiro, 1980.

GÖSSMANN, Elisabeth (org.). **Dicionário de teologia feminista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GROSSI, M. et al. **O conceito de gênero: um novo “coração de mãe” nas pesquisas sobre a mulher.** Florianópolis: Grupo Em Canto, 1989.

GROSSI, Miriam; MIGUEL, Sônia. **A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre a mulher no Brasil.** In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 17, 1990. Florianópolis, 1990. Mimeografado.

GROSSI, Miriam. Jeito de Freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n. 73, p. 48-58, maio de 1990.

HEILBORN, M. L. Fazendo gênero? A antropologia da Mulher no Brasil. In: OLIVEIRA COSTA (et al.) **Uma questão de gênero.** São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

HOORNAERT, E. *et al.*. **História da Igreja no Brasil.** Tomo II/1. Petrópolis: Vozes, 1992.

JARSCHEL, Haidi; ALTMANN, Lori (coord.). **Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB),** São Paulo: Traço a Traço, out.1992.

KLEN, Vânia M. Gn 3 e as Relações de Gênero dentro do patriarcado. In: **Estudos Bíblicos 66: sexualidade e homossexualidade na Bíblia.** Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2000. p. 25-28.

KLOPPENBORG, Ria; HANEGRAAFF, Wouter J. **Female stereotypes in religious traditions.** Leiden: E. J. Brill, 1995.

KRÜGER, Carla Suzana. **As mulheres e o ministério ordenado na Igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB.** São Leopoldo, RS: EST, 1996.

LUTERO, M. **Obras Selecionadas.** v. 5, São Leopoldo,RS: Sinodal, 1995.

LWF DOCUMENTACION. **The ordination of women in Lutheran Churches.** n.18, Geneva: [s.n.], 1984.

MACHADO, Maria das Dores C. As relações intrafamiliares e os padrões de comportamento sexual dos pentecostais e carismáticos católicos do Rio de Janeiro. **Revista Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Série Ciências Humanas.** Rio de Janeiro. v. 16, n. ½, p. 69-84, jan./dez. 1994.

_____. Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos. **Estudos feministas.** Rio de Janeiro, ano 3, n. 1, 1 sem., 1995, pp.7-27.

_____. **Carismáticos e pentecostais – adesão religiosa na esfera familiar.** São Paulo: Editores Associados/ANPOCS, 1996.

_____. Identidade religiosa e moralidade sexual entre católicos e evangélicos. In: COSTA, Albertina (Org.). **Direitos Tardios – saúde, sexualidade e reprodução na América Latina.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1997a, p. 173-96.

_____. Mulheres: da prédica pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar. In: SCHPUN, M. R. **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Mulheres, 1997b, p. 169-203.

_____. SOS mulher: a identidade feminina na mídia pentecostal. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA SOCIEDADES E RELIGIÕES, 8, 1998. **Anais...** São Paulo: [s.n.], set. 1998.

MACHADO, M^a das Dores; MARIZ, Cecília. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [S.l.], v. 12, n. 34, p. 71-87, 1997.

MALUF, Sônia W. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.

MARIZ, Cecília; MACHADO, Maria das Dores. Pentecostalismo e a redefinição do feminino. **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro, n. 17/1-2, 1996.

_____. Mulheres e praticas religiosas nas classes populares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, 12 (34), p. 71-88, jun. 1997.

MCDUFF, Elaine M. The gender paradox in work satisfaction and the Protestant Clergy. In: **Sociology of Religion**. [S.l.], spring, 2001.

MENDONÇA, A. G. Evolução histórica e configuração atual do Protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, A. C; VELASQUES Filho, P. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. Um panorama do Protestantismo brasileiro Atual. In: LANDIN, L. (org.). **Sinais dos tempos - tradições religiosas no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1990. (Coleção Cadernos do ISER n°23).

MICHAUD, Eric. "Soldados de uma idéia": Os jovens sob o terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni; SCHMIT, Jean-Claude. **História dos jovens**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

MIGUEL, Sônia M. Mulheres e homens, seres humanos In: **A política de cotas por sexo**. Um estudo as primeiras experiências no Legislativo brasileiro. Brasília: CFEMEA, 2000.

MILLER, Tom. **A Ética da Pesquisa**. Natal: UFRN, 1990.

NUETZEL, Gerdi. Potencial Transformador ou complemento de beleza? História do ministério feminino na IECLB. In: BIDEGAIN, A. M. (org.). **Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PERL, Paul. Gender and mainline protestant pastors' allocation of time to work tasks. In: **Journal of the Scientific Study of Religion**. [S.l.], p. 169-178, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da Informação viva**. São Paulo: USP/Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1988. 182p.

ROCHA, Célia L. Reily. **Lideranças femininas nas igrejas cristãs do Brasil**. Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ROHDEN, Fabíola. **Feminismo do Sagrado: o dilema “igualdade/diferença” na perspectiva de teólogas católicas**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Feminismo do Sagrado: uma reencenação romântica da diferença**. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 4, 1996.

_____. **Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente**. *Cadernos PAGU*. Campinas, SP, 8/9, 1997.

ROSADO, M. J. Nunes. **Mulheres na Igreja Católica: elementos para uma crítica do poder religioso**. In: *JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA SOCIEDADES E RELIGIÕES*, 8, 1998. *Anais...* São Paulo: [s.n.], set. 1998. Mimeografado.

RUETHER, R. **Sexismo e Religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

RUETHER, R; MCLAUHLIN, E. **Women of spirit: female leadership in the Jewish and Christian traditions**. New York: Simon and Shuster, 1979.

SANTOS, Maria G. **A Mulher na Hierarquia Evangélica: O Pastorado Feminino**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 15, n. 2 jul/dez, 1990.

_____. **História das Mulheres**. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. **A Cidadã Paradoxal: As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002

SCHÜNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação. O surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975**. v. II. São Leopoldo, RS: Sinodal, EST/IEPG, 1992. (Série Teses e Dissertações).

SEGATO, Rita Laura. **Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal**. Brasília: UnB, 1995. 515p

SORJ, Bila. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade**. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina Oliveira. (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

SORJ, Bila; Heilborn, M. L. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. **O que ler na Ciência Social Brasileira**. São Paulo: Sumaré/ANPOCS; Distrito Federal: CAPES, 1999.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Otávio. **A besta fera, recriação do mundo**: ensaios críticos de Antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. Iguais mas não idênticos. **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1994.

_____. **A Ética protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

ZIRBEL, Ilze; KLEIN, Vânia M. **As mulheres em direção ao estudo teológico**. São Leopoldo, RS: EST, 1994.

SITES CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO DE PASTORES E PASTORAS DA IECLB. Disponível em: www.appi.org.br. Acesso em: abr. 2002.

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA. Disponível em: www.est.com.br. Acesso em: nov. 2001.

ILZE ZIRBEL. Disponível em: www.geocities.yahoo.com.br/izirbel. Acesso em: fev. 2003.

IECLB. Disponível em: www.ieclb.org.br. Acesso em: out. 2001.

IECLB; IELB. Disponível em: <http://www.luteranosbrasil.com/>. Acesso em: mai. 2002.

MOVIMENTO ENCONTRÃO. Disponível em: www.me.org.br. Acesso em: mai. 2002.

PASTORAL POPULAR LUTERANA. Disponível em: www.pastoral.org.br. Acesso em: mai. 2002.

BÍBLIA ON LINE. Nova versão internacional. Disponível em: <http://bible.gospelcom.net>. Acesso em: fev. 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

Guia/Roteiro para entrevistas

Anexo 1

Guia/Roteiro para entrevista:

Quais os caminhos que a levaram para a formação na EST?

-Trajetória;

Como foi o período de formação?

-Trajetória;

-Em que época realizou a formação?; tempo de formação;

-Qual era o contexto da EST?;

-Pontos altos; Dificuldades (quais e como lidou com elas);

-Como era a relação com: as/os colegas de formação; os/as professores/as?;

-Haviam grupos organizados? (de estudo, debate, reflexão, de mulheres, político, etc...);

-Como era sua participação nesses grupos?; Quais os objetivos dos grupos?;

-Quantas mulheres iniciaram a formação na mesma turma? Quantas se formaram?

(Pode-se traçar comentários)

Sobre o pastorado:

-O que a levou a optar pelo ministério pastoral?;

-Tempo de exercício do ministério; Em quais comunidades esteve e quais atividades desempenhou? (relato da experiência);

-Quais as dificuldades encontradas no exercício do seu ministério?;

-Onde exerce o ministério atualmente?; Quais funções (ou áreas de atuação) desempenha?;

-Quantas/os obreiras/os existem na paróquia/comunidade? Como é realizada a divisão das tarefas?

-Como é a sua relação com: os/as membros/as da comunidade/paróquia; as/os colegas obreiras/os?;

-Como avaliaria sua trajetória na Igreja?;

-Quais suas expectativas para o futuro?;

-Qual o aspecto mais importante do ministério pastoral?;

-Quais as especificidades do ministério pastoral feminino? E do seu ministério?

-Exerceu alguma atividade anterior? Qual? (Relatar a experiência);

-Atuou em outras áreas da IECLB? (quais, por quanto tempo, relato da experiência, etc...);

-Possui artigos ou livros publicados? Quais?; Qual o meio mais eficiente de acessá-los?

- Algo mais que queira relatar?

ANEXO 2

Ministério e Ordenação de Senhoras: CD 30-31.07.1969

Anexo 2

Ministério e Ordenação de Senhoras: CD 30-31.071969

Ministério e Ordenação de Senhoras :O Presidente lembra o fato de 3 (três) Senhoritas-estudantes concluírem mais cedo, mais tarde seus estudos na Faculdade de Teologia. O Sr. Presidente sugere que o número de senhoritas-estudantes seja limitado e que não seja ~~mixta~~ previsto ainda sua ordenação no caso de conclusão do 1º exame teológico, levando em conta o ambiente de trabalho existente em nossas Comunidades. O CD resolve aguardar o parecer da comissão teológica sobre o assunto. Constate-se no entanto, que não é o estudo de teologia que dá direito à ordenação, sim o segundo exame concluído. O Sr. Presidente, mesmo assim, sugere que as candidatas para o estudo de teologia (que dá direito à ordenação) sejam alertadas sobre o aproveitamento limitado de senhoras no serviço pastoral em nossa Igreja. CO30/31.7.69

ANEXO 3

Faculdade de Teologia: Reunião do Cd, 06-08.03.1970

Faculdade de Teologia: Reunião do CD, 06-08.03.1970

59. Faculdade de Teologia:

Caso para o 2º semestre de 1970 não vier da EMI-D um docente para o Antigo Testamento, o Dr. Kirst terá que assumir esta cadeira. O Dr. Joaquim Ebling Rodrigues será convidado a proferir conferências sobre a situação jurídica da Igreja, em geral, em nosso País, bem como sobre assuntos jurídicos que implicam na prática pastoral.

Referente ao aproveitamento de teólogos, o Conselho Diretor não vê motivo para ir além do já constatado em Reuniões anteriores

ANEXO 4

Ata da Conferência de Docentes: 06.11.1970

Anexo 4

Ata da Conferência de Docentes: 06.11.1970

Após o fim de semestre, será realizada uma reunião a 8.12, às 19,30hs. Naquela reunião será estudado um parecer do corpo docente sobre o papel da pastora na IECLB. Dr. Brakemeier elaborará o projeto para o referido parecer e levará este último ao Conselho Diretor da IECLB.

2. Após o fim do semestre, será realizada uma reunião a 8.12, às 19,30 hs. Naquela reunião será estudado um parecer do corpo docente sobre o papel da pastora na IECLB. Dr. Brakemeier elaborará o projeto para o referido parecer e levará este último ao Conselho Diretor da IECLB.

ANEXO 5

Parecer do Corpo Docente da Faculdade de Teologia referente à admissão de moças ao estudo de teologia: 09.12.70

Parecer do Corpo Docente da Faculdade de Teologia referente à admissão de moças ao estudo de teologia: 09.12.1970

Visto que a matrícula de moças na Faculdade de Teologia requer uma definição clara das possibilidades profissionais de candidatas ao ministério eclesiástico, a Faculdade de Teologia solicita que o Conselho Diretor se pronuncie com referência à questão do emprego de pastoras na ECLB. Julgamos que essa questão deverá ser resolvida com a máxima urgência para evitar futuras decepções das moças que optarem pelo estudo da teologia na esperança de exercerem atividades ministeriais após a conclusão do curso. A Faculdade de Teologia não se vê em condições de apoiar de bom grado a matrícula de moças, enquanto não existirem, por parte da Igreja, concepções e diretrizes concretas sobre o futuro aproveitamento de pastoras na ECLB e nas suas comunidades.

Juntamente com essa solicitação o corpo docente da Faculdade de Teologia toma a liberdade de apresentar ao Conselho Diretor o resultado prévio de suas ponderações como proposição a ser examinada.

I. Cremos que a admissão da mulher ao pastorado não mais constitui problema teológico. Os debates nas Igrejas da Europa e de outras partes estão praticamente concluídos e resultaram na aceitação quase unânime da igualdade de direitos de homem e mulher também no que se refere ao exercício do pastorado. No âmbito da ECLB a instalação da pastora tem predominantemente ou até exclusivamente caráter prático, isto é, trata-se de um problema de viabilidade e de necessidade.

II. Sentimos a urgência de um levantamento sobre a cifra de pastores e obreiros eclesiásticos, necessários para o suprimento das comunidades em futuro próximo. Esse levantamento deveria englobar também a possibilidade do aproveitamento de pastoras no serviço comunitário. Somos da opinião que a Igreja, na formação e no emprego dos seus futuros obreiros, não deveria dar preferência exclusiva ao sexo masculino, embora seja necessário considerar também esse aspecto sob determinadas circunstâncias e por motivos práticos, mas que seja adotado, na medida do possível, o critério da capacidade e da dedicação à causa.

III. Deverão ser distinguidas as funções da pastora casada e da pastora não casada. É de supor que a maioria das estudantes de teologia casará. Cremos, no entanto, que o casamento da candidata ao ministério não impossibilitará necessariamente o exercício da sua profissão.

1) A pastora casada representará uma valiosa ajuda e um potencial de trabalho em âmbito paroquial. Ela poderá exercer atividades pastorais de tempo parcial, ou, em casos especiais, até de tempo integral. Normalmente ela poderá colaborar com o pároco em setores específicos, dependendo da paróquia a determinação da natureza do trabalho a ser prestado pela pastora casada. As regulamentações respectivas deveriam ser objeto de um estudo à parte.

2) Assim como ao pastor, também à pastora deveria ser acessível, em princípio, a administração autônoma de uma paróquia com todos os direitos e deveres que daí resultam, a não ser que motivos de ordem prática (esforço físico, etc.) o impeçam. Em especial ela poderá assumir responsabilidades em uniões paroquiais ou como pastora ao lado de um pastor em comunidades maiores. Além disso ela poderá dedicar-se a serviços especiais em âmbito distrital, regional ou eclesiástico (orientação catequética, assistência social, orden auxiliadora, cura d'alma em hospitais, asilos, etc.). Pelo que nos parece, os campos de atividade da pastora são muito vastos.

IV. A aprovação da matrícula de moças na Faculdade de Teologia implica em que a Igreja providencie alojamento para as estudantes.

V. A Faculdade de Teologia advoga a matrícula de moças também por uma razão secundária. Ela acredita que a presença de moças irá corrigir, de certa forma, o clima ora necessariamente "masculino" no convívio dos estudantes.

ANEXO 6

Aproveitamento de pastoras na IECLB: Reunião do CD, 11-13.12.1970

Aproveitamento de pastoras na IECLB: Reunião do CD, 11-13.12.1970

-) Aproveitamento de pastoras na IECLB : O corpo docente da Faculdade de Teologia pede que o Conselho Diretor estabeleça as condições de aproveitamento da pastora nos campos de trabalho da Igreja, apresentando considerações básicas relativas ao seu aproveitamento e ao seu estudo na Faculdade de Teologia. Estas considerações acompanham a carta do diretor da Faculdade, de 9 do corrente. O assunto é longamente examinado, com a participação de todos os conselheiros. Há consenso no seguinte :
- A admissão de moças para a Faculdade não constitui problema teológico ;
 - O regulamento do pastor não exclui as pastoras ;
 - Não há, em princípio, distinção de ordem jurídica entre o pastor e a pastora ;
 - Na concessão de bolsas, não há discriminação entre estudantes masculinos e femininos ;
 - Em princípio, também a pastora poderá assumir a administração de uma Paróquia ;
 - Por enquanto - reconhece-se - são limitadas as possibilidades para o emprego da pastora ;
 - É solicitado o conselheiro Brakenheier para informar o corpo docente da Faculdade de Teologia de presente resolução . CO 11/13.12.70

ANEXO 7

Aproveitamento de mulheres no trabalho pastoral das comunidades da IECLB – Carta da IECLB n. 6046/70, do Secretário Geral da IECLB ao Reitor da Facticeol

Anexo 7

Aproveitamento de mulheres no trabalho pastoral das comunidades da IECLB – Carta da IECLB n. 6046/70, do Secretário Geral da IECLB ao Reitor da FACTEOL

item 48) - Aproveitamento de mulheres no trabalho pastoral das comunidades da IECLB:

O Reitor da Fac.de Teologia deseja saber até que ponto poderão encontrar aproveitamento os estudantes do sexo feminino que cursarem esta Faculdade. O Conselho Diretor conclui, após o reexame do assunto já tratado nas Reuniões de 23 de junho de 1969 (tópico 16), de julho de 1969 (tópico 5), de março de 1970 (tópico 59), que estão sendo aproveitadas em setores de trabalho condizentes às suas peculiaridades específicas e às condições locais para a sua colocação e aproveitamento as teólogas formadas pela Faculdade de Teologia.

ANEXO 8

Aproveitamento de mulheres no pastorado da IECLB: Boletim Informativo do CD, n. 10,
16.01.1971

Aproveitamento de mulheres no pastorado da IECLB: Boletim Informativo do
CD, n. 10, 16.01.1971

- APROVEITAMENTO de mulheres no pastorado da IECLB: O Conselho Diretivo nos últimos anos, ocupou-se varias vezes com esta questão, resumindo em sua última Reunião, da seguinte maneira, o consenso ao qual chegou:
- a) A admissão regular de estudantes do sexo feminino, na Faculdade de Teologia da IECLB, não constitui problema teológico.
 - b) O Estatuto do Ministério Eclesiástico não exclui a mulher nas funções do pastorado.
 - c) Não há, em princípio, distinção de ordem jurídica entre o pastor e a pastora.
 - d) Na concessão de bolsas para o estudo da Teologia, não há discriminação entre estudante do sexo masculino e do sexo feminino.
 - e) Em princípio, a administração de uma Comunidade poderá ser exercida por uma pastora.
 - f) Em nossa Igreja são limitadas, por enquanto, as possibilidades para o aproveitamento da mulher no ministério eclesial.

ANEXO 9

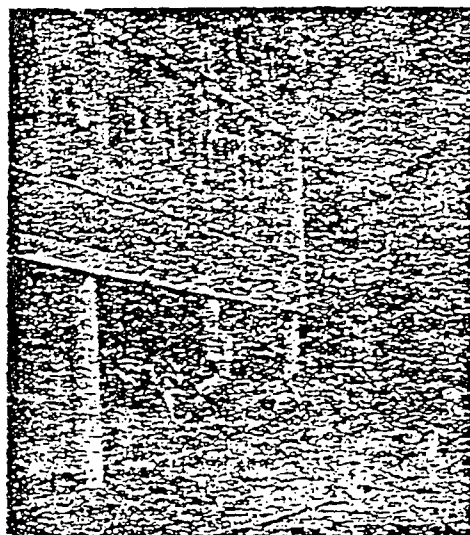
WOLKMANN, Martin. Estudante de Teologia: Que se faz lá atualmente? In: Folha Dominical. n. 44, ano 83, p. 1, 03.11.1968.

VOLKMANN, Martin. Estudante de Teologia: Que se faz lá atualmente? In: Folha Dominical, n. 44, ano 83, p.1, 03.11.1968

Faculdade de Teologia Que se faz lá atualmente?

Todos, principalmente os relacionados com o trabalho agrícola, sabem que a terra, para dar frutos, precisa ser cuidada. Antes de se plantar é necessário lavrá-la, tirar as pedras e os pedregulhos, adubá-la e daí apenas plantar a semente. Quanto maior for o cuidado antes do plantio e durante o crescimento, tanto maior e melhor será a colheita. Caso semelhante se dá com a Igreja. Ela só tem razão de ser se ela pregar o evangelho, e sua existência está baseada nesta pregação do evangelho. Esta, sem dúvida, se dá por todos que se confessam cristãos, em especial, porém, pelos pastores. A eles compete anunciar dominicalmente a boa nova. Para tal, no entanto, é necessário que estejam preparados. Precisam uma base teológica segura e ampla, não só para pregarem corretamente o evangelho, mas também para atingirem com sua pregação um maior número de pessoas possível, donde quer que provenham. Para tal justamente é necessário haver uma Faculdade de Teologia. Nela as pessoas são preparadas a testemunharem o Senhor. Uma Igreja não pode, pois, existir sem um estabelecimento, que se interessa pela formação de novos pregadores. A Igreja e a Faculdade de Teologia, portanto, estão intimamente relacionadas uma com a outra. Por esse motivo também se faz necessário que os membros de nossa Igreja saibam o que acontece em nossa faculdade.

Um ponto que nos deixa extremamente contentes e esperançosos para os anos vindouros é o constante aumento do número de estudantes. Até 1984/85 ingressavam anualmente em média 10 estudantes. Nos últimos dois anos esse número praticamente dobrou. Em 1987 chegaram 18 novos estudantes e



neste ano 19. Qual a razão desse grande número? Até 1984 praticamente só era possível ingressar na faculdade tendo concluído o Instituto Pré-Teológico. Isso mudou, sendo possível agora matricular-se tendo concluído qualquer curso secundário. A partir de 64 também foi feita intensa divulgação do estudo na faculdade. Isso trouxe com que agora mais da metade dos novos estudantes provêm de outros colégios. Esse fato implica em vários problemas, que até agora não estão completamente solucionados. Esses estudantes provenientes de outros colégios não têm conhecimentos de grego e às vezes nem de alemão.

(continua na 2.ª página)

VOLKMANN, Martin. Estudante de Teologia: Que se faz lá atualmente? In: Folha Dominical, n. 44, ano 83, p.1, 03.11.1968

do RGS. Já no próximo semestre, ou seja em junho de 1968, o número será bem maior: oito candidatos ao exame. A partir daí o número de novos pastores será sempre maior, ou seja, em média doze por ano.

Atualmente não há nenhum estudante fazendo estágio. Antigamente era obrigatório. Isso tinha suas vantagens, mas também desvantagens. Uma vantagem é que a gente vê por onde está estudando aqui. Mas uma grande desvantagem é que geralmente o estudante está completamente sozinho numa comunidade sem ter o preparo necessário. Isso não significa que estejamos já agora trabalhando nas comunidades. Há muitos estudantes que atendem a comunidades nas férias. Cada domingo também há mais de um estudante dando culto na comunidade de São Leopoldo, redondeza esta que às vezes vai bem longe. Além disso várias JEs são dirigidas por estudantes de teologia. São tudo sinais de que nós não esquecemos que nós estamos aqui.

Um elemento muito importante na vida da faculdade e cuja inexistência não se pode mais imaginar é o Centro Acadêmico D. Ernesto Schilleper (CADES), que congrega todos os estudantes matriculados, 68 atualmente. Além da assistência aos alunos, das programações culturais e esportivas — continuamos fiéis ao dito latino: mens sana in corpore sano — a nossa retórica, eleita e empossada em fins de agosto, visa um intercâmbio com os estudantes de outras faculdades de Teologia. Em anos anteriores já havia um contato muito proveitoso nesse sentido, que aos poucos começa a ressurgir. Esse contato se faz necessário, porque nós aqui no Morro do Espelho estamos completamente desligados da vida da Universidade, de seus problemas e de suas programações. Por isso o contato com os estudantes universitários evangélicos é importante, tanto para nós como para eles: ambos só podem ganhar com isso.

Outros encontros, aos quais o CADES deu grande valor, foram os com o curso intensivo. Estivemos duas vezes retidos aqui na faculdade, quando discutimos assuntos teológicos e o trabalho prático, mais precisamente o trabalho com a JEC. Esses contatos com os participantes desse curso foram muito proveitosos para todos nós, pois mais tarde estaremos trabalhando juntos nas comunidades de nossa Igreja.

Mas aqui na faculdade não há só os estudantes. Há também os professores. E também sobre eles deve-se falar, sem eles não haveria a faculdade. Nosso diretor e professor de teologia prática P. Weingaertner está atualmente na Alemanha, onde defenderá sua tese de doutorado sobre a Vida da Igreja. Permanecerá lá até fevereiro, sendo que atualmente dá aulas em teologia prática. Em princípios de setembro de 1968 o seu trabalho aqui na faculdade como professor de Novo Testamento o Dr. Gottfried Brakemeler, que estivera na Alemanha por dois anos, onde também defendeu tese. Dr. Brakemeler está fazendo todo o seu trabalho em português. Anteriormente não era necessário, mas atualmente isso é uma necessidade, pois há colegas, que não entendem praticamente nada de alemão, outros pouco. As aulas de outros professores, p. ex. de Novo Testamento e Sistemática, são traduzidas no momento por alguns estudantes para esses que não entendem em alemão.

Essa é a vida na faculdade. Muitas perguntas talvez respondidas. Mas muitos talvez queiram conhecer nos pessoalmente mais de perto. Venham visitar-nos! Estamos dispostos a recebê-los e mostrar-lhes o que se faz aqui.

Faculdade de Teologia (cont. da 1.ª página)

Temos agora, logo no início do estudo, cursos regulares de alemão e grego, indispensáveis ainda — o grego sempre o será — ao estudo de teologia. Isso significa que praticamente um ano e meio esses estudantes só estudam línguas, pois além do curso de grego, que é feito no primeiro ano, há no primeiro semestre do segundo ano ainda o curso de hebraico, língua em que foi escrito o Antigo Testamento. Isso requer muita força de vontade e dedicação do estudante logo no início: ele quer estudar teologia, mas esses cursos aparentemente não têm nada a ver com teologia. Por isso não são raras as exclamações ao término do segundo ano: Agora está dando graça; agora tudo fica mais concreto!

Entre os estudantes contamos atualmente com três moças, que estudam teologia como os rapazes também e que mais cedo ou mais tarde se formarão aqui. Na Europa já há em vários países mulheres desempenhando a função de pastoras. Na nossa Igreja isso é algo novo, e desde já devemos pensar no que será delas, quando terminarem o curso.

Falamos até agora só dos novos estudantes, daqueles que apenas iniciaram o curso. E ninguém se forma? No ano passado cinco concluíram o estudo aqui, quatro em junho e um em novembro. No primeiro semestre deste ano formaram-se os pastores col. Carlos F. R. Dreher (atualmente em Três Passos); Rolf Vitor Ruppenthal (Novo Hamburgo) e Manfredo Siegle (Santa União da Vitória, SC). Atualmente estão se preparando para o primeiro exame teológico os colegas Werner Dietz, Darci Drehmer, Hildor Reinke e Ingo Wulfhorst, todos eles

ANEXO 10

MANSKE, Lorita. A Estudante de Teologia. In: Folha Dominical, n. 26, ano 84, p. 1, 29.06.1969.

MANSKE, Lorita. A Estudante de Teologia. In: Folha Dominical, n.26, ano 84, p.1, 29.06.1969

A ESTUDANTE DE TEOLOGIA

Fato incontestável que vivemos num país onde elevado potencial humano ainda não compreendeu, ou não quer admitir elemento feminino está apto a ocupar um cargo integral administração pública, seja: civil, política ou religiosa.

Apesar do rápido progresso do desenvolvimento tecnológico e ascensão prodigiosa da industrialização, existe um sem-número de tradicionalistas que se obstinam em negar à mulher a situação que condiga com suas aspirações. Podemos, por um lado, constatar com satisfação que no campo da medicina, jurisprudência, sociologia, imprensa, arquitetura, política este problema já foi praticamente sanado.

Estamos, agora, diante de um problema completamente novo em nosso país: a mulher no campo religioso.

Quando um pequeno número de moças (3) decidiu estudar teologia em nossa FACTEOL, isto causou: admiração, choque, elogios, críticas, aprovação e desaprovação.

Assim a moça que decidiu estudar teologia foi lançada num mar de controvérsias: por um lado ela é admirada por sua coragem de dedicar-se a uma tarefa tão árdua, sem saber o que lhe espera no futuro; por outro lado, a cúpula eclesial não reconhece, atualmente, o seu valor; os mais velhos batem o pé no chão e afirmam que o lugar da mulher é na cozinha. Como somos todos democratas, faz-se então uma votação e pode ingressar na faculdade porque houve mais votos em favor.

All ela se defronta com uma série de problemas e exigências porque a Igreja (o povo escolhido de Deus) cria um mito em torno do estudante de teologia. Ele é visto como que sendo o melhor do mundo, ele é um santo! Ele não pode beber uma dose de cachaça, pois é estudante de teologia!... Os jovens de sua turma usam cabelos longos, bigode, cavanhaque... porque estão estudando; ele não pode porque é estudante de teologia!... 90% das moças usam saia curta, ela não pode — porque é estudante de teologia!... Ela nunca ouve: — Você tem direito a fumar ou aquilo...; mas sim: — Você "pode" tomar as refeições em conjunto, pois pode ser que os rapazes fiquem "mais satisfeitos". Você "pode" fazer devocionais porque todos costumam fazer.

Nas férias ela recebe convites para praticar. Ela prega, se dedica ao trabalho da comunidade, lida com jovens, e ao voltar a cúpula pergunta: — Ela usou talar? Mas como, sem receber uma licença especial para tal?, como se isso fosse o mais importante.

Mas, até hoje, ninguém lhe disse qual sua função após formada. Ninguém vê que ela necessita de apoio e estímulo. Ninguém vê que ela está na faculdade para arranjar um marido.

Não, prezados leitores, não é esta a realidade.

Eu posso, conscientemente, responder que estudo teologia em resposta a um chamamento de Deus. Não por sentimentalismos religiosos, mas sim porque Deus abriu meus olhos para as necessidades a serem atendidas.

Na Finlândia, há mais de 30 anos, a teóloga vem desempenhando cargos no trabalho da Igreja.

Na Alemanha o número de teólogas cresce dia a dia. Em 1967 trabalhavam 565 teólogas na EKD, das quais 221 têm sua própria comunidade.

Nas Filipinas, mulheres distribuem a Santa Ceia.

Na Suécia ela desempenha as mesmas funções que o homem.

Na Dinamarca, a comunidade de Norte Orslev, solicitou uma teóloga para assumir o cargo de pastor.

No norte da Noruega uma teóloga assumiu uma comunidade que nenhum pastor-homem quis assumir.

Há teólogas exercendo a função de pastor em presídios, tanto masculinos como femininos; em creches e orfanatos, em asilos, em sanatórios, em hospitais, em escolas e colégios, em faculdades e universidades.

Sabemos que em países evoluídos, como os acima citados, a mulher teve que lutar arduamente para obter colocação.

Sabemos que com a notícia da ordenação das primeiras 4 teólogas, na Dinamarca, 514 pastores assinaram um protesto no qual ameaçavam abandonar o cargo; mas tudo permaneceu em ameaças.

Sabemos que as declarações e convenções internacionais acerca da declaração dos direitos humanos de 10-9-1948, no Art. 21. 2, garantem a toda pessoa acesso a cargos públicos em sua terra, independente de diferenças raciais, cor, sexo, língua, religião etc. (Art. 2)

A 20 de dezembro de 1952, a assembléia magna da ONU adotou uma convenção sobre os direitos políticos da mulher.

Segundo o Art. 3 da convenção, os direitos da mulher são colocados na mesma linha e sem discriminações dos do homem: no que tange à ocupação e exercício de cargos públicos, uma vez regularizados pelos códigos nacionais. Uma vez que não se encontram leis que vetam cargos públicos à mulher, nos códigos brasileiros, colocamos a direção da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil diante da pergunta: — Que farão vocês com a teóloga brasileira? Que tarefa lhe darão quando ela se formar?

Perguntamos também aos pastores do Brasil: Que reunião terão vocês quando nos quisermos começar a trabalhar? Apoiar-nos-ão ou serão contra nós?

Lorita Manske — estudante de teologia (30-5-49)

ANEXO 11

Muros caem ... In: Jornal Evangélico, n. 17, ano 88, p. 9, 01.09.1973.

Muros Caem... In: Jornal Evangélico, n.17, ano 88, p.9,
01.09.1973

REPORTAGEM

MUROS CAEM...

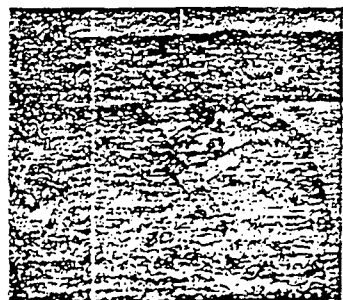
O SERVIÇO DE UMA PASTORA NAS COMUNIDADES LUTERANAS DE ESPÍRITO SANTO FOI UM SUCESSO

Na comunidade de Vitória, dia 3. 7. 73, às dez horas, uma mulher de talar fazia uma pregação sobre o homem que convidou amigos para um banquete. Pouco antes ela havia feito dois batizados. Os presentes ouviam atentamente e chegavam a torcer o pescoço para sintonizar melhor. Naquele dia ninguém dormiu. Havia bastante clareza na espianação. O culto foi muito bem dirigido, apesar da tensão nervosa em que se encontrava a "pastora".

UMA EXPERIÊNCIA BOA

A "pastora" era a Srta. Rita Panke que, a convite do Rev. Bruno Seibel, veio atuar na comunidade capixaba de Vitória. Mas mesmo antes de chegar, já havia convites para muitas outras comunidades, e o seu tempo limitado foi todo absorvido no Espírito Santo.

A Srta. Rita estuda na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Lute-



A mensagem da Bíblia não é outra.

rana no Brasil, em São Leopoldo, RS. Como os seus colegas masculinos, também ela aproveitou as férias para servir nas comunidades da IECLB, preparando-se, assim, para o futuro ministério.

A experiência, segundo os presentes, foi um sucesso. Não havia expectativa exagerada, e se falamos de sucesso é no sentido de tudo ter transcorrido normalmente. Não tanto assim também, porque percebeu-se que as mulheres se sentiam verdadeiramente em casa, isto é, inteiramente à vontade.

OUVIR A VOZ DA MULHER

Na saída os cumprimentos e o papo tradicional com o pastor — que era dos homens — desta vez coube às mulheres.

Numa roda Ela e elas: as velhinhas, as menos velhas e até as bem mais jovens. Não teve papo para os homens. Também, depois de mais de um milênio já era tempo de a mulher ouvir sua própria voz na Igreja. Isto é humano e cristão.

NÃO TÃO FORTE

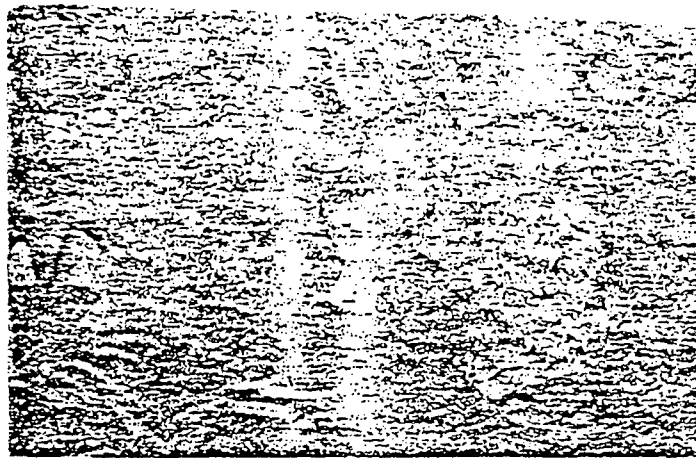
Depois do culto tivemos a curiosidade de perguntar a algumas pessoas sobre a impressão que levavam para casa. O resultado foi totalmente positivo. As mulheres naturalmente se manifestaram com entusiasmo. Os homens: "a gente se sente mais à vontade"; "elas falam mais simples, é como se estivessem lavando louça"; "as ameaças (exortações) não são tão fortes".

BEM-VINDO AS FUTURAS PASTORAS

O Conselheiro Dr. Henrique Bucher do Conselho Diretor da Igreja Ev. de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), disse: "Senti quantos muros devem cair, quantas portas devem ser abertas para que homens, mulheres, moços e crianças encontrem ressonância de seus anseios em outrem, sintam refle-



Finalmente chegou a vez das mulheres...



Quem dirige o culto esta vez, é a Pastora Panke.

tos de sua personalidade em outra pessoa (das lideranças) não se encontram, enfim, o caminho da comunicação com o seu semelhante e, por ele, a comunicação com Deus. Esta incursão mostrou que a moeta normalmente tem duas faces. Vimos a outra e achamos que é moldada à semelhança de Deus e, portanto, à imagem de Deus. Por isso saudamos as futuras pastoras".

TAMBÉM NO RIO UMA PASTORA

A primeira pastora no serviço integral de comunidade da IECLB é a sra. Elisabeth Moltmann. Ela estudou teologia na Faculdade da IECLB em São Leopoldo, RS, onde fez o seu primeiro exame teológico em junho de 1970, tendo sido pioneira do sexo feminino ao se

formar em teologia. Indo à Alemanha para estudos de pós-graduação, casou-se com o Sr. Bernhard Moltmann, completando a sua formação teológica com a prestação do segundo exame teológico em abril do corrente ano, sendo ordenada em 21 de maio pelo Bispo Kurt Scharf.

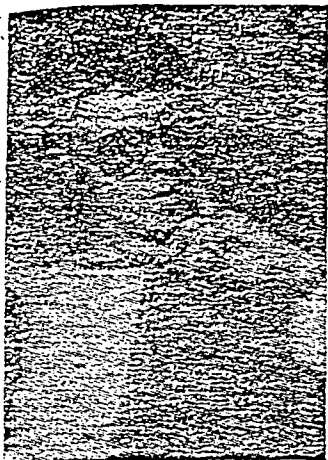
Aproveitando uma Bolsa de Estudo do Governo Brasileiro, o Sr. Moltmann está pesquisando nos arquivos nacionais para doutorar em Ciências Políticas e História. Acompanhando seu marido, a sra. Pastora Moltmann veio ao Brasil, licenciando-se pela Igreja Evangélica da Alemanha, para trabalhar durante determinado período na Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro.

Apresentaremos a Rev. Moltmann no próximo número do JORNAL EVANGÉLICO.

ANEXO 12

A Pastora Elisabeth. In: Jornal Evangélico, n. 18, ano 88, p. 5, 15.09.1973.

_____, _____. A Pastora Elisabeth. In: Jornal Evangélico, n.18, ano 88, p.5,
15.09.1973



A PASTORA ELISABETH

— "A profissão que abracei, eu sabia, não deixa de ser motivo de forte tentação para querer convencer os outros de opiniões pessoais e valorizar excessivamente a própria personalidade. Mas, meu cuidado está em apenas me fazer entender e que as outras pessoas se sintam bem em minha companhia." São as palavras de Elisabeth Moltmann, 24 anos, primeira mulher brasileira a ser ordenada pastora luterana.

das mãos do Bispo berlinense Scharf.

A pastora Elisabeth é taxativa em dizer que não consegue entender que "haja alguma diferença qualitativa referente ao papel do homem e da mulher na Igreja de Cristo", embora reconheça que nem todas as Igrejas, mesmo luteranas, pensem do mesmo modo.

Gosta de natação, mas sente que só nas férias arranjanje tempo para ir à praia. Não perde filme, de interesse político e social sobretudo, e a primeira medida que tomou ao voltar ao Brasil, foi comprar as crônicas de Fernando Sabino, um dos autores prediletos, depois dos livros de Teologia. Quando pode, vai a um concerto de música e ajuda na cozinha. Mais do que a cozinha alemã, aprecia a

brasileira, a francesa, a italiana e um vinho de boa qualidade, não importando a nacionalidade.

OS FILHOS

Apesar de dedicar grande parte do tempo a atividades em prol da Igreja, que para isso lhe paga, faz questão de insisar, a reverenda Elisabeth tem como norma nunca deixar que a vida em família passe a um segundo plano. Afeiçãoada ao lar e vivendo com a mãe, declara que é uma alegria muito grande viver em família e que deseja "ter tantos filhos quantos puder criar com responsabilidade."

Não sabe ainda onde residirá definitivamente, pois o marido

deverá voltar à Alemanha no princípio do próximo ano. E isso não parece preocupá-la muito, ainda que confesse um apego natural à terra onde nasceu.

— Estamos tentando, e dois, chegar a uma nova definição do que seja pátria.

Além do sermão de pregar quando o caso, de administrar os sacramentos, a pastora sente-se feliz também em trabalhar pelas crianças do Morro de Cantagalo, preocupando-se em preparar um grupo de pessoas que possam continuar o trabalho quando tiver de ausentar. Muitas horas de dia, ela passa visitando membros da comunidade ou também velhos e doentes num asilo em Jacarepaguá. E duas vezes por semana dá aula de Religião na Escola Suíço-Brasileira. Entende-se por isso que não lhe sobra tempo para querer saber se a Igreja a que serve tem mais aceites no presente ou no passado:

— Tenho muito que fazer.

JORNAL DO BRASIL

UM HORIZONTE

Os fiéis que frequentam a Igreja luterana, em Ipanema ou no Centro, conhecem bem já aquela moça loira de fala tranqüila, de juízo acurado e aberto, e para a qual pregar "é uma forma de ajudar as pessoas a refletir sobre o ambiente em que vivem tendo como horizonte o Evangelho."

Gaucha de Panambi, bisneta de suíço, a mais velha de sete irmãos, depois de passar quatro anos e meio em São Leopoldo estudando Teologia — onde conheceu aquele que se tornaria seu marido — passou os últimos dois anos em Berlim fazendo um curso de pós-graduação que culminou com sua ordenação em maio passado.

ANEXO 13

Carta do Reitor da EST aos distritos Eclesiásticos e às OASEs distritais da IECLB,
19.02.1990

EST



ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
Rua Martin Lutero, 291 - Caixa Postal 14
Fones: (0512) 92-1763 - 92-3288 - 93001 - SÃO LEOPOLDO - RS



EST nº 061/90
DRS/rt

São Leopoldo, 19 de fevereiro de 1990

Aos Distritos Eclesiásticos e
às OASEs distritais da IECLB

Prezados irmãos e irmãs:

Na reunião de setembro de 1989 o Curatório da Escola Superior de Teologia apreciou a proposta da criação de vaga docente que tivesse como preocupação fundamental a reflexão teológica a partir da ótica da mulher. Embora reconhecendo a importância e a urgência do assunto, o Curatório propôs que se buscasse ampliar o círculo da discussão, envolvendo também os distritos e grupos de OASE da IECLB. O texto desta carta, elaborado por uma comissão constituída pelo Curatório e assessorada por pessoas engajadas no assunto, tem o objetivo de fornecer alguns subsídios e motivar a discussão do assunto. Espera-se receber as respostas até o fim do mês de abril para que na próxima reunião do Curatório, no dia 15 de maio de 1990, já possa haver nova deliberação sobre o assunto.

A presença de mulheres na teologia não é fato novo na IECLB. Desde a década de 60, a Faculdade de Teologia da IECLB vem aceitando o ingresso de mulheres para o curso de Teologia. Desde então vem crescendo o número de interessadas neste curso, mas, em contrapartida, o espaço e as possibilidades de uma reflexão teológica na perspectiva das mulheres não têm sido proporcionalmente concedidas.

O estudantado, tanto mulheres quanto homens, tem se preocupado com a pouca valorização dada às mulheres no estudo da Teologia. Esta questão foi amplamente debatida na Semana Acadêmica de 1986, da qual surgiu uma comissão com a incumbência de estudar o problema e de encaminhar as reivindicações do estudantado para a criação de seminários e aulas que proporcionassem à mulher um estudo de Teologia sob a sua ótica. Alguns êxitos já foram obtidos nesta área, com a realização de dois seminários, o primeiro vindo a ocorrer no 1º semestre de 1987 com a teóloga Ivone Gebara sobre o tema "Cristologia e interpretação bíblica numa ótica feminista", e o segundo, no 1º semestre de 1989 com a teóloga Patrícia Castro, da Nicarágua, sobre o tema "Interpretação bíblica feminista".

Estes dois seminários foram muito importantes, mas representam apenas o começo de uma caminhada, pois sua duração foi relativamente curta. Para um maior aprofundamento, seminários de caráter ocasional não permitem continuidade do estudo. Por isso sentimos a premência da criação efetiva de uma cadeira específica de Teologia Feminista.

Em contatos anteriores com a OASE em nível regional e nacional tam se expressado uma grande dificuldade e até rejeição quanto ao termo "Teologia Feminista". Temos consciência que existem posições extremas dentro dessa teologia, principalmente na sua fase inicial, marcada por um radicalismo exagerado, levando a uma inversão de valores onde a mulher passava a oprimir o homem. Não queremos inverter os valores, mas torná-los igualitários, como o apóstolo Paulo o coloca em Gálatas 3.26-28. Para Deus, homem e mulher são iguais. Por isso também não queremos cometer o erro de sermos unilaterais no estudo dos textos bíblicos, mas antes, redescobrir a totalidade dos textos, verificando onde o papel da mulher foi esquecido ou tão pouco considerado que acabou não tendo importância. Sobretudo não queremos abandonar o caráter cristão da fé, a qual não admite uma fundamentação da teologia com bases pagãs. Na Bíblia, as mulheres desempenham um papel importante. Em muitas oportunidades, Jesus, p.ex., valorizou a mulher, ao contrário do que costumava acontecer em sua época. Hospedou-se na casa de uma mulher, Marta (Lucas 10.38). Ajudou a mulher estrangeira pela qual seus discípulos se sentiram incomodados (Mateus 15.21ss.). Aceitou a mulher adúltera que pela lei de seu povo

Carta do Reitor da EST aos distritos Eclesiásticos e às OASEs distritais da
IECLB, 19.02.1990

E
S
T



ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

Rua Martin Lutero, 291 - Caixa Postal 14

Fones: (0512) 92-1763 - 92-3288 - 93001 - SÃO LEOPOLDO - RS



devia ser morta a pedradas (João 8.1ss.). Como exemplo de como dar sua contribuição para o reino de Deus, apresentou não os ricos que davam muito dinheiro, mas uma viúva pobre que deu pouco, mas o pouco era tudo quanto tinha para viver (Marcos 12.41ss.). Quem ficava com Jesus até os últimos momentos de sua vida, até a sua morte na cruz, eram algumas mulheres (Mateus 27.55; Marcos 15.40; João 19.25). As primeiras testemunhas da ressurreição do Mestre eram, de acordo com o relato unânime dos quatro evangelhos, igualmente mulheres (Mateus 28.1ss.; Marcos 16.1ss.; Lucas 24.1ss.; João 20.1ss.). Os primeiros missionários cristãos começaram seu trabalho de pregação da boa nova, às vezes, entre mulheres, como, p.ex., o apóstolo Paulo na cidade de Filipos, onde a primeira convertida foi uma mulher, Lídia (Atos 16.11ss.). Entre as pessoas às quais os apóstolos mandam saudações, em suas cartas, são mencionadas expressamente também mulheres (p.ex. em Romanos 16 e 1 Coríntios 16). São apenas alguns exemplos que mostram quanto espaço as mulheres ocupam na Bíblia. Por isso achamos importante que sejam criadas melhores condições de se refletir sobre questões teológicas na perspectiva das mulheres.

Resumidamente, o objetivo que se visa com a proposta da criação de uma cadeira específica na EST, é a busca de uma leitura e compreensão da Bíblia e da teologia, conforme a tradição evangélica luterana, leitura e compreensão esta que procure resgatar a experiência e a valorização das mulheres para dentro da realidade das nossas comunidades, da nossa sociedade e mesmo no contexto latino americano.

Convém lembrar que a criação da referida vaga não terá reflexos apenas na formação de pastores/as, mas contribuirá para o trabalho que a Escola Superior de Teologia realiza através de outros institutos: na formação de catequistas (Instituto de Educação Cristã), na pesquisa teológica (Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião) e na formação de leigos (Instituto de Capacitação Teológica Especial).

Agradecemos pela sua colaboração e participação na busca de uma solução que considere as necessidades das comunidades à luz dos desafios do Evangelho.

Saudações fraternas

Danilo R. Streck - Reitor

(Pela Comissão)

ANEXO 14

Carta do Centro Acadêmico ao Conselho Acadêmico da EST 14.06.90

Carta do Centro Acadêmico ao Conselho Acadêmico da EST 14.06.1990

São Leopoldo, 14 de junho de 1990.

Ao

Conselho Acadêmico

Ass.: Parecer quanto ao nome da cadeira de Teologia "Feminista".

Através desta viemos comunicar a posição que o estudantado assumiu, na assembléia ordinária de 30 de maio, com respeito à cadeira aprovada pelo Curatório em 15 de maio do corrente ano. Conforme determinação do mesmo ao Conselho Acadêmico quanto à decisão pelo nome da referida cadeira, o estudantado optou, por unanimidade, pelo nome de "Teologia Feminista". Assumindo uma luta que se estende desde a Semana Acadêmica de 1985, cremos ser este o termo que melhor expressa a totalidade do conteúdo. Baseamos nossa posição também nos subsídios da Comissão Pró-teológica.

Atenciosamente.

Estela Loren Wilke

Ilton BTL

ANEXO 15

Carta do Reitor da EST ao CD, ao Curatório da EST e às Representantes da OASE,
19.11.1990

S
I



ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL
Rua Martim Lutero, 291 - Caixa Postal 14
Fone: (0512) 92-1763 - 92-3288 - 93001 - SÃO LEOPOLDO - RS



EST Nº 674/90
DRS/rr

São Leopoldo, 19 de novembro de 1990

Ao
Conselho Diretor da IECLB
Curatório da EST
Representantes da OASE

Prezados/as irmãos/ãs:

Com o crescimento do número de estudantes mulheres e com a movimentação das mulheres em vários níveis (dentro e fora da Igreja) a necessidade de uma reflexão teológica mais específica da perspectiva da mulher foi se evidenciando como uma prioridade na EST. Durante vários anos (desde 1985) o assunto foi trabalhado em seminários, em aulas, palestras e encontros. Nessa discussão consolidou-se a criação da vaga, bem como a sua denominação - "Teologia Feminista".

Temos consciência de que o nome "Teologia Feminista" é polêmico e não corresponde às expectativas de grande parte dos membros das comunidades, conforme pudemos perceber nas cartas que recebemos. Por outro lado, deve-se reconhecer que não há neste caso uma designação alternativa isenta de qualquer conotação ideológica e que pudesse ser plenamente aceita por todos/as. O estudo anexo, da Comissão Pró Teóloga, procura trazer à tona alguns pressupostos subjacentes aos termos "Teologia Feminista, Teologia Feminina e Teologia da Mulher". Em outras palavras, as opiniões manifestadas nas cartas (e que não representam um consenso) foram levadas a sério e avaliadas antes da decisão pelo Conselho Acadêmico.

Além da argumentação mais conceitual e ideológica, houve também um argumento de ordem técnica, que foi decisivo na votação da matéria e que, a meu ver, foi responsável pela unanimidade no Conselho Acadêmico. Argumentou-se que além de traduzir mais adequadamente o que se espera da cadeira, a designação Teologia Feminista é um termo técnico usado no mundo acadêmico e, por isso, de certa forma abrange as diversas variantes analisadas.

Talvez deva explicar que não se trata da contratação de alguém que apenas lecionaria a disciplina "Teologia Feminista" nos cursos da EST. Na descrição da vaga se destacou que a referida docente estaria integrada em um dos departamentos (conforme sua especialização), assumindo também atividades letivas, em outras disciplinas. Diante da crise financeira isso naturalmente pode significar o não preenchimento total ou parcial de outra cadeira, conforme as necessidades. Parece que o importante, neste momento, é dar espaço e força a esta questão muito urgente na discussão teológica e na vida da Igreja. A limitação financeira certamente nos obrigará a uma revisão de prioridades e de acentos, mas acreditamos que isso faz parte da dinâmica da instituição.

Agradecemos pelo apoio à criação da cadeira, bem como pelos comentários críticos que certamente serão importantes para orientar a tarefa da docente a ser contratada. A escolha do nome da cadeira não desconsiderou esta participação havida, mas priorizou o resultado de uma longa reflexão sobre esta questão específica na EST e em outros grupos de mulheres. Aliás, a polêmica do nome parece ser, em si, um argumento a favor da real necessidade de aprofundar a análise e a reflexão tendo como ponto de referência a situação da mulher. É nosso sincero desejo de que a cadeira recém criada possa contribuir para isso.

Cordiais saudações

S. Don S

ANEXO 16

Carta da Comissão Pró-Teóloga às Comunidades da IECLB, 11.06.1990

São Leopoldo, 11 de junho de 1990.

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA	
n.º 345 790. 11 de 90	
q. D. 100	
CE. 10000	

Prezados membros,

Conforme pedido de Danilo Streck a comissão Pró-teóloga, a comissão estabelecida pela reunião do Conselho Coorednador do CADES, junto a comissão Pró-teóloga, vem por meio desta fornecer subsídios acerca dos possíveis nomes para a cadeira de teologia "feminista", aprovada pelo Curatório em 15 de maio p.p. A nossa tarefa, portanto, se limita a uma diferenciação do caráter ideológico dos nomes de "teologia feminista", "teologia (na perspectiva) da mulher" e "teologia feminina".

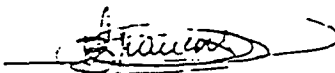
1. Teologia "Feminista": é uma teologia que tem como específico a questão das mulheres (no seu coletivo), tanto na sua experiência de opressão, quanto na sua experiência de resistência e luta por libertação. Esta especificidade, no entanto, não se reduz a uma polarização sexista da dominação de todas as mulheres pelos homens, mas deve ser compreendida a partir da visão aristotélica de dominação, que inclui todas as formas de dominação na organização da nossa sociedade. Ela é uma teologia crítica que, a partir do seu específico, busca abranger todas as formas de opressão, valendo também o inverso, do amplo para o específico. Neste círculo hermenêutico, a teologia Feminista prioriza a questão das mulheres sem se perder na sua amplitude como a Teologia da Libertação, por exemplo, que não consegue com a sua proposta libertadora atingir os aspectos conjunturais de certas opressões específicas, como a opressão racial -negros e indígenas- e a opressão sexista. A teologia Feminista tem como denominador comum junto a outras lutas por libertação, a consciência de impotência perante a história, ou seja, a consciência de dominação por um poder que não lhes permite criar a própria história. Ela reivindica um espaço autônomo enquanto ciência dentro da teologia em geral. Somente com esta liberdade será possível haver um deslocamento do eixo androcêntrico do discurso teológico para uma compreensão feminista de mundo, de cultura humana e de história. Concluindo, a teologia Feminista não quer redescobrir ou revalorizar certos aspectos das mulheres que outrora "apenas" foram esquecidos e nem criar uma polarização sexista, mas, a partir de sua especificidade, humanizar toda a teologia, história e cultura, valorizando o ser humano como um todo.

2. Teologia "da Mulher": como já diz o nome, é uma teologia feita no singular, que, muito embora seja importante, se preocupa mais com os feitos individuais de mulheres ou se preocupa em redescobrir a história da mulher naquilo que é óbvio e não pode ser negado (por exemplo, publicações sobre "A mulher na Bíblia"). Retomar a história da mulher na Bíblia e na história é

Carta da Comissão Pró -Teóloga às Comunidades da IECLB, 11.06.1990

porém, um aprofundamento à questão do submetimento da mulher ao silêncio, da sua ausência objetiva e ocultamento proposital de sua história na Bíblia, na Igreja e na sociedade.

3. Teologia "Feminina": tem como proposta a valorização da mulher, a partir daquilo que ela julga ser seu específico, ou seja, o feminino. Ao feminino pertence o lado humano negligenciado e reprimido, já que as relações da sociedade se definem pelo masculino. Valores como a doação, a passividade, a afetividade, a emoção, a capacidade de resignação, etc, são vistos como próprios e naturais às mulheres como sexo, sem se questionar se são estereótipos tradicionais condicionados ao gênero feminino. Por isso, uma teologia Feminina não é crítica, por não fazer uso de um instrumental hermenêutico de questionamento aos condicionamentos que são dados tanto às mulheres como aos homens. Ela se limita a mera valorização da mulher e sua participação política apenas à simples presença nas estruturas e não como participação efetiva das mulheres como sujeitas de sua própria história.


p/ Comissão Pró-teóloga.

ANEXO 17

“Nossa igreja dá espaço à mulher”

ENTREVISTA Maryane Bayer Ehrat

"Nossa igreja dá espaço à mulher"

MARILENE RODRIGUES

▼ AGENCIA RBS/INDAIAL

Quando Maryane Bayer Ehrat veio ao mundo, em 1955, em Blumenau, ninguém imaginou que ali nascia a primeira pastora sinodal eleita por voto direto na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Maryane foi registrada em Rio dos Cedros e adotou a cidade como sua terra. Para cursar o ensino médio, voltou a Blumenau. A eleição do último dia 7 definiu o caminho traçado pela luterana, que tem como bandeira principal investir

nos seus membros. A pastora tem como missão representar, coordenar e orientar 86 mil membros do Sinodo Vale do Itajaí, que abrange Brusque, Itapema, Balneário Camboriú, Gaspar, Blumenau, Pomerode, Itajaí, Timbó e Benedito Novo, em 22 paróquias. Maryane é casada com o economista e industrial gráfico Gerhard Ehrat e mãe de Paul, 18. Mariana assumirá o Sinodo Vale do Itajaí no dia 30 de junho, no Sesi, em Blumenau, e permanecerá no cargo pelos próximos quatro anos.

Diário Catarinense - O que sente a primeira pastora sinodal eleita na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil?

Maryane Bayer Ehrat - Temos 18 Si-

nos em todo Brasil. A primeira a assumir o cargo, como substituta, foi uma colega da Amazônia. No pleito eleitoral, de estarmos junto e enfrentarmos a eleição, fui a primeira eleita. Temos uma estrutura volta à representação das comunidades. Cada comunidade é representada por uma pessoa.

DC - Os luteranos sempre dão espaços às mulheres?

Maryane - Nossa igreja é bastante aberta e dá muito espaço para o trabalho das mulheres em geral. Desde a década de 70, as mulheres vêm assumindo as pastorais. É o crescimento gradativo dentro da igreja para os cargos.

"Temos encontros políticos e abertos todos os anos"

DC - O que muda em sua função?

Maryane - Estou há quase 23 anos em ministério e já assumi a secretaria da igreja, cargo de confiança a nível nacional. Represento ainda o Sinodo no Conselho Nacional, no qual sou vice-presidente. A partir de agora assumo supervisão do Sinodo: lidarei agora com supervisão do Sinodo: liturgia, conferências de obreiros, na área teológica, orientação, e acompanhamento aos pastores, diáconos, catequistas e também as diretorias das paróquias.

DC - Como a pastora sinodal consegue administrar a função imposta pela religião; a vida pessoal com marido e um fi-



GIL VAP/NOVA AGENCIA RBS DC/IBL VIANNA

MARYANE: Desligando-se da empresa

lho, além da empresa da família?

Maryane - Também sou advogada, mas nunca exerci. Uso o aprendizado dentro do Sinodo. De 1995 até agora estava meio fora na igreja e meio turno na empresa. Vou deixar definitivamente a empresa da família e ficarei na carreira religiosa.

DC - Qual a diferença do evangélico luterano e do de confissão luterana?

Maryane - Confissão Luterana é vinda da Alemanha e adotamos a confissão, pois seguimos as antigas tradições desde a época da reforma. Nossa religião dá muita importância à origem de tudo. A Luterana também veio da Alemanha, mas passou pelos Estados Unidos. São os imigrantes que vieram não direto da Alemanha, mas como já estávamos morando nos Estados Unidos, vieram de lá para o Brasil.

DC - Como a senhora vê as denúncias de crimes sexuais envolvendo religiosos?

Maryane - Cada igreja tem que administrar todas as questões referentes a problemas ministeriais. É um assunto bastante restrito de cada uma. Não podemos esquecer é que todas as pessoas são passíveis de momento de fraquezas, mas sempre é o momento para recomeçar. Algumas igrejas têm mais problemas, principalmente onde os padres ou pastores não podem casar.

DC - Os evangélicos de confissão luterana participam da política partidária?

Maryane - Temos encontros de políticos anuais. São abertos. Procuramos dar aos políticos nosso entendimento da responsabilidade que temos na sociedade. Não apoiamos partidos, mas sim pessoas.

DC - A senhora se candidataria a um cargo político?

Maryane - No momento, não tenho esta prioridade.